



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

BRUNA SANTOS SILVA

**“TODA PERIFERIA É UM CENTRO!”: CARTOGRAFIA DO JOGO DE
LINGUAGEM SARAU OKUPAÇÃO**

FORTALEZA- CEARÁ

2020

BRUNA SANTOS SILVA

“TODA PERIFERIA É UM CENTRO!”: CARTOGRAFIA DO JOGO DE
LINGUAGEM SARAU OKUPAÇÃO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar.

FORTALEZA – CEARÁ
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Silva, Bruna Santos.

"Toda periferia é um centro!": cartografia do jogo de linguagem sarau Okupação [recurso eletrônico] / Bruna Santos Silva. - 2020.
107 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada - Mestrado Acadêmico, Fortaleza, 2020.

Orientação: Prof.^a Pós-Dra. CLAUDIANA NOGUEIRA DE ALENCAR.

1. Cartografia. 2. Okupação. 3. Sarau. 4. Agenciamentos. 5. Jogos de linguagem.. I. Título.

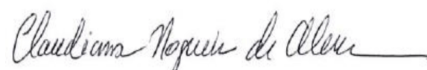
BRUNA SANTOS SILVA

“TODA PERIFERIA É UM CENTRO!”: CARTOGRAFIA DO JOGO DE LINGUAGEM
SARAU OKUPAÇÃO

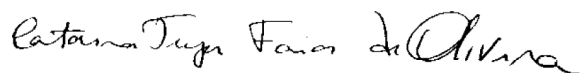
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada. Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Aprovada em: 17 de abril de 2020.

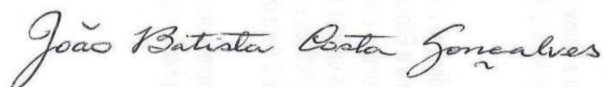
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira
Universidade Federal do Ceará – UFC



Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Para todxs que agenciam o sarau
“Okupação” e aos demais saraus de
autogestão da cidade de Fortaleza e
região metropolitana;

Para meus pais, Maria e Edmar;

Para meu companheiro, Jan. E para o
nosso pequeno, Pietro, que adoçou todos
os dias deste pequeno-longo processo de
escrita, desde quando ainda crescia
dentro de mim.

AGRADECIMENTOS

Acredito que tudo o que fica das nossas vivências é o que nos impulsiona a ser mais. E fico muito feliz em saber que na vivência que foi a construção desta dissertação, pude encontrar tantas pessoas que me impulsionaram a ser mais na e pela linguagem dos afetos. Queria, assim, agradecer cada (re) encontro bonito, ao longo deste pequeno-longo tempo. Gratidão muita!

Gratidão muita a todxs xs amigxs que agenciam o sarau “Okupação” e demais práticas periféricas na cidade de Fortaleza – CE e região metropolitana, que aceitaram de coração aberto a humilde contribuição que este trabalho busca gerar para essa luta gigante e diária de (re) existência. Em especial, agradeço ao amigo querido Baticum, que me acolheu tão bem sempre, junto com sua esposa e a gostosura da sua filha (estrelinha linda). Agradeço ao Talles, à Madame, ao Tlaloc, ao Naul, ao Souzinha e a galera do Lampião Encantado, à Mika, ao Historiador, à Adri, à Argentina, à Flor, à Monique, à Elane, à Ma Njanu e às manas do Pretarau – sarau das pretas, à Tetê, ao Rômulo, à Zenaide e ao Levi do Sarau das Artes, ao Reginaldo e à todxs do Templo da Poesia, à Deia, ao Éder, à Alanys, à Eduarda, ao Raphael, e demais pessoas lindas, que são exemplos de vida para mim.

Agradeço aos meus pais, Edmar e Maria, por todo o amor e por todas as lutas cotidianas, que me possibilitaram ter acesso ao privilégio que é a educação.

Agradeço ao meu companheiro Jan, que esteve ao meu lado durante todo esse processo. Obrigada por me ajudar a traçar cada linha de fuga e a cuidar do nosso pequeno. Diante do desafio que foi gestar, ao mesmo tempo, uma dissertação e um bebê, eu não conseguiria sem você. Amo vocês!

Agradeço aos meus irmãos Dani e Júnior que sempre cuidaram de mim, sempre me apoiando e motivando. E que agora me ajudam a cuidar, apoiar e motivar meu filho. Gratidão, gratidão!

Agradeço a toda minha família, tias, primxs e meu sobrinho Bernardo, que sempre me apoiaram em tudo. Gratidão!

Agradeço ao Seu Raimundo e à Dona Fátima, pais do Jan, pelo acolhimento.

Agradeço à minha amiga e orientadora Claudiana-FlorBela, (que é Flor e Bela e Doce e Guerreira e de Luta, Mulher!) que foi a principal pessoa a acreditar e me

motivar a tentar a pós-graduação. Minha parceira de conversas cartográficas nas madrugadas e no traçar destas linhas. Muita gratidão, Clau!

Agradeço a todxs as pessoas lindas que o “Viva a palavra” me trouxe, por me mostrarem que (re) existir junto é o poema mais forte que a gente pode escrever com (a)s palavras-Vida! Em especial, (Gí)lian, (Ozi)êlton, Altervir, William, Terena, Arleide, Vanusa, Claudinha, Mardhem, Dieguin, Mirian, Tati e todxs xs queridxs da Serrinha.

Agradeço tanto ao meu amigo querido, David, por todas as nossas conversas maravilhosas, pelas andanças, pelas compreensões. Gratidão!

Agradeço ao Rony(n), por sempre estar comigo, mesmo de longe. Pelas trocas musicais e pelas conversas que só a gente entende. (Cogumelos!)

Agradeço aos amigos Amanda, Gledson, Nicole, Bárbara e Aglailson por me acompanharem nesses tantos passos trilhados, obrigada por vocês me fortalecerem!

Agradeço aos amigxs, Jana, Emanuel, Daniel e Marquinho, por acreditarem no potencial que eu mesma, por vezes, não acredito. Ao Jony e ao Felipe, que tanto me ajudaram, na e pela política de seus desperdícios e de suas cosmovisões, a des(emaranhar) estas linhas.

Agradeço a todxs xs amigxs da B1, pelos momentos e afetos. Em especial, Hit, Mirton, Daniel e Samuel.

Agradeço aos professores do PosLA, em especial, à Dina. Agradeço à Catarina, ao João Batista, ao Marcílio e ao Lucineudo, pelas contribuições, em minhas bancas.

Agradeço a todxs xs colegas do PosLA, por todos os momentos partilhados.

Agradeço ao Ismael e à Jamille por toda atenção e apoio, em especial, durante minha gravidez.

Agradeço à Capes, que financiou e tornou possível esta pesquisa. Principalmente, nestes tempos sombrios para a educação e para a pesquisa brasileira.

“Quem tá na rua? É pra Okupar!
Quem tá na escola? É pra Okupar!
Quem tá na praça? É pra Okupar!
Se não tem moradia... Booommm!!!!
Vamo okupar!”

(Baticum!)

RESUMO

Esta pesquisa se faz como uma cartografia dos jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 2014) e agenciamentos (DELEUZE; GUATTARI, 2011b) que potencializam o sarau “Okupação”, esse realizado no Antônio Bezerra, bairro periférico da cidade Fortaleza (CE). Traçamos as linhas de uma “Okupação” e de toda uma rede maior de saraus e demais práticas autonomistas, que (re) existem em meio a um sistema capitalista desigual e violento, possibilitando, dessa forma, um *devir-rua-universidade*. Este trabalho parte de uma pesquisa no campo de uma Linguística Aplicada híbrida (LOPES, 2006) e transgressiva (PENNYCOOK, 2006), que percebe linguagem como uma trama fluida e movente (FABRÍCIO, 2006), como uma forma de vida (WITTGENSTEIN, 2014) e um modo de ação (AUSTIN, 1990) cotidiana de sujeitos reais, sob um comprometimento político e ético. Nessa direção, foi traçado, aqui, um corpo-periférico-autônomo, uma produção de subjetividade periférica autonomista. Mapeamos seus agenciamentos maquínicos de desejos e coletivos de enunciação como de (re) existência, ao compreendermos a prática do sarau, do(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação”, como outra possibilidade de vida na periferia da cidade. Para tal, traçamos vizinhanças entre o pensamento de Deleuze e Guattari (2011) que se volta para os processos de subjetividade no plano (de fuga) do *devir* e a perspectiva de jogos de linguagem das diversas formas de vida, concebidas por Wittgenstein (2014). Partimos também, aqui, de uma perspectiva antropológica nos estudos da linguagem no que diz respeito à pesquisa em Pragmática Cultural.

Palavras-chave: Cartografia. Okupação. Sarau. Agenciamentos. Jogos de linguagem.

ABSTRACT

This research is done as a cartography of language games (WITTGENSTEIN, 2014) and assemblages (DELEUZE; GUATTARI, 2011b) that enhance the soiree “Okupação”, this one held in Antônio Bezerra, peripheral neighborhood of the city Fortaleza (CE). We draw the lines of an “Okupação” and of a whole network of soirees and other autonomist practices, which (re) exist in the midst of an unequal and violent capitalist system, thus enhancing a becoming-street-university. This work is part of a research in the field of hybrid (LOPES, 2006) and transgressive (PENNYCOOK, 2006) Applied Linguistics, which perceives language as a fluid and moving plot (FABRÍCIO, 2006), as a way of life (WITTGENSTEIN, 2014) and a daily mode of action (AUSTIN, 1990) of real subjects, under a political and ethical commitment. In this sense, an autonomous peripheral body was created here, a production of autonomous peripheral subjectivity. We mapped their machinic assemblies of desires and collective statements from (re) existence, understanding the practice of the soiree, the language game (s) of the soiree “Okupação”, as another possibility of life on the outskirts of the city. To this end, we draw neighborhoods between the thinking of Deleuze and Guattari (2011) that turns to the processes of subjectivity in the (escape) plane of becoming and the perspective of language games of the different forms of life conceived by Wittgenstein (2014). We also start here from an anthropological perspective in language studies with regard to research in Cultural Pragmatics.

Keywords: Cartography. Okupação. Soiree. Assemblages. Language-games.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Homenagem a Bruna	31
Figura 2 - Conversa coletiva na Rua do Amor	35
Figura 3 - Homenageando Zenaide!	37
Figura 4 - Poesia de luta! <i>Slam</i> da Okupa!	38
Figura 5 - “Adote uma planta”	39
Figura 6 - Caic Ocupado!	56
Figura 7 - Arte e cultura na periferia (BIP)	62
Figura 8 - Mic(rofone) Aberto!	71
Figura 9 - Geladeiroteca /Geladeira de livros	72
Figura 10 - “A democracia em si é um fiasco...”	75
Figura 11 - “Emancipe-se”	76
Figura 12 - “Resistir é isso!”	78
Figura 13 - Comemoração dos dois anos do sarau “Okupação”	80

SUMÁRIO

1	“LUGAR DE POESIA!”: UM PASSO, UMA CONVERSA	13
2	“NÃO VOTE, LUTE!”: AUTONOMIA, AUTOGESTÃO E AJUDA MÚTUA	22
2.1	“Com arte e cultura (vai)”: de um plano de fuga.....	22
2.2	“Ninguém nos segura (é)”: de uma primavera periférica.....	33
2.3	“Ocupar é resistir (resistir)”: de uma fortaleza autonomista	48
3	“A RUA É NOSSA, A RUA É NÓS!”: UM USO, UM AGIR	65
3.1	“Territórios livres de todos os extermínios”: dos jogos de linguagem...	65
3.2	“Territórios livres de todos os massacres”: das linhas de fuga	73
3.3	“Territórios livres de todas as chacinas”: dos agenciamentos periféricos	78
4	“A FESTA DA POESIA!”: ENVEREDANDO POR UMA “OKUPAÇÃO”	82
4.1	“To-da-pe-ri-fe-ri-a é um cen-tro, oooo!!!”	82
4.2	“Só com a luta podemos mudar”	86
4.3	“Sem esse amor não dá pra existir!”	95
5	(IN)CONCLUSÕES	99
	REFERÊNCIAS	102

1 “LUGAR DE POESIA!”: UM PASSO, UMA CONVERSA

“Um livro de poesia na gaveta não adianta nada.
Lugar de poesia é na calçada.”

(Sérgio Sampaio).¹

Depois de cinco anos de memórias “enraizadas” muro acadêmico adentro, recebi meu diploma. E como quem tem uma dívida, assim, de cobrador, resolvi levar meu diploma para passear do lado de fora, na “selva de asfalto”, no agora. Hoje, meu diploma tomou um ônibus, enxugou o suor da testa, ouviu histórias feias, bonitas e silenciosas, deu “rolê”² no Passeio Público, encontrou deus nas ruínas de um edifício em frente à Catedral da Sé. Hoje, meu diploma quase morreu atropelado, contou histórias feias, bonitas e silenciosas, sentiu cheiro de cigarro, um gosto de sol (quente!), viu bicho, viu lixo, viu flor. Hoje, meu diploma quis ir pro mundo, dançar na rua (do Amor), gritar poesia de luta (no *Slam* da Okupa), abraçar um amigo e se sentir quase que menos sozinho no caos da vida, sem ansiedade, sem crise, em vias de (re) existir e sentir... Hoje, meu diploma se rebelou contra todas as gavetas.

Escrevi esse texto-poema, adaptado para esta pesquisa, em agosto de 2017, quando concluí minha graduação em Letras Português pela Universidade Estadual do Ceará e, enfim, recebi o tão esperado diploma. Assim, achei pertinente trazê-lo nesse início de reflexão, uma vez que *multiplica* minhas vivências na e pela linguagem da rua, que dizem respeito, principalmente, ao processo de construção desta dissertação.

Rebelar-se contra todas as gavetas tem sido, nesta travessia, ir de encontro a uma perspectiva que perceba a linguagem como fluida, *como uma trama movente* (FABRÍCIO, 2006)³, que implique, nesse sentido, considerar as práticas sociais cotidianas como práticas de conhecimento válido, em que se tenta “promover uma reflexão sobre estudos da linguagem fora dos ditames do eurocentrismo [...] a

¹ Trecho da canção “Cada lugar na sua coisa” de Sérgio Moraes Sampaio, cantor e compositor brasileiro. Suas canções se configuram segundo diversos estilos musicais como o Samba, o Choro, o *Rock and Roll*, o *Blues* e a Balada e se caracterizam por trazerem “a voz” marginal e crítica dos anos 70/80.

² Gíria utilizada, principalmente, entre os jovens. Significa sair, passear.

³ Entendemos, aqui, a perspectiva de *trama movente* segundo o que é defendido por Fabrício (2006), ao compreender o momento contemporâneo como fluido, de mudanças, principalmente, no que tende aos estudos da linguagem, pela “ideia de que a realidade natural se caracteriza pelo movimento, pelo fluxo e pela pluralidade” (FABRÍCIO, 2006, p. 53).

partir de uma perspectiva situada e crítica” (ALENCAR, 2013, p. 2). Assim, buscamos realizar, nesta reflexão, uma fuga do academicismo e de suas mitologias, uma fuga da perspectiva representativista e essencialista da linguagem nesse constante medo da morte⁴, ou, melhor dizendo, medo da vida⁵. Traçar, neste sentido, uma *linha de fuga* (DELEUZE; GUATTARI, 2011a) das *máquinas binárias* – ou princípios dicotômicos – que impelem os sujeitos a se reconhecerem como uma única forma de “ser”, tirando a possibilidade de toda e qualquer *multiplicidade* (DELEUZE; GUATTARI, 2011a) de ir-se em vias de “não ser”, ir-se em vias de “estar” de múltiplas formas.

Neste atravessamento para a rua, *desterritorializa-se* o saber científico, na tentativa de uma *ecologia de saberes*, em que:

A ciência possa dialogar e articular-se com outras formas de conhecimento e de saber, evitando a desqualificação mútua e procurando novas configurações de conhecimentos [...] Ou seja, uma luta contra o monoculturalismo autoritário, que não reconhece a existência de outras culturas [...] Tal política passa pela aposta num multiculturalismo progressista que saiba reconhecer as diferenças culturais e de conhecimento, e construa de modo democrático as hierarquias entre elas. (SANTOS; MENESES; NUNES, 2005, p. 24).

Trazer a rua para dentro da academia é destruir os “muros” de um conhecimento fundado por uma perspectiva de *Colonialidade do Saber* (QUIJANO, 2005), esta que entende o conhecimento científico eurocêntrico como predominante, como a única verdade válida, sob uma perspectiva hegemônica. Assim, ao considerarmos que “a linguagem é uma questão política, antes de ser linguística” (DELEUZE; GUATTARI, 2001b) compreendemos como as práticas culturais/sociais

⁴ “Searle interpretando Austin: A retórica do “Medo da morte” nos estudos da linguagem” é a tese de doutorado da Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar, orientada pelo Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan e concluída em 2005 na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Nesta pesquisa, Claudiana Nogueira estuda a estrutura retórica dos discursos teóricos sobre a linguagem visando refletir sobre a prática discursiva na produção do discurso científico, questionando-lhe o discurso cientificista, “o qual postula a adoção de determinados conceitos e determinado método de formalização como pressuposto de qualificação desse conhecimento” (ALENCAR, 2005, p. 13). A pesquisadora parte, nesse sentido, da análise do processo de produção, interpretação e distribuição do texto de Searle, de sua reformulação teórica da obra de Austin, por meio de uma abordagem crítico-discursiva (FAIRCLOUGH, 2001) condizente com o programa integracionista, concluindo que “as concepções tradicionais do discurso cientificista e positivista, bem como a sua retórica da formalização, configuram-se numa ordem de discurso específica aos estudos da linguagem, que, neste trabalho, denomino *medo da morte*”. (ALENCAR, 2005, p. 13).

⁵ Agradeço ao amigo e pesquisador Jony Kellson de Castro Silva, que, certa vez, em uma conversa informal sobre o “*medo da morte*” nos estudos da linguagem, mencionou tratar-se o medo da morte, na verdade, de medo da vida, a vida entendida em toda sua fluidez, nas linhas contínuas que se *desterritorializam* e se *reterritorializam* constantemente. Trago as palavras de Jony, aqui, nesta *multiplicação*, nesta contribuição: obrigada!

que destoam deste padrão hegemônico, são marginalizadas, como são propagadas as desigualdades, opressões e violências na e pela linguagem, no que diz respeito a um país que ainda é fortemente marcado pelas “feridas abertas” da colonialidade.

Dessa forma, compreendo também, nesta dissertação e nas minhas vivências cotidianas, que sou uma mulher branca, em uma sociedade racista. O que implica reconhecer, e, para tal, trago o olhar de Lourenço Cardoso (2010), historiador e sociólogo negro; que

A branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivo, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo. Uma pesquisadora proeminente desse tema Ruth Frankenberg define: a branquitude como um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros, e a si mesmo, uma posição de poder, um lugar confortável do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo (Frankenberg, 1999b, pp. 70-101, Piza, 2002, pp. 59-90). (CARDOSO, 2010, p. 611).

É imprescindível traçar o lugar racial da branquitude, na vida e aqui. Lugar este que foi construído sócio historicamente como hierárquico, sob linhas segmentárias e duras, *agenciando*, assim, práticas de silenciamento e extermínio, ao longo da história. Nessa direção, Lourenço (2010) distingui a concepção de branquitude em acrítica e crítica, mostrando a importância de se compreender a primeira como responsável pela naturalização de privilégios brancos, da superioridade hegemônica branca, já a segunda como contrária, referente aos brancos que buscam uma desconstrução crítica desses privilégios, os anti-racistas.

Classificadas em diferentes níveis hierárquicos, aqueles classificados socialmente como brancos gozam naturalmente de privilégios em virtude dessa classificação [...] Evidentemente, ninguém nasce racista, porém o argumento que a branquitude foi construída como lugar racial da superioridade é uma tese consensual entre distintos teóricos da branquitude (Hage, 2004, pp. 139-160). Esse argumento não é uma expressão injuriosa direcionada ao indivíduo branco, trata-se de uma crítica direcionada ao significado da branquitude como o lugar racial da superioridade (Steyn, 2004, pp. 115-137). A idéia de superioridade racial constituinte da identidade racial branca, não é um traço de essência, é uma construção histórica e social, por isso, pode ser desconstruída (Hall, 2003, pp. 335-349). Aliás, trata-se de uma tarefa a ser realizada cotidianamente por brancos anti-racistas, que vivem o conflito de, por um lado, pertencerem a um grupo opressor e, por outro lado, colocarem-se contra a opressão. (CARDOSO, 2010, p. 623).

É, nessa direção, que me reconheço como uma mulher branca consciente dos privilégios sociais provindos do lugar racial onde estou inserida, que, diante

desta consciência, busca a desconstrução desses privilégios, cotidianamente. Criticidade esta que me “mostra” como, neste país, a cor de pele significa poder, um poder que mata, simbolicamente e literalmente. Assim, mesmo sendo uma mulher, de família financeiramente humilde, que mora em um bairro periférico, como mulher-branca⁶ eu sei que algumas violências/desigualdades, que meus amigxs⁷ negrxs, inclusive, das vivências autonomistas, meu companheiro (negro) e meu filho (de cor de pele mais clara, mas, ainda assim, negro, filho de um pai negro) sofreram(rão), eu nunca vou sentir “na pele”.

Foi, dessa forma, que escolhi realizar esta pesquisa, assumindo a responsabilidade ética de construir esta reflexão sobre, para e com os sujeitos que agenciam o(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação”, na e pela sua(s) linguagem(ns). Assim, não busco “dar voz” a estas pessoas, aqui, pois não cabe a mim este papel, uma vez que estou partindo também do “meu lugar” e da “minha voz”; mas *agenciar* “com”, em direção ao *devir-rua* que se traça em cada *encontro*⁸ (DELEUZE; PARNET, 1998), em cada *agenciamento*.

O primeiro contato que tive com o sarau periférico aconteceu no ano de 2015, quando conheci o sarau da B1⁹, no bairro Jangurussu¹⁰, ao mesmo tempo em que vivenciava o contexto de saraus e de luta do bairro Serrinha¹¹ por intermédio do

⁶ É importante esclarecer que me posiciono, aqui, como mulher branca e não como pesquisadora branca, uma vez que, com esta dissertação, trago linhas anteriores à pesquisa, parte de minhas vivências, das que me (des)construíram como pessoa. Também é importante comentar que as práticas periféricas, entre elas o movimento autonomista, incluindo o de saraus, embora sejam realizadas, em sua maioria, por pessoas negras, uma vez que partem das e para as periferias, essas historicamente com predominância de pessoas negras; também são *agenciadas* por diversas pessoas que estão inseridas neste lugar racial histórico-social de branquitude (crítica).

⁷ O uso de “x”, ao longo deste trabalho, deu-se por respeito ao gênero que cada sujeito reconhece como seu.

⁸ “Dizíamos a mesma coisa para os devires: não é um termo que se torna outro, mas cada um encontra o outro, um único devir que não é comum aos dois, já que eles não têm nada a ver um com o outro, mas que está entre os dois, que tem sua própria direção, um bloco de devir, uma evolução a-paralela. É isso a dupla captura, a vespa E a orquídea: sequer algo que estaria em um, ou alguma coisa que estaria no outro, ainda que houvesse uma troca, uma mistura, mas alguma coisa está entre os dois, fora dos dois, e que corre em outra direção. Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, nada além de uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isso que faz, não algo de mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias, sempre “fora” e “entre” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 6-7).

⁹ Sarau periférico que acontece todo mês em uma pracinha do Conjunto São Cristovão, no bairro Jangurussu.

¹⁰ É um bairro da cidade de Fortaleza – Ceará, situado na Secretaria Executiva Regional VI do município.

¹¹ É um bairro da cidade de Fortaleza – Ceará, situado na Secretaria Executiva Regional IV do município.

programa de extensão de minha orientadora, o “Viva a Palavra”¹². Neste momento inicial, vivenciei diversas ações do programa, em diálogo com os movimentos sociais do bairro Serrinha, como a construção de saraus de sensibilização e de luta. E vivenciei também as edições do sarau “da B1”, onde tive conhecimento dos outros saraus que começavam a surgir nas periferias da cidade e onde conheci o Baticum¹³, um dos idealizadores do sarau “Okupação”.

Diante de todas essas vivências e afetação, da admiração e fé, que passei a ter na prática dos saraus (que me transformaram como pessoa), e, principalmente, guiada pela vontade de levar a rua para dentro dos muros universitários, por vezes, tão excludentes, decidi, assim, pesquisar o sarau periférico, entendido como um jogo de linguagem (WITTGENSTEIN, 2014).

Em meio a uma conversa com um amigo querido, quando falava das minhas vivências nos saraus, em especial, o sarau “Okupação”, ao comentar sobre o quanto eu admirava a pessoa do Baticum, que já conhecia de inúmeras vivências anteriores, veio, então, a direção das linhas desta cartografia. Foi, exatamente, pelo amor, pelo afeto, que eu sempre via tão presente na pessoa do Baticum e demais integrantes daquele sarau, pela verdade que eles me passavam, que eu percebi como a rua do amor sempre esteve no meu caminho, no mapa dos meus afetos. Fiquei, então, muito feliz quando os integrantes do sarau “Okupação” aceitaram esta proposta de pesquisa, esta humilde contribuição às suas lutas diárias de (re) existência. E, assim, enveredamos juntas, Clau¹⁴ e eu, rumo à Rua do Amor.

Nesta direção, este trabalho se constitui como uma pesquisa em Linguística Aplicada *Transdisciplinar* (LOPES, 2006)¹⁵, que se orienta segundo um método cartográfico de abordagem e visa traçar uma *vizinhança* entre o que é proposto por Deleuze e Guattari (2011) e a Pragmática Cultural (ALENCAR, 2014a), traçando esta hibridismo de disciplinas indisciplinadas (LOPES, 2006). Buscamos

¹² O Programa de Extensão “Viva a Palavra: Circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra da periferia de Fortaleza” é coordenado pela Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar da Universidade Estadual do Ceará, desde 2014. O Programa busca fortalecer as práticas de letramento crítico da juventude que reside nas comunidades do entorno do *campus* do Itaperi (Fortaleza- CE), por meio de atividades artísticas, culturais e educativas, que envolvem extensão, pesquisa e ensino de modo integrativo e dialógico.

¹³ Baticum é poeta, artista educador, ator, batuqueiro e um dos idealizadores do sarau “Okupação”.

¹⁴ Forma carinhosa que chamamos nossa orientadora, Claudiana Nogueira de Alencar. Amiga e parceira na construção desta cartografia.

¹⁵ Focaliza novas possibilidades de teorizar e fazer linguística aplicada, na intenção de familiarizar pesquisadores, professores, alunos de graduação e pós-graduação com a perspectiva de estudiosos que operam fora do cânon da linguística aplicada tradicional (LOPES, 2006).

mapear o(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação”, ação idealizada por moradores do Antônio Bezerra, bairro periférico da cidade de Fortaleza – CE, que se configura, atualmente, como um sarau autonomista, com posicionamento político de autogestão, ou seja, não se vincula a nenhuma instituição privada ou pública, tampouco partidária.

A prática de saraus e demais práticas independentes têm se propagado em Fortaleza - CE e região metropolitana, e se configurado diante de todo um contexto maior que diz respeito à cidade, considerada uma das mais violentas do Brasil.

A cidade de Fortaleza ocupa os primeiros lugares no *ranking* das cidades mais violentas do Brasil e do mundo, de acordo com o Atlas da Violência 2017 organizado e publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). O estudo foi coordenado pelo professor Julio Jacobo Waiselfisz que se utilizou de dados do IBGE (2010) e do Ministério da Saúde de 2015 para mostrar a evolução da violência em estados e municípios brasileiros. (SILVA, 2019a, p. 19).

Assim, consideramos, aqui, toda a importância política e cultural que a prática de saraus autonomistas tem no contexto das periferias de Fortaleza e de sua região metropolitana, entendendo esse espaço como veículo de práticas interacionais de (re) existência, que problematizam e ressignificam sentidos naturalizados, como *multiplica* Ernesto, ao *agenciar* que

Nos becos, nas praças, nas avenidas, nos interiores de bairros descentralizados da capital ouve-se poesia. Seja Racionais tocando na caixa de som em um barraco lá na favela da Verdes Mares, ou seja nas rimas saídas da voz de uma criança que se inicia no mundo da criação em uma rua do Curió, mas também nos saraus poéticos nas periferias de Fortaleza. As feridas sociais dão o tom como denúncia e não como lamento. As Palavras arranjadas como poemas são o troco das balas de pólvora que exterminam parte de uma população que quer viver. Pra quem já ouviu falar no Sarau da B1, no Sarau do Corpo Sem Órgãos e no Sarau do Papôco, também se envereda através de nomes como Baticum, Argentina Castro, Samuel Denker e tanta gente que acredita na arte como instrumento transformador de pessoas, dentre outras propostas espalhadas pelas periferias que atravessam Fortaleza, as lamentações dão espaço às denúncias de assassinatos da juventude periférica. O corpo é importante se fazer presente nesses espaços, porque o corpo também faz parte desse Movimento. Levar olhos, ouvidos e garganta a lugares nas periferias de Fortaleza que são marcados pelo afeto e a amizade nos dias de realização desses eventos, onde a poesia não pede socorro, onde ela é mais uma criação dentre tantas outras que se aglutinam nos espaços dos saraus. Vamos lá, periferia sempre foi lugar onde brota arte de variadas expressões. Se o seu Zé levantou um “puxadinho” em cima da sua casa pra sua filha que está grávida, seu Zé, além de artista, é arquiteto. Sem prêmio, sem reconhecimento, sem escritório, seu Zé é artista, sim. Se dona Dina teve um marido covarde, que foi embora e a deixou com três filhos pra criar e dona

Dina costurou, trabalhou em casa de madame, trabalhou com o que conseguiu pra levar o alimento para as crianças, dona Dina é uma malabarista da vida e é também artista... sem prêmio, sem busto e sem medalha. Esses lugares – as periferias – nunca deixaram de produzir arte e essa matéria é só um pequeno recorte sobre o que é feito em lugares onde a produção artística não chama a atenção da audiência. Nesse contexto, o movimento de saraus nas periferias não nasce por acaso. A espontaneidade desses movimentos encontra nesse campo a pulsão necessária pro fazer artístico criando altas maneiras de expressão com voz e potência para requerer uma outra perspectiva para o povo da periferia. São agitações culturais que desengasgam a falta de reconhecimento do papel transformador que a arte pode ter na vida das pessoas. Propostas autogestionadas que mobilizam pessoas e ocupam as ruas sem fins lucrativos. (ERNESTO, 2019, p. 1).

Também tem se fortalecido em vários estados do Brasil, no contexto atual, a prática de saraus independentes nas periferias, principalmente, no que diz respeito ao estado de São Paulo e Rio de Janeiro. Existem, assim, diversas pesquisas realizadas (em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais) sobre saraus periféricos, trabalhos situados em áreas diversas. Nessa direção, pesquisar o(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação”, um sarau da periferia de Fortaleza - CE, possibilita uma *multiplicação* dos estudos já existentes sobre saraus, uma vez que partimos de uma perspectiva cartográfica, ou seja, de um olhar sobre a periferia “compreendida como uma propriedade com características particulares e complexas” (TENNINA, 2013, p.8), que potencializa um sarau específico, uma (nova) forma de vivência específica, no contexto do bairro Antônio Bezerra.

Buscamos, aqui, investigar/mapear as linhas e os jogos de linguagem que *agenciam* o sarau “partindo da ideia de que um espaço não se define a partir de pontos cardeais, mas [...] a partir de uma dinâmica social” (TENNINA, 2013, p.3). Ou seja, entender “a periferia já não como um espaço delimitado a partir de valores econômicos e socioestruturantes, mas como um mapa afetivo traçado a partir do circuito de saraus e seus frequentadores.” (TENNINA, 2013, p.3).

Para tal, questionamos, aqui, sob uma perspectiva geral, quais são as linhas e os jogos de linguagem que *agenciam* o sarau “Okupação”? E, sob uma perspectiva mais específica, de que forma o(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação” se relaciona com as práticas autonomistas da cidade de Fortaleza-CE?, de que forma o(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação” potencializa(m) *linhas de fuga*?, e, por fim, de que forma os moradores do bairro Antônio Bezerra, que vivenciam a prática do(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação”, produzem subjetividade por *agenciamentos coletivos de enunciação e maquínicos de desejo*?

Dessa forma, potencializamos quatro objetivos “suleadores”¹⁶ para esta pesquisa, sendo eles, de modo mais amplo, investigar/mapear as linhas e os jogos de linguagem que *agenciam* o sarau “Okupação”, e, de modo mais específico, investigar/mapear como o(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação” se relaciona com as práticas autonomistas da cidade de Fortaleza-CE, investigar/mapear como o(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação” potencializa(m) *linhas de fuga*, e Investigar/mapear como os moradores do bairro Antônio Bezerra, que vivenciam a prática do(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação”, produzem subjetividade por *agenciamentos coletivos de enunciação e maquínicos de desejo*.

Nessa direção, este trabalho inicia-se com o capítulo **“NÃO VOTE, LUTE!”: AUTONOMIA, AUTOGESTÃO E AJUDA MÚTUA** traçando em “2.1 “COM ARTE E CULTURA (VAI)” DE UM PLANO DE FUGA”, um plano de fuga dos muros (uni)versitários, por vezes, excludentes. Plano que potencializa um *devir-rua*-universidade, na e pela linguagem da Cartografia, anti-método desta pesquisa. Traçamos, assim, as linhas que nos levaram às vivências aqui mapeadas, e ao *agenciar* sobre, para e com os sujeitos que potencializam o(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação”. Em seguida, em “2.2 “NINGUÉM NOS SEGURA (É)” DE UMA PRIMAVERA PERIFÉRICA” mapeamos as linhas que *multiplicam* o jogo de linguagem sarau “Okupação”, de modo específico, e o jogo de linguagem sarau, sob uma perspectiva mais ampla, no contexto de Fortaleza (CE). Por fim, em “2.3 “OCUPAR É RESISTIR (RESISTIR)” DE UMA FORTALEZA AUTONOMISTA” mapeamos as linhas de *desterritorialização* e *reterritorialização* que possibilitaram a (re) existência das práticas autonomistas que emergem das periferias da cidade de Fortaleza e região metropolitana, atualmente.

Em seguida, no capítulo intitulado **“A RUA É NOSSA, A RUA É NÓS!”: UM USO, UM AGIR** mapeamos, em uso e em agir, os territórios livres que *potencializam* os jogos de linguagem, em “3.1 “TERRITÓRIOS LIVRES DE TODOS OS EXTERMÍNIOS”: DOS JOGOS DE LINGUAGEM”, as linhas de fuga, em “3.2 TERRITÓRIOS LIVRES DE TODOS OS MASSACRES”: DAS LINHAS DE FUGA” e os agenciamentos periféricos, em “3.3 TERRITÓRIOS LIVRES DE TODAS AS CHACINAS”: DOS AGENCIAMENTOS PERIFÉRICOS”, do sarau “Okupação”.

¹⁶ “Suleador”, pois, partimos, nesta pesquisa, de uma perspectiva contra hegemônica.

Já no capítulo intitulado “**A FESTA DA POESIA!**”: **ENVEREDANDO PELOS JOGOS DE UMA “OKUPAÇÃO”**, cartografamos um corpo-periférico, uma produção de subjetividade periférica, que (re) existe no e pelos *agenciamentos maquínicos de desejos e coletivos de enunciação* que constituem o(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação”. *Agenciando*, pois, uma periferia que também é centro, em “4.1 TO-DA-PE-RI-FE-RI-A É UM CEN-TRO, OOOO!!!”, uma luta que possibilita mudanças de vida, em “4.2 SÓ COM A LUTA PODEMOS MUDAR”, e os afetos, o amor, que cria (re) existência, em “4.3 SEM ESSE AMOR NÃO DÁ PRA EXISTIR”.

Por fim, traçamos as **(IN)CONCLUSÕES** desta pesquisa, uma vez que estas linhas não se concluem, são um *entremeio*, como *potencializa* Brito (2019); o que fica de todas essas vivências e afetos. Uma forma de vida, pois, a que temos vivenciado/observado nesse pequeno-longo tempo: em posicionamento, em *agir*.

2 “NÃO VOTE, LUTE!”: AUTONOMIA, AUTOGESTÃO E AJUDA MÚTUA

2.1 “Com arte e cultura (vai)”: de um plano de fuga

“Já sei pra onde vou, eu vou sentir o calor da rua”
(Francisco, *el hombre*)¹⁷

Desde muito jovem, a poesia me atravessa. Escrevo poemas desde criança, influenciada pela linguagem dos livros e, principalmente, da música que meu irmão mais velho escutava e cantava, enquanto eu brincava no chão da cozinha. Desde então, sempre gostei de ler e de escrever a vida na e pela linguagem da poesia, como uma possibilidade de vivência. Foram estas linhas que me levaram ao curso de Letras, da Universidade Estadual do Ceará, em 2011. E também por essas linhas conheci o sarau “Poesia de leve”¹⁸, ao aceitar o convite feito pelos donos da livraria “Brechó Literário Rimbaud”¹⁹, em 2015.

Os encontros no sarau “Poesia de leve” me possibilitaram conhecer artistas diversos, inclusive, das periferias da cidade, construindo, dessa forma, vínculos de amizade que me levaram ao sarau da B1, primeiro sarau periférico que vivenciei, também em 2015. Nesse mesmo período, conheci o contexto de luta do bairro Serrinha, por intermédio do programa de extensão-ensino-pesquisa “Viva a palavra”, em que eu era bolsista de iniciação científica. Nós, do Viva a palavra, estávamos em processo de construção de saraus de luta²⁰, em diálogo com os movimentos sociais que já existiam no bairro. O jogo de linguagem sarau periférico foi, então, assim, me atravessando, *multiplicando*, ora na B1, ora na Serrinha.

Foi em umas das primeiras edições do sarau da B1 que conheci o artista de rua Baticum. Baticum, inclusive, “somava” com ambos os saraus, e também “somou”, posteriormente, com diversas ações do “Viva a Palavra”, como sarau e como proposta de pesquisa-extensão-ensino. Baticum participou de *fóruns*, e de cadeiras do curso de Letras, ambos na Universidade Estadual do Ceará, idealizados pelo “Viva a Palavra”. Nesse período, eu costumava encontrá-lo em diversos lugares

¹⁷ Trecho da música “Calor da rua” da banda brasileira “Francisco, *el hombre*”, formada em 2013 por Sebastián e Mateo Piracés-Ugarte, irmãos mexicanos naturalizados brasileiros.

¹⁸ O sarau “Poesia de leve” aconteceu de 2015 a 2016, na livraria “Brechó Literário Rimbaud”, no bairro Benfica. Foi um sarau idealizado pela escritora cearense Tetê Macambira.

¹⁹ Sebo e livraria localizada no bairro Benfica, em Fortaleza – CE.

²⁰ Saraus de luta são saraus puxados por movimentos sociais com o intuito de denunciar e cobrar melhoras sociais para a população, no bairro Serrinha.

da cidade, brincava, inclusive, que ele “brotava em cada buraco que tivesse arte e cultura” (que bom!), foi dessa forma que fui conhecendo o seu trabalho, em admiração, de admirar e ficar admirada. Também foi por intermédio de Baticum que conheci, posteriormente, o sarau “Okupação”, no Antônio Bezerra.

O afeto e a verdade que eu sentia pela pessoa do Baticum e pelo sarau “Okupação” trouxeram, então, direção às linhas desta cartografia. Uma entrada, pois, um *encontro* entre essas minhas vivências pessoais e as acadêmicas traçando esta *multiplicação*, esse *agenciamento coletivo*, das minhas palavras e das palavras desses sujeitos, uma vez que, aqui, não quero apenas descrever suas subjetividades e jogos de linguagem, mas *agenciar* sobre, para e com eles.

Ora, situados no mundo, fazendo uso da linguagem, interagimos, atuamos e afetamos pessoas, coisas, estados de coisas, relações. Dessa forma, nossa fala não somente pode constituir designações, descrições no mundo, mas, ao estar nele, pode agir, inclusive na e pela linguagem (AUSTIN, 1990), realizando mudanças que podem afetar de modo construtivo ou destrutivo, intencionalmente ou não [...] Dessa forma, o compromisso ético e político de quem faz pesquisa em linguagem se torna crítico no sentido de assumir uma postura responsável com o que se faz com o que se é dito, já que dizer também é fazer (AUSTIN, 1990). (BRITO, 2019, p. 24).

Nesse sentido, o encontro entre essas minhas vivências pessoais e as acadêmicas traçaram esta *multiplicação* que começou no bairro Benfica²¹ (com o “Poesia de leve”), passando pelo Jangurussu²² (com o “Sarau da B1”), pela Serrinha (com o “Viva a palavra”) e pousou, enfim, no bairro Antônio Bezerra²³ (com o sarau “Okupação”). Hoje, diante de todos os afetos vividos e caminhos percorridos quase como uma nômade, após tantas linhas, posso afirmar com muita clareza que são as práticas de autogestão, em especial os saraus e as bibliotecas comunitárias, que me fazem acreditar na mudança social consciente e política, de resistência, mas, principalmente, de existência, que emerge das periferias da cidade de Fortaleza – Ceará e região metropolitana.

²¹ É um bairro da cidade de Fortaleza – Ceará, situado na Secretaria Executiva Regional IV do município.

²² É um bairro da cidade de Fortaleza – Ceará, situado na Secretaria Executiva Regional VI do município, é considerado um bairro periférico da cidade.

²³ É um bairro da cidade de Fortaleza – Ceará, situado na Secretaria Executiva Regional III do município, é considerado um bairro periférico da cidade.

Foi o contato com os saraus, principalmente, os de autogestão, que me transformaram como pessoa²⁴, como poeta²⁵, como estudante de linguagem²⁶ e, agora, como alguém que mora e cria um filho em um bairro periférico²⁷, tornando-me consciente dessa eterna necessidade de lutar diariamente contra as desigualdades e violências em linguagem, esta no sentido mais amplo, entendida também como corpo-político.

A escolha por um tipo experimental de metodologia, ou seja, esse modo rizomático de fazer pesquisa em Linguística Aplicada, implica perceber a linguagem e suas características de heterogeneidade e de conexão a diversas estruturas que extrapolam aspectos meramente linguísticos. Aqui, importa perceber a linguagem como código interligado a outros modos de codificação tais como políticos, econômicos, sociais, biológicos etc. Não nos satisfaz, em decorrência disso, pensar a linguagem dissociada do que ela pode produzir no corpo: dor, alegria, compreensão, compaixão, ameaça, dentre outras sensações. (BRITO, 2019, p. 34).

Nesse sentido, esta dissertação potencializa uma cartografia em Linguística Aplicada. Respectivamente, por não existir neutralidade entre pesquisador e “objeto” na cartografia, entendida como processos de singularização e não de produtos enquanto representação e identidade (SILVA, 2015), e por se voltar para questões e para os problemas na e pela linguagem de sujeitos reais, em um compromisso ético e político.

Gilles Deleuze e Félix Guattari (Mil Platôs, 2011), em sua filosofia pós-estruturalista e/ou da diferença criticam a concepção segmentária, as ditas *máquinas-binárias* de poder, no que tende à produção de subjetividade. Criticam, assim, a psicanálise e demais ciências humanas, inclusive, a própria filosofia, no que tende a e sua necessidade de definir os desejos, os processos de subjetividade, o eu, sob uma perspectiva essencialista/representacionista, como “Ser”, numa lógica

²⁴ Acho importante destacar, aqui, que foram as vivências nos saraus periféricos responsáveis, em grande parte, pela consciência crítica que tenho hoje de mim como mulher e como alguém inserida no lugar racial da branquitude. Nesse sentido é que afirmo ter o sido o contato com os saraus importante no que diz respeito a minha (des)construção como pessoa.

²⁵ Poeta e não poetisa, uma vez que a poesia não reconhece distinções.

²⁶ Da linguagem entendida em toda sua fluidez, considerando todas as formas de vida (que se constroem na e pela linguagem) que existem, para além dos muros universitários.

²⁷ Atualmente, moro no bairro Barroso. Bairro de Fortaleza – CE, localizado na VI Secretaria Executiva Regional, considerado um bairro periférico. No bairro Barroso aconteceu uma chacina, a “chacina das Cajazeiras” (em 2018) e existe (há três anos) uma biblioteca comunitária, a “Biblioteca Comunitária Viva Barroso!”.

binária, que impossibilita qualquer fluxo de desejos e a *experimentação* de se “Estar” sendo qualquer coisa.

Os autores falam, assim, sobre a existência de mapas extensivos e intensivos, “os primeiros, entendidos da maneira como, comumente, compreende-se um mapa; já os segundos, da ordem do *devenir*, da produção de mapas – movimento que está mais próximo do ato de cartografar” (SILVA, 2015, p. 23). Em outras palavras, mapas extensivos que se voltam para uma localidade, um lugar, e intensivos que se voltam para as intensidades, para as *multiplicidades* (DELEUZE; GUATTARI, 2011a) configuradas pelo traçar de linhas diversas que coexistem, no fazer *rizoma*. Uma vez que

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...e...”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 48).

Fazer *rizoma* implica, nesta direção, considerar a *multiplicidade* de cada coisa. *Multiplicidade* entendida pelo traçar de linhas, de mapas, ao se fazer cartografia. Assim, privilegiar um *plano de imanência* que é transcendental, mas não transcendente, um *plano de imanência* como um corte no caos, uma entre infinitas possibilidades de (formas de) vida, de produção de subjetividade.

Tomamos a perspectiva de *plano de imanência*, aqui, segundo o que é defendido por Bento Prado Júnior. (2000), seguindo o mesmo caminho traçado por Silva (2015), ao comparar o *plano de imanência* potencializado por Deleuze e Guattari com os jogos de linguagem do segundo Wittgenstein. O primeiro como um “corte no caos”, que possibilita o “olhar” de uma forma de vida, de pensamentos, de ideias, entre as infinitas possibilidades existentes.

Um plano de imanência seria a imagem do pensamento, que como um jogo de linguagem (PRADO JÚNIOR, 2000) em uso, em vivência, traz um olhar político para a linguagem. Esta que é sempre um posicionamento, um *agenciar*, agir – coletivo de multiplicidades, em “uma espécie de dialogismo”²⁸, no sentido de que,

²⁸ “Assim, é possível perceber que, em qualquer relação social, existe a presença do outro. Desde o pensar alto, escrever um texto acadêmico ou uma obra literária infantil. Existe sempre uma conexão dos enunciados com enunciados anteriores e uma antecipação de enunciados posteriores, mesmo quando, aparentemente, essas construções enunciativas não tenham relação entre si”. (FREIRE, 2015, p. 32). Nesse sentido *multiplico* o pensamento de Deleuze, Guattari (2011b) criando uma vizinhança com o *dialogismo* de Bakhtin, ao entender que os *agenciamentos*

como diz Bakhtin: “eu vivo no universo das palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro” (BAKHTIN, 2006, p. 379 *apud* FREIRE, 2015, p. 31).

Deleuze diz que o plano de imanência é um "corte" no caos (como um plano que corta um cone). "Cortar" só pode significar captar (definir) uma fatia", por assim dizer, de um caos que permanece livre (e infinitamente livre) em todas as outras direções ou dimensões. Mas, além de "corte" no caos, o plano é também um "crivo" -- cortar é selecionar e fixar --, numa palavra, determinar, conter o rio de Heráclito ou o Oceanomundo. (PRADO JÚNIOR., 2000, p. 314-315).

Nessa direção, os pensadores traçam três linhas diversas, no que tende ao processo de subjetividade: as *linhas segmentárias* ou *linhas duras*, as *linhas moleculares* e as *linhas de borda* ou *linhas de fuga*. As *linhas segmentárias* seriam as que se fundamentam segundo uma lógica essencialista, binária, e, dessa forma, relacionar-se-iam com as hierarquias de poder, ou seja, ao e o que é aceito socialmente como “regra”, dicotomias como “bem/mal”, “mulher/homem”, “feio/bonito”. Ultrapassar essas linhas consiste em partir não mais de uma coisa *Ou* de outra, mas de uma coisa *E* de outra, possibilitando, assim, uma *multiplicidade*, um fazer *de vir*, um criar uma terceira coisa no *encontro* dessas duas, o traçar de uma *linha molecular*.

Dessa forma, o pensamento é sempre *n-1*, ou seja, um conjunto de *multiplicidade* sempre nega a unidade das coisas, é sempre coletivo. É dessa forma que os devires *desterritorializam* toda uma lógica segmentária anterior e criam algo totalmente novo traçando, assim, *linhas de borda*, ou, *linhas de fuga* – e uma linha de fuga que se constitui por *agenciamentos*, em suas duas faces, os *agenciamentos coletivos de enunciação* e *maquímicos de desejo*, construtores de movimentos de *desterritorialização* e processos de *reterritorialização*.

Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 18).

coletivos de enunciação se fazem como *agenciamentos* de diversos “outros”, um outro mulher e homem e animal e... e... e..., coletivo, direcionados a outros “outros”, em infinitas conexões.

Nesse sentido, buscamos, nesta pesquisa, compreender o processo de produção de subjetividade referente ao sarau “Okupação” e seus jogos de linguagem, num viés *micro*, partindo de suas linhas e de seu jogo de linguagem específico, que é transpassado por diversos jogos de linguagem outros (jogo de linguagem poesia, jogo de linguagem canção, jogo de linguagem performance teatral, jogo de linguagem malabares, jogo de linguagem doação de plantas, entre outros), e num viés *macro*, buscando compreender como a “Okupação” se relaciona com essa rede maior de práticas de autogestão que tem se propagado no contexto periférico atual da cidade de Fortaleza- CE e região metropolitana.

A escolha deste “campo de pesquisa”, deste campo social, deu-se por todo um processo de vivência e afetos anterior a pesquisa, como sujeito-atuante, nesta luta que é nossa, ao partilhar este sentimento, esse processo de subjetivação de que, citando a linguagem poética da “Okupação”, “a rua é nossa, a rua é nós!”. Busca-se aqui trazer a rua pra dentro dos muros universitários. Um *devir-rua*, em que as vivências nas ruas, nas calçadas, à margem, tracem uma *linha de fuga* de qualquer “entre quatro paredes”, ao afetar-se pela areia movediça das formas de vida (WITTGENSTEIN, 2014) e pela compreensão de que a linguagem em fluxo “do lado de fora” é tão importante quanto de dentro dos muros universitários.

Assim, “fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia” e “a linha de fuga é uma desterritorialização” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 16). Ou, em outras palavras, uma quebra de qualquer perspectiva que entenda a linguagem concebida dentro de uma “Torre de Marfim” (RAJAGOPALAN, 2006). Um plano de fuga, sentir “o calor da rua” na e pela linguagem dos afetos, dos mapas intensivos, das intensidades, uma vez que a cartografia se produz mais pela geografia do que pela história, como comenta Silva (2015), a seguir:

Entretanto, entendendo que a experiência de pesquisa não advém somente do campo, *per si*, mas de todas as conexões que eu, “sujeito pesquisador”, agencio e sou agenciado dentro e fora do campo, no plano de imanência – na vida -, o campo de pesquisa não se encerra num determinado tempo e espaço, fechados, alinhados a uma história. (SILVA, 2015, p. 21).

Buscamos, aqui, traçar o processo em curso, as *linhas*, os jogos de linguagem que transpassam e *agenciam* o sarau “Okupação”, sarau compreendido como uma *linha de fuga*, que produz agenciamentos periféricos (de *enunciação* e *maquímicos de desejo*). Ou seja, entender sarau como uma forma de vida

(WITTGENSTEIN, 2014) e linguagem como *palavras de ordem* (DELEUZE; GUATTARI, 2011b), sob a perspectiva de uma linguística crítica e *transgressiva* (PENNYCOOK, 2006), da linguagem como ação (AUSTIN, 1990) e como forma de vida, no que diz respeito à resistência e superação de opressões e violências propagadas na e pela linguagem.

Temos como objetivo mais do que descrever o jogo de linguagem sarau e suas conexões, mas, *multiplicar, agenciar* com ele. Mapear *agenciamentos* no(s) jogo(s) de linguagem que transpassam o sarau “Okupação”, ação idealizada por moradores do Antônio Bezerra, bairro periférico da cidade de Fortaleza – CE, que se configura com posicionamento político de autogestão, esta entendida como um posicionamento militante autônomo, que realiza a prática de saraus de forma independente, sem vínculo com partidos políticos nem com instituições.

Mas, é importante comentar, aqui, a complexidade das linhas que *agenciam* os saraus periféricos, inclusive os autônomos da cidade de Fortaleza. Dessa forma, ainda que o movimento de saraus autonomistas realizem as edições oficiais de seus saraus de forma totalmente autônoma, “nós por nós”, eles não se fecham para a possibilidade de ocupar os espaços institucionais, captar recursos por editais²⁹. Vivemos em um sistema que torna muito difícil “fugir disso”, é necessário ocupar todos os espaços, e *potencializar* outras possibilidades de (formas de) vida. Por exemplo, o “Sarau Okupação”, sarau que se reconhece como autonomista, também agencia uma batalha de poesia (*slam*) e uma biblioteca comunitária que ocupam outros espaços, inclusive, institucionais. Esse é o mesmo caso de outros *slans*, bibliotecas e, até mesmo, saraus autônomos da cidade.

Uma vez que a proposta do método cartográfico consiste em acompanhar processos em curso, traçar mapas, “desenhar a rede de forças a qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente” (BARROS; KASTRUP, 2009, p.57), ou seja, considerando o contexto do sarau “Okupação” no bairro Antônio Bezerra, partir na e pela linguagem das suas práticas culturais periféricas, seguindo suas pistas. Considerando que

²⁹ Uma vez que o dinheiro público, assim como os espaços públicos institucionais, é nosso, temos que ocupar, “implodir” de dentro para fora.

Todos esses territórios, como as cidades invisíveis de que nos fala Martin-Barbero (2004), reclamam uma cartografia que supere tanto o seu apagamento, enquanto cidade informal, do planejamento de políticas públicas, quanto à hegemonia discursiva dos mapas socialmente esmagadores traçados sobre a juventude nas páginas policiais da grande mídia. É preciso tecer mapas a partir das rotas culturais juvenis da gente negra das periferias, conhecer seus jogos de linguagem, escutar a sua perspectiva, ouvir suas dores, suas angústias e indecisões. Mais do que isso, é preciso reconhecer-lhes a voz, seus movimentos de resistência; é preciso dar-lhes a PALAVRA, como nos falava Paulo Freire. [...] Este movimento descolonizador de enfrentamento da violência permitirá também, pela utilização social da linguagem e por seu caráter terapêutico (Wittgenstein, 1989), a desnaturalização de ideologias que atravessam os discursos discriminatórios e racistas sobre a juventude negra da periferia. (ALENCAR, 2014b, p.15-16).

Dessa forma, esta pesquisa se configura como de intervenção, qualitativa, uma vez que acompanham processos em curso, de natureza aplicada *trans* e *indisciplinar* (LOPES, 2006).

A proposta de uma modalidade particular de pesquisa-intervenção, a cartografia, a pesquisa política socialmente crítica. [...] Vale ressaltar, nesse método a “indissociabilidade entre o conhecimento e a transformação, tanto da realidade quanto do pesquisador”. (ALENCAR, 2014b, p. 15).

Nesse sentido, das linhas que me afetaram, ao longo desse percurso, uma vez que cartografar envolve o afetar-se, posso afirmar que uma das mais marcantes foi a descoberta de minha gravidez, em setembro de 2018. Esta descoberta impossibilitou e possibilitou novas vivências, gerando um corte e um prolongamento da pesquisa – o corte, assim, *multiplicou-se*. Pietro nasceu e me foi dado quatro meses de licença maternidade. Dessa forma, o *corpus*/mapa dessa pesquisa, aquele entendido sob uma perspectiva ampla, que não se reduz a uma “análise”, mas a todas as linhas, aqui traçadas; foi dividido em dois momentos: de março de 2018 a abril de 2019 e de setembro de 2019 a fevereiro de 2020, totalizando um ano e sete meses de vivência.

Potencializamos, dessa forma, um *corpus*/mapa composto por entrevistas informais, fotografias, publicações do *Facebook*, umas públicas e outras cedidas por seus autores, poemas, alguns cedidos pelos autores e outros publicados na antologia “Ruma: poemas de sarau” (2019)³⁰, e letras de músicas.

³⁰ “Ruma: poemas de sarau” é uma antologia poética organizada pelo poeta, produtor cultural e contador de histórias Talles Azigon, que reúne poemas dos integrantes dos sarau e diversas práticas periféricas da cidade de Fortaleza – CE, entre elas o sarau “Okupação”. O livro teve seu lançamento na XIII Bienal do Livro do Ceará, que foi ocupada, de diversas formas, pelos artistas das periferias da cidade.

Cartografar é fazer mapa, não decalque. O mapa constitui multiplicidades ancoradas no real para um plano de consistência. Mapa não reproduz, constrói. Por isso é também estético, criação, vida pulsante, linguagem movente, cuja fluidez escapa aos dedos, aos olhos de quem não o experimenta no real. (BRITO, 2019, p. 46).

Uma vez que cartografar é um processo contínuo e afetivo, também é importante esclarecer, aqui, que estivemos em contato direto com Baticum e outros sujeitos dessa *rede de afetos* (SILVA, 2019a) ao longo da construção destas linhas, perguntando e mostrando partes do texto, pois, nesta pesquisa, a leitura mais importante é a deles, que *agenciam* conosco estas palavras. Eu e a Clau, como sujeitos e como grupo “Viva a palavra”, estivemos sempre em afeto e construção com o sarau “Okupação” e as demais práticas autonomistas de Fortaleza³¹, ao longo deste processo em curso. A mim, como poeta e participante, anteriormente a esta pesquisa, – perdendo, aos poucos, a timidez que sempre tive em público –, e também como a homenageada no último sarau de 2019, uma honra e uma alegria imensa.

Baticum fez o cartaz de minha homenagem, que foi divulgado nas redes sociais (*Facebook* e *Instagram*) do sarau, com fotos do meu perfil pessoal do *Facebook* (**Figura 1**). Minha homenagem aconteceu em uma noite de lua cheia, sexta-feira 13, em que “passei por cima” do medo de falar em público e li o texto inicial desta dissertação, na rua do amor.

Afeto que também transpassou a Clau, com quem também divido as linhas desta pesquisa e dessas vivências, que também é construtora dessa rede de afetos, como pessoa e como parte do grupo “Viva a palavra”. Uma vez que tem dialogado diretamente com o movimento de saraus e das bibliotecas comunitárias, inclusive, ao construir o I Encontro de Bibliotecas Livres e Comunitárias³² e a IV Jornada de cultura, arte e literatura sobre a Cenopoesia³³, sobre, para e com os sujeitos autonomistas, eventos que foram realizados na Universidade Estadual do Ceará, em que é professora.

³¹ Escolhemos mapear as práticas autonomistas da região metropolitana de Fortaleza - CE, neste trabalho, uma vez que também são linhas desta Rede de afetos (Silva, 2019). No entanto, ainda não tivemos o privilégio de vivenciar, de forma pessoal e como “Viva a palavra” essas ações.

³² Evento sobre as bibliotecas comunitárias que existem em Fortaleza - CE. Aconteceu na Universidade Estadual do Ceará, no dia 10 de maio de 2019.

³³ A Cenopoesia é uma performance teatral criada pelo artista popular Ray Lima, que mescla poesia e teatro.

Figura 1 – Homenagem a Bruna³⁴



Fonte: Perfil público “Okupação Okupação Okupação” no Facebook.

Multiplico, assim, o sentimento destas vivências, de “rua” e de “universidade” em um *devir* rua-universidade, de quem dança e potencializa revoluções, na e por suas palavras, que também foram lidas por ela, na rua do amor, durante minha homenagem:

eu fico arretadamente irritada
 com acadêmicos brancos
 lattesfunditários
 do pensar da gente preta
 enformando periferias vivas em categorias
 sofisticadas e limpinhas
 das teorias brancas
 oia só
 se o teu filtro teórico
 é o teu umbigo eugenista
 adquirido no mundo anglófono
 francófono ou na pqp
 se liga, que até nas nossas poemas
 a minha gente pensa
 com a ciência da pungá
 e a estética da escrevivência
 que as minas das quebrada faz viver
 e não é pra embalar a casa grande
 é canto de Tuyra
 pra te acordar
 que eu soffro afro ameríndia
 mãe de *hooks*
 filha de Conceição
 e as trago Ainda Vivas

³⁴ Disponível
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=597957834294145&set=pb.100022398010219.-2207520000..&type=3&theater>. Acesso em: 23 jan. 2020.

ideias-sementes
 pra adiar o fim do mundo
 porque a boniteza mesmo
 não é a *chiqueté*
 da *différance*
 é papo reto
 de pacarrete
 é poesia de luta
 proletária
 no slam da okupa
 baticum
 bacurau
 Poesia viva
 No Sarau
 Samara poetax
 mana minha
 vencendo as monstras
 bestas do loch Ness
 Sabrina, bota o teu,
 minha sereia no copo da agua
 rizzo de nina na B1
 sem tradutor
 sem (des)colonizador em Coimbra
 que eu venho preta, payacu
 Patricia alves no Jangu
 pra mandar o meu recado:
 ó abestado
 elitista:
 escuta o papoco da argentina
 no meu papoco
 de ideia zapatista
 Bate Palmas pra Elane
 E filtra esse teu sonho ruim
 É que a letra
 é da preta
 respeita
 a reexistência
 de caranguejo com cérebro
 na floresta do curió
 que o voo é livre
 livro livre na Ritinha
 eu faço um *rap*
 eu danço *reagge*
 Ensaio *rock* na Serrinha
 Pois se eu não puder dançar
 Não é a minha revolução
 E quer saber mais o quê?
 ó brasileiro burguês euroamericano
 tu que não conhece nem o cheiro
 da mais linda Flor dazarea
 e teoriza do buraco da fechadura
 alimenta o teu ego etnocentrado
 nas tuas lombrigas
 de inglês perfeito
 e vá se lascar!

“Cartografias de uma poeta professora”. (ALENCAR, 2019)³⁵.

³⁵ Poema de Claudiana Nogueira de Alencar, autorizado para esta pesquisa.

Este mapa, pois, traça linhas no e pelo olhar, pelo afeto que nos transpassou, em um *devoir-rua-universidade*. Longe de ser uma verdade absoluta, mas uma verdade, a que temos vivenciado/observado nesse pequeno-longo tempo. Um corte, um posicionamento, um *agenciar*.

Mas quais caminhos seguir para compreender as linhas do sarau “Okupação”, ao considerarmos a história na perspectiva de Deleuze, como lugar de encontros que “não para de circular por essa imensa tabela de múltiplas entradas” (ORLANDI, 2000, p. 50).

2.2 “Ninguém nos segura (é)”: de uma primavera periférica

“Sal sarau é sal sarau – sal sarau é sal”
(Companhia Bate Palmas)³⁶

Acontece toda segunda sexta-feira do mês com muita arte e cultura, na rua do amor³⁷, o jogo de linguagem sarau “Okupação”³⁸. Localizado em frente à casa de um de seus idealizadores, o artista de rua Baticum, esse encontro se realiza há três anos, no bairro Antônio Bezerra, área periférica³⁹ da cidade de Fortaleza – Ceará; e reúne moradores, principalmente, jovens, do bairro Antônio Bezerra e de

³⁶ Trecho da música “Sarau é sal” de Parahyba de Medeiros, um dos vocalistas do grupo artístico de Fortaleza – CE intitulado “Companhia Bate Palmas”. A “Cia Bate Palmas” também realiza do sarau “Bate Palmas”, que acontece no primeiro sábado de todo mês, na Casa de Arte Bate Palmas, localizada no Conjunto Palmeiras, bairro periférico da cidade.

³⁷ A Rua do Amor, na verdade, chama-se Rua Manoel Soares. Esta é conhecida pelos moradores do bairro Antônio Bezerra como Rua do Amor por estar localizada ao lado de um muro, onde, contam os moradores, os casais apaixonados costumavam namorar. O sarau “Okupação” localiza-se no encontro da Rua do Amor com a Rua Padre José Arteiro e a Rua Salgado Filho.

³⁸ É importante comentar, aqui, o motivo do sarau “Okupação” utilizar a letra “k” em seu título. Segundo Baticum, a letra “k” remete ao movimento autonomista intitulado “Okupa”, que se propagou por diversos países, a partir dos anos 70. Esse movimento potencializou diversas ocupações urbanas de imóveis abandonados, “uma *ksa okupa* nasce de um espaço ocioso no meio urbano, isto é, ela é fruto de um processo conhecido como *especulação imobiliária*, em que os *okupas* – pessoas que constroem e mantém a *okupa* – em sua maioria jovens, passam a observar a composição do espaço urbano e suas lacunas, atentos aos prédios abandonados e em processo de degradação [...]” (LIMA, 2012, p. 69). Baticum também me disse acreditar que o movimento “Okupa” ganhou mais força no Brasil após as manifestações nacionais de junho de 2013, o período conhecido no país como “o gigante acordou”, que teve como uma de suas consequências, a propagação, principalmente, entre os jovens, dos princípios de autonomia, ajuda mútua e autogestão comuns ao “Okupa”. No que diz respeito, especificamente, à cidade Fortaleza - CE, esses princípios foram se popularizando, como também mencionou Baticum, principalmente, com a ocupação dos secundaristas, em 2016 – que embora não seja com “k”, organizava-se também seguindo princípios autonomistas. Além disso, o movimento “Okupa” foi muito importante no cenário de ocupação do DCE – Diretório central dos estudantes – da Universidade Federal do Ceará (UFC), em 2015, que teve muito apoio de “okupadores”, muitos pertencentes ao movimento *anarcopunk*, que atuavam em Fortaleza-CE.

³⁹ No que diz respeito ao contexto geográfico da cidade de Fortaleza, capital do Ceará, todas as áreas ditas periféricas constituem de fato periferias.

outros bairros da cidade, que compartilham poemas, músicas, performances teatrais, entre outras formas de expressões, nesta *festas da poesia*^{40, 41}

A “Okupação” orienta-se sob uma perspectiva política de autogestão, autonomia e ajuda mútua, realizando ação direta de modo independente, sem nenhum vínculo com partidos políticos, nem instituições. O sarau surgiu como desdobramento do coletivo “Ocupa” – Organização Comunal Unificada Popular Anarquista –, criado no ano de 2013 por Baticum, Ramone e Naul, todos jovens moradores do bairro⁴². O coletivo era responsável pelo festival “Rock de Calçada”, inicialmente, realizado na garagem e posteriormente no quintal de um dos seus integrantes, mas, conforme o movimento foi crescendo, assim como a quantidade de pessoas que o frequentava, passou a se realizar, então, na Praça Joaquim Nogueira. Uma ação importante da “Ocupa” era a “Parajana Literária”, iniciativa que possibilitava troca de livros durante os festivais. Assim, o “Rock de Calçada”, apesar de ter como predominante a linguagem musical, mesclava também outras linguagens, como a literatura.

Diante de alguns conflitos de direcionamento do coletivo a “Ocupa” findou como ação direta, surgindo, posteriormente, pela criação de dois desdobramentos seus, dois movimentos novos: A “Crítica Cultural”⁴³, que continuou com os festivais de *rock* pelo Antônio Bezerra e por outros bairros da cidade de Fortaleza, e o Sarau “Okupação”, que trouxe diversas linguagens mescladas, inclusive, a música, sob a

⁴⁰ “Festa da poesia” é como costumam os seus integrantes chamar o sarau.

⁴¹ É importante destacar que estive em contato direto com os sujeitos dessa rede de afetos, ao longo do processo de escrita. Isso significa que muito do que foi escrito foi influenciado pelas trocas e diálogos que mantive com essas pessoas, inclusive, mostrando partes do texto. Em especial, esta seção, que fala especificamente sobre o contexto histórico do sarau “Okupação”, pois foi construída em processo de troca com os sujeitos que *agenciam* o sarau “Okupação”, principalmente, o Baticum. Tentei trazer, dessa forma, essas pessoas COMigo, seja diretamente, citando suas falas, ou indiretamente, escrevendo influenciada por suas palavras-vivências.

⁴² Uma vez que essa pesquisa é com os sujeitos que *agenciam* o sarau “Okupação” e demais práticas autonomistas, optamos, aqui, por usar o nome social desses sujeitos, ou seja, como eles se (re) conhecem, como são chamados dentro dessa rede de afetos.

⁴³ Ramone, um dos membros da Ocupa, foi o responsável pela criação da “Crítica Cultural”. “Atuando na área cultural de Fortaleza como Ramone Kaos Alves, ele fundou e estava à frente dos movimentos “Crítica Cultural” e “Autonomia Crítica”. Era também vocalista e guitarrista da banda Código de Conduta S/A. A realização de eventos como “A Morte do Capitalismo”, além de ações artísticas, culturais e de educação tanto no Centro de Fortaleza como na periferia foram alguns dos trabalhos deixados pelo cearense.” (Disponível em: https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/online/a-cena-cultural-de-fortaleza-perde-o-musico-e-produtor-ramone-kaos-vitima-da-covid-19-1.2241930?utm_source=facebook&utm_medium=button-share&fbclid=IwAR2CfrwVWpeJIWoquJPrvnAnuDI37CQSnSFbsyWYIL82BrvXKfoHdj-c_o). Ramone faleceu, em 3 de maio de 2020, por complicações causadas pela Covid-19. Deixamos essa nota, aqui, também como uma homenagem a esse amigo querido, tão importante para todos do movimento de *rock* independente da cidade e do sarau Okupação. Fica em paz, Ramone.

organização de dois membros da “Ocupa”: Baticum e Naul. Assim, em outubro de 2016, na Praça do Ipiranga, localizada também no bairro Antônio Bezerra, o sarau “Okupação” realizou sua primeira edição, com a apresentação da peça “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”, do coletivo Nós de teatro⁴⁴. “De lá pra cá”, já se passaram três anos de sarau, potencializando muita vivência na e pela linguagem (política) da arte e da cultura.

Tive conhecimento de todas essas linhas de *desterritorialização* que se *reterritorializaram* em “Okupação” no dia 07 de agosto de 2018 por meio de uma conversa coletiva na rua do amor com Baticum, Naul, Souzinha, Tlaloc, Grilo, Madame e Historiador, todos membros da “Okupação”. Essa conversa coletiva surgiu de um pedido que fiz ao Baticum e ao Naul (por serem os idealizadores do sarau), pois sentia a necessidade de apresentar minha proposta de pesquisa para o pessoal que *agenciava* o sarau, uma vez que essa construção é sobre, para e COM esses sujeitos, Baticum divulgou, então, o convite para a conversa na página do sarau “Okupação” no *Facebook* e deu-se o encontro, em que fui atravessada e *multiplicada* por essas pessoas.

Figura 2 – Conversa coletiva na Rua do Amor⁴⁵



Fonte: Elaborado pela autora.

⁴⁴ “Nóis de Teatro é um grupo de teatro de rua existente desde 2002 na periferia de Fortaleza - Ce. Nesses 13 anos, o grupo resiste em sua comunidade desenvolvendo projetos culturais no Território de Paz do Grande Bom Jardim tornando-se referência nacional de trabalho artístico desenvolvido em periferia” (Texto publicado na página “Nóis de teatro”, no *Facebook*. Acesso em: 25 jan. 2020).

⁴⁵ Esta fotografia foi tirada por Baticum, no meu celular.

Nesta conversa pude falar um pouco da proposta de pesquisa⁴⁶ e da intenção de trazer a rua para a universidade (e vice versa!), de romper com os, por vezes, excludentes e marginalizantes muros (uni)versitários. Em contrapartida os meninos me traçaram um pouco das linhas que potencializaram e potencializam o sarau “Okupação”. Baticum contou, ao longo da conversa, que

A “Okupação” ela é um desdobramento mais específico, né. Assim, especificamente, ela é um desdobramento de um coletivo que nós tínhamos aqui no bairro. O coletivo era a O-cu-pa, Organização Comunal Unificada Popular Anarquista, que a gente realizava o “Rock de calçada”. Todo mês a gente realizava... É... Essa festa de *rock*, principalmente, na Praça do Joaquim Nogueira, aqui no bairro. A gente começou com a “Ocupa”, organizando o “Rock de calçada”, naquela garagem, ali, do lado do posto de saúde. Garagem de um amigo nosso, o Tom. A gente fez no dia 1 de maio de 2013. A gente fez lá, naquela calçada. Aí a gente já tinha essa ideia de levar a literatura. Tanto que a gente tinha o “Parajana literária” que era uma espécie de experiência literária onde a gente levava alguns livros e as pessoas trocavam... É... Doavam livros também, perguntavam. E tinha as bandas de *rock* que a gente sempre teve uma ligação forte com as bandas de *rock* independentes, *underground*, daqui, dessa região, né, Antônio Bezerra, Quintino Cunha⁴⁷ e outros bairros da cidade. E a gente começou a fazer o “Rock de calçada”, né. Uma das ações dessa movimentação que era a “Ocupa”. Que tinham várias pessoas engajadas. A gente ficou por dois anos realizando essas atividades. Com a “Ocupa”, né. Da calçada a gente foi pro quintal da casa, que é essa rua aqui também. A gente realizou vários, só que a festa cresceu muito e não tinha mais como a gente continuar no quintal. A gente foi pra praça Joaquim Nogueira. Lá a gente começou a fazer também trazendo poesia, trazendo outras linguagens, né, artísticas. Só que infelizmente tiveram problemas, né, de direcionamento da, do coletivo e esses problemas, eles ocasionaram o rompimento, né. Algumas pessoas saíram do coletivo. Eu também, eu tive que sair do coletivo, o Luan saiu do coletivo, né, o Luan saiu, o Ramone, tanto que o Ramone saiu e criou o coletivo “Crítica cultural”, que ele continuou com essa linha de festival de *rock*, de festa de *rock*, que ele continua até hoje, principalmente, no casarão. E eu e o Luan já tinha essa ideia, né, puxamos mais pro lado do sarau. (BATICUM, 2018).

Atualmente, o sarau “Okupação” é divulgado na e pela linguagem das redes sociais, na *Internet*, pela página da Okupação no *Facebook* (intitulada “Okupação Okupação Okupação”) e no *Instagram* (@okupacao). As “chamadas” do

⁴⁶ Sobre a minha pesquisa, Madame comentou, deixando-me imensamente feliz!. “É importante que eles saibam o que acontece, como acontece e por que acontece. O lado tranquilo da gente chegar e falar, o lado da gente ter que se firmar contra a polícia pra não deixar eles levar, não levar o nosso som. Ou a gente, simplesmente, baixar o som porque eles não querem que a gente fale. E como no dia também, a gente baixa o som como eles mandam, mas a gente continua na voz. Então, também é resistir” (Madame, um dos integrantes do sarau “Okupação”, entrevista. 07 de ago. de 2018).

⁴⁷ É um bairro da cidade de Fortaleza – Ceará, situado na Secretaria Executiva Regional III do município, considerado um bairro periférico.

sarau (e demais ações do coletivo) são feitas por publicações de cartazes. No que diz respeito ao sarau, especificamente, cada edição homenageia um dos jovens vivos que somam com as ações do coletivo. Como disse Baticum em nossa conversa, a homenagem é sobre “um dos nossos sempre. A gente quer lembrar e quer homenagear os nossos em vida”.

Figura 3 – Homenageando Zenaide!⁴⁸⁴⁹



Fonte: Perfil “Okupação Okupação Okupação” no Facebook.

Ao longo da nossa conversa coletiva também foi dito que a “Okupação”, apesar de se configurar como um sarau, na verdade, foi pensada como uma “movimentação”, uma vez que embora tenha o sarau como ponto mais forte, que congrega mais pessoas, mais linguagens artísticas, busca congrega também outras movimentações sociais, os outros jogos de linguagem que a transpassam, como, por exemplo, o projeto “Adote uma planta”, o “Slam da Okupa” e a “Biblioteca Comunitária Okupação”, iniciativas também realizadas por este coletivo, que, exceto pelo “Adote uma planta”, que é anterior a todas essas práticas e tem uma organização mais cotidiana relacionada à rotina de Baticum e dos moradores da rua do amor; de certa forma, surgiram como “um braço” do sarau “Okupação”, e partem

⁴⁸ Zenaide é uma das integrantes do sarau “das artes”, sarau autônomo realizado no bairro Tabapuá, em Caucaia, região metropolitana da cidade de Fortaleza – CE. Zenaide soma frequentemente com o sarau “Okupação” e foi a homenageada do dia 14 de Fevereiro de 2020.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=647004432722818&set=pb.100022398010219.-2207520000..&type=3&theater>. Acesso em: 14 jan. 2020.

de uma perspectiva mais itinerante, uma vez que o sarau tem lugar e data específicos para acontecer, já essas outras práticas são mais “fluidas” e realizam ações também em outros espaços da cidade⁵⁰.

Figura 4 – Poesia de luta! Slam da Okupa!⁵¹



Fonte: Página “Slam da Okupa” no Facebook.

O projeto “Adote uma planta” possibilita doação de plantas cotidianamente e, segundo foi me dito por Baticum, tem uma enorme importância para o contexto e o cotidiano dele e dos moradores da rua do amor. Uma vez que esse projeto já atrai uma atenção especial das pessoas, que moram próximo à casa de Baticum, e que se interessam por plantas, por vezes, até mais do que pelos livros (possibilitados, posteriormente, pela biblioteca), uma vez que a prática de cultivar e cuidar de plantas tem se construído há mais tempo, tornando-se, atualmente, mais popular e comum para essas pessoas do que a de leitura. Nesse sentido, Baticum *multiplica*:

Desde o início que eu comecei a colocar as plantas a disposição, muitas pessoas estranharam, Aí, com o tempo, elas foram abordando e foram

⁵⁰ É importante esclarecer que, embora o sarau, a biblioteca e o *slam* Okupa(ção) posicionem-se como de autogestão, não excluem a necessidade e consciência de que devemos ocupar todos os espaços, inclusive, os institucionais. Nesse sentido, o “Slam da Okupa” e a “Biblioteca Comunitária Okupação”, que têm esse caráter mais itinerante, também possibilitam captar verbas por meio de editais.

⁵¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/slamdaokupa/photos/a.795755990629822/795756520629769/?type=1&theater>. Acesso em: 21 jan. 2020.

entendendo isso, né, da questão da doação de plantas. Fez até dois anos que sempre tinha um que vinha perguntando se era pra vender, pra vender, e eu não... Eu deixo aqui pra disposição das pessoas, pra adotarem as plantas e tudo mais. Aí nessa mesma experiência com as planta vieram surgindo outras coisas, né. Assim, quando eu comecei a fazer as plantas eu comecei também a trabalhar com compostagem, né. Quer dizer, a reutilizar material orgânico, né, reutilizar material orgânico de casa... Quer dizer, já faz mais de quatro anos que tem essa experiência aqui em casa. E é muito importante, né, porque é algo que afeta a gente diariamente e totalmente. Isso é uma experiência que transpassa até a questão de literatura, a questão mesmo de ação direta de sarau e tudo mais, porque é algo que já é próprio da gente [...] E também a questão da separação do lixo que é feita em casa já visando a questão do “Adote uma planta”. Que esses materiais mais reciclável, o plástico, e tudo, eles são reutilizados pra fazer o lugar onde vai colocar a planta. E agora eu comecei também a conversar com recicladores e separar alguns desses materiais que não servem pra colocar as plantas. Então, é toda uma rede que vai se construindo, né. Até se a gente for fazer um parâmetro, assim, antes de quando iniciou o projeto e depois, a gente vê que muitas pessoas começaram a ter plantas na sua área, no seu quintal, na frente da sua casa. Se fosse uma fotografia a gente conseguia vê, antes era seco e agora com esse projeto as pessoas começaram por conta própria, é uma prática assim que muda o cenário que a gente vive, né. (BATICUM, 2018).

A doação de planta tem mudado o cenário do bairro, como é comentado anteriormente. Tem sido potencializado, como consequência desta prática, todo um processo de ecologia e sustentabilidade, de separação de lixo, reciclagem, etc, tornando essa ação muito importante para o cotidiano e para a qualidade de vida dos moradores, na contramão da política de desmatamento potencializada pela atual prefeitura de Fortaleza – CE, que teve na derrubada de diversas árvores existentes nas ruas da cidade uma de suas principais características.

Figura 5 – “Adote uma planta”⁵²



Fonte: Perfil público “Okupação Okupação Okupação” no Facebook.

⁵² Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=487652235324706&set=a.109676609788939&type=3&heater>. Acesso em: 05 fev. 2020.

Nesse sentido, é importante comentar que partimos, aqui, de vivências pertencentes a um lugar, este reconhecido como de ações autonomistas (sarau, doação de plantas, *s/lam*, biblioteca), de “Okupação”; e é, assim, que temos uma rua do amor⁵³ específica, peculiar, mesmo que geograficamente também se faça como parte do bairro Antônio Bezerra – Fortaleza (CE), que é composto por diversas outras linhas.

É a Mister Hull, com sua pista múltipla (dez faixas ao todo), quem recebe aqueles que chegam ao Antônio Bezerra, vindos da avenida Bezerra de Menezes. Uma mancha de pontos comerciais que se estende pela larga avenida em direção à saída de Fortaleza e divide o bairro em dois lados [...] Já do alto, de cima do viaduto da Perimetral (avenida Coronel Matos Dourado), que fica logo após o Terminal de Ônibus de Antônio Bezerra e corta o começo da Mister Hull, o sentimento é de amplidão. A metrópole Fortaleza está ali em sua plenitude, varando aquele que é o último bairro do lado noroeste da cidade; no limite com o município de Caucaia. A proximidade com o fim da cidade – a avenida Mister Hull é um trecho urbano da BR 222 – e a movimentação fácil de ver nos pontos de ônibus, de pessoas com sacolas de viagens provocam ainda uma sensação de passagem. É como se aquele local servisse somente para entrada e saída de Fortaleza. A cena muda quando se adentra o bairro que se torna predominantemente residencial e vai desacelerando à medida que a Mister Hull e a Perimetral ficam distantes. Ao andar pelas ruas internas de ambos os lados do bairro, a impressão inicial é de uma disposição difusa de butiques, salões de beleza, mercearias e lanchonetes. (OLIVEIRA, 2015, p. 215-216).

Temos, acima, o olhar de Oliveira (2015) sobre o bairro Antônio Bezerra, entendido, pela pesquisadora, como um lugar urbano, como parte de uma metrópole, mas que também “carrega” peculiaridades, contrastes. É importante destacar que o bairro Antônio Bezerra é considerado uma periferia, esta entendida como consequência das inúmeras desigualdades comuns às grandes cidades. A palavra “periferia” “aponta” “para aquilo que é precário, carente, desprivilegiado em termos de serviços públicos e infra-estrutura urbana”, segundo Caldeira (1984, p. 7 *apud* OLIVEIRA, 2015, p. 111). Traçamos, dessa forma, o bairro como um “lugar periférico”, e é nesse lugar que (re) existe simbólico e politicamente a rua do amor, do afeto, as ações da Okupação, como parte “das áreas”⁵⁴.

⁵³ Entendemos a “rua do amor”, aqui, em seu sentido/importância simbólica, uma vez que o local do sarau, na verdade, acontece no encontro de três ruas, entre elas a “rua do amor”.

⁵⁴ A expressão “das áreas” utilizada, aqui, faz referência a secção “5.1 É nas áreas que se vive” da dissertação de mestrado de Klycia Fontenele Oliveira (2015), em que os moradores do bairro Antônio Bezerra, entrevistados pela pesquisadora, utilizam a expressão “das áreas” para demarcar

É o caráter autônomo das ações da “Okupação” que a *reterritorializam*, criando, assim, um lugar periférico e autônomo. Este potencializando *linhas de fuga*, até mesmo, dentro do Antônio Bezerra, ao realizar, por exemplo, ações ideologicamente contrárias às posturas conservadoras de alguns moradores do bairro, como comenta Baticum, a seguir.

O bairro Antônio Bezerra é conhecido por seus moradores conservadores e ligados ao futebol e a igreja católica, muito a renovação carismática. Então, desde 1999/2000 fizemos parte de grêmio estudantil e viemos movimentando o bairro com passeatas e festival de *rock*, o que leva a reações de alguns moradores nos marginalizando e simplesmente ignorando nossa importância. Nossos festivais sempre foram alvos da polícia de... De julgamentos dessa parte da população como coisa de vagabundos. Mesmo com alvará, sempre fomos incomodados. Mas a coisa mudou um pouco quando entrei para o curso de Direito, de certa forma, inibiu eles de reagirem mais ostensivamente. Tivemos dificuldades quando iniciamos em 2016 o sarau na Praça... Ocorria que a pessoa que tomava conta da chave de onde ligávamos a caixa de som mentir dizendo que a energia estava cortada. Essa pessoa é ligada ao vereador do bairro. Foi aí que em fevereiro/março de 2017 resolvemos descer para a rua do Amor e estamos aqui fazendo o sarau até hoje com a Biblioteca e tudo. (BATICUM, 2018).

Temos, assim, a rua do amor como um lugar de periferia que “não é somente geográfico, visto ser constituído pelas práticas socioculturais [...] São essas práticas que “dão significados ou ressignificam os espaços [...] (MAGNANI, 2008, p. 39)”. (OLIVEIRA, 2015, p. 111-112).

É desse lugar periférico autônomo que partimos, nesta pesquisa, onde nossas sementes estão brotando, como *agencia* Baticum, em livros (livres), em doações de plantas, em novas práticas e em novas vidas, pois também temos

o local onde vivem, ao afirmarem que são “das áreas”. O bairro Antônio Bezerra e suas imediações outrora “compunham um grande distrito denominado Barro Vermelho. O ano era 1933 e a divisão administrativa de Fortaleza apresentava a cidade com sete distritos: Fortaleza, Alto da Balança, Messejana, Mondubim, Porangaba (hoje, Parangaba), Pajuçara e Barro Vermelho (PMF, 2010). Naquele período, a região era marcada pela falta de serviços públicos e pela quase inexistência de edificações e equipamentos.” (OLIVEIRA, 2015, p. 113). Assim, “por volta dos anos 1930, o antigo Barro Vermelho foi ganhando monumentos e serviços que se tornaram marcos históricos na formação inicial do distrito e, posteriormente, do bairro. Em 1932, veio o serviço de agência postal e telegráfico. Em 1935, a construção do Cemitério Público do Antônio Bezerra, inaugurado um ano depois com o nome oficial de Cemitério Santo Antônio. Em 1937, chegou a rede elétrica. Em 1942, foi implantada a primeira instituição particular de ensino do bairro, a Escola Apostólica São Vicente de Paulo (hoje, Faculdade Ateneu); e em 1948, a primeira pública, a Escola de Ensino Fundamental e Médio Antônio Bezerra (o grupo Antônio Bezerra). Já em 1955, começou a funcionar a feira livre do Antônio Bezerra na rua Dr. Vale Costa. Em 28 de junho de 1937, a Lei Municipal nº 79 modificaria o nome do distrito de Barro Vermelho para Antônio Bezerra, numa homenagem a um dos mais ilustres moradores do bairro, o historiador Antônio Bezerra de Menezes, que também dá nome a uma importante avenida de Fortaleza e a vários equipamentos do bairro.” (OLIVEIRA, 2015, p. 115).

nossos filhos, agora, crescendo nessas vivências, possibilitando continuidades, assim, às nossas lutas.

Nossas Sementes Estão Brotando

Começamos a comemorar o aniversário do Sarau em janeiro, até chegar o mês de outubro, que foi quando começamos essa experiência artística e cultural, onde recebemos o grupo Nós de Teatro com a peça “todo camburão tem um pouco de navio negreiro” em 16. Estavam Luan e Baticum ousando fazer isso em pleno golpe e na periferia. De lá pra cá Sarau da B1, Corpo Sem Órgãos, Marc, AEAF, Gaia, Feira Punk, Samuel Brandão, Dj Marcius Fish, Zeric, Gutemberg, Viviane Brasil e tantas outras estão contribuindo. Foi aí que conspiramos de homenagear uma e um das nossas em toda edição. Saímos da Praça e descemos para a Rua do Amor. Nesse percurso mudas de plantas foram doadas, a geladeiroteca deu as caras e a Biblioteca surgiu. Conspiramos com uma craniada o Encontro de Saraus, ocupamos 2 bienais do livro, Dragão do mar, Maloca, Benfica e ousamos fazer a Bienal Itinerante de Poesia. Aconteceu o Slam da Okupa atentando pela poesia no Autran Nunes, AB⁵⁵, CC⁵⁶ e PI⁵⁷. Eis que concebemos a Periferia Vive, um projeto de Escola Livre e Itinerante. Chegam Madame que trás Adri, Luiz e outras das bandas do QC⁵⁸. Sereia vem com uma ruma do BJ⁵⁹ e Mika. Felipe, Moisés, João tornam-se guerrilheiros poéticos na Okupa. Nesse tempo homenageamos Geova, Monique, Talles, Pamela, Argentina, Sylvania, Flor, Ruan, Gleiciane e uma reca de gente importante pra gente. Jéssica chega em 19. Agora os livros são livres, as árvores cresceram, Tainá nasceu, Pietro nasceu... Fizemos um livro coletivo e estamos conspirando um da Okupa. Vamos pra São Gonçalo, Crato... Nem na metade do caminho, é micropolítica que chama? É ação direta? São 3 anos, antes teve muita coisa, agora são essas coisas e depois? Estamos nos organizando!. (OKUPAÇÃO, 2019).

“Estamos nos organizando!”, e em janeiro de 2020, inauguramos o novo espaço da Biblioteca, Sarau e demais ações da Okupa(ação). Este espaço foi construído em frente à casa de Baticum, onde já aconteciam essas ações, de forma totalmente autônoma, “por conta própria”, com recursos de sua família e com a ajuda mútua de algumas pessoas. A reforma visa, como me foi dito por Baticum, trazer mais conforto para a “galera” que “soma” com as ações da Okupa(ação), no sarau, na biblioteca, na adoção de plantas, etc, *potencializando*, assim, uma intervenção urbana.

Dessa forma, ideia de “Okupação”, de intervenção urbana, vem como uma *reterritorialização* das linhas de vida de Baticum, importante comentar, que,

⁵⁵ AB significa Antônio Bezerra, bairro periférico da cidade de Fortaleza – CE.

⁵⁶ CC significa Conjunto Ceará, bairro periférico da cidade de Fortaleza – CE.

⁵⁷ PI significa Praia de Iracema, localizada na cidade de Fortaleza – CE.

⁵⁸ QC significa Quintino Cunha, bairro periférico da cidade de Fortaleza – CE.

⁵⁹ BJ significa Bom Jardim, bairro periférico da cidade de Fortaleza – CE.

embora não seja “líder” das ações da “Okupação”, por serem ações autônomas, realizadas de forma coletiva, é quem mais se afeta com essas vivências, uma vez que acontecem em frente a sua casa, relacionando-se diretamente com seu cotidiano. A okupação surge das *linhas de fuga* potencializadas pelos pais de Baticum, nos anos 90, que tiveram que ocupar esse espaço, na rua do amor, como forma de resistência, mas, principalmente, de sobrevivência, pois, na época, passavam por muitas dificuldades.

A história da “Okupação” remete muito a minha própria vida. Está ligada na luta por moradia, pois, pelo menos, em três vezes durante a minha infância ocupamos terrenos. O primeiro que me lembro, é um que se encontra ocioso até hoje, onde várias famílias no final dos anos 80 ocuparam. Estávamos lá e de repente chega o dono num carro colocando o carro por cima de todo mundo. Outra situação foi no que hoje é conhecido como Planalto Pici, onde tínhamos um barraco lá, e depois, por conta da violência, tivemos de nos desfazer. E o último é esse onde faço minha residência de lar e artística. Aqui foi em 1990/1991, muitas famílias ocuparam esse pequeno terreno e onde moram aqui. Todos individualmente chegaram e resistiram por anos ao assédio dos moradores ligados à capela de Santa Edwiges. que a todo custo tentaram nos retirar daqui. (BATICUM, 2018).

Assim, as ações diretas da “Okupação”, embora se *reterritorializem* no agora, como novas e coletivas, trazem também todas essas “marcas” de ocupação, as *linhas de fuga* e de vida de Baticum.

Nesse sentido, a *reterritorialização* de um sarau periférico autônomo, aquele realizado nas periferias da cidade, de modo autonomista, pela via da micropolítica, da ação direta, dentro de toda essa rede maior de atividades (que, atualmente, envolvem doação de plantas, bibliotecas comunitárias, oficinas, bienal itinerante e o próprio encontro de saraus, bailes de *reggae* e rolezinhos, teatro, dança, performance, etc.) ganha importância como um espaço de luta e de fortalecimento da periferia, num movimento de “arraste pra arte”⁶⁰. Uma luta, pois, contra o contexto de violência na e pela linguagem política da arte, como uma *máquina de guerra* (DELEUZE; GUATTARI, 2001b). Assim, como *multiplica* a Cia Bate Palmas, “sal sarau é sal”⁶¹.

⁶⁰ “Arrasta pra arte” foi uma expressão propagada pelos integrantes da autogestão nas ações, e, principalmente, nos primeiros Encontros de Saraus e redes sociais. Tem como objetivo realizar um movimento coletivo de articulação de autogestão periféricas, na tentativa de lutar contra a violência e o tráfico de drogas nas periferias na e pelas práticas artísticas, como, oficinas, saraus, bibliotecas comunitárias, grupos de estudo, entre outras.

⁶¹ A gíria “é sal” é utilizada, principalmente, por jovens em Fortaleza – CE e quer dizer “vai dar certo”, “é tudo de bom”.

Souzinha, vocalista e compositor da banda Lampião Encantado, morador do bairro Antônio Bezerra, em nossa conversa coletiva, comentou sempre ficar revoltado, enquanto artista, com a manutenção do eixo cultural de Fortaleza ser concentrada apenas entre a Praia de Iracema e o Benfica. Disse também que sempre achou necessário um movimento cultural em seu bairro. Comentou ter sido esse o motivo para aceitar o convite de Baticum para “somar” com o sarau “Okupação” e que, até mesmo, a orientação do Lampião Encantado mudou com essa vivência do sarau, pois, atualmente, objetiva criar uma arte que dialogue com a música tradicional da cultura brasileira, mas que dialogue também com as demandas da galera que mora na periferia.

Multiplicando as palavras de Souzinha, a prática do sarau periférico vem, assim, também quebrar estereótipos, de que a periferia só tem acesso à arte massificada, ou a determinados estilos musicais, o sarau torna-se, assim, um espaço de diálogo, de conversa, na rua. Mas, o jogo de linguagem sarau só é vivenciado na e pela linguagem da rua?

Na rua, na praça, no bar, no parque, na praia ou em uma livraria, em um museu, em uma universidade, em casa, são diversos os espaços onde podemos vivenciar um sarau. Um sarau pode vir a ser mais íntimo, uma reunião em um lugar fechado e/ou no meio da rua, para citar alguns exemplos. Na diversidade que pode vir a ser, acredito que o que existe em comum no que diz respeito aos saraus, numa perspectiva geral, seja seu caráter de encontro, de reunião, que pode se configurar em diversos formatos, seguindo organizações e posicionamentos políticos diferentes, que remontam outros tempos.

A palavra sarau não é recente. Diversas músicas, romances, cartas, crônicas e memórias do século XIX, da Europa e da América, fazem referência a essas luxuosas reuniões de amigos, artistas, políticos e livreiros, que, com frequência variada, encontravam-se em casas de certas figuras da alta sociedade ou em espaços exclusivos desses setores – como clubes e livrarias – para tornar suas criações públicas [...] O termo sarau deriva etimologicamente do latim *serum*, que significa “tarde”, período em que justamente se davam os encontros. (TENNINA, 2013, p.11).

Ao entendermos de modo político a linguagem, não é excepcionalmente importante o modo como um jogo de linguagem sarau vem a ser, que é sempre um aqui e um agora, uma experimentação, mas o propósito (sempre político) do encontro, as *multiplicações* que este encontro *agencia*.

Nesse sentido, os saraus modernos, entre eles os periféricos, podem ser compreendidos na contramão de uma perspectiva política “tradicional” de saraus, que remontam ao século XIX. Mudam-se, assim, os propósitos, traçando uma *linha de fuga* que potencializa uma *desterritorialização* do sentido tradicional burguês que outrora revestia esses encontros, uma vez que o propósito político de outrora, ao pensarmos em uma “origem” europeia dos saraus, consistia em divulgar a arte criada pela parcela rica da sociedade, e única a ter acesso à arte.

Nesse olhar para outrora, no que tende às práticas artísticas críticas, especificamente, no contexto da cidade de Fortaleza – CE, existem registros que remontam à criação de *linhas de fuga* desde 1892, ano que surgiu o movimento literário “Padaria Espiritual”, um dos primeiros e significativos movimentos literários críticos da cidade.

A padaria Espiritual surgiu aos 30 de maio de 1892, numa mesa do Café Java, quiosque situado à Praça do Ferreira, no centro de Fortaleza. Antônio Sales, Adolfo Caminha (1867-1897), Lívio Barreto (1870-1895) e Lopes Filho (1868-1900) estiveram entre os sócios na primeira fase do grêmio (1892-1894). Rodolfo Teófilo (1853-1932), Antônio Bezerra (1841-1821), Waldemiro Cavalcante (1869-1914) também se somaram ao grupo na sua segunda fase (1894-1898). Ela agregou poetas, jornalistas, romancistas, políticos, historiadores e homens de outros segmentos letrados de menor aclamação pública na capital cearense, como amanuenses e caixeiros. O seu periódico chamava-se *O Pão*, seus integrantes foram denominados “Padeiros” e suas reuniões “fornadas”. A pilhéria e a postura “antiacadêmica” anunciada outrora marcou a existência do grêmio. (CARDOSO, 2012, p.99-100).

Acredito que o movimento da “Padaria Espiritual” tenha sido pioneiro por seu caráter crítico e contestatório, pelo tom de pilhéria no que tende ao contexto social da época, potencializando *linhas de fuga* na e pela linguagem da arte, escandalizando uma Fortaleza conservadora de outrora, que ainda reproduzia um modelo de organização social europeu colonizador e “civilizado”.

Já no que diz respeito ao século XX, é a partir dos anos 90 que temos registros, com esta nomenclatura, de prática de saraus, inclusive, contestatórios e periféricos, na cidade de Fortaleza – CE. Rômulo Silva fez um apanhado desses saraus em sua “Rede de afetos” (2019a). O autor nos fala sobre as rodas de poesias organizadas por jovens na cidade durante a década de 90, e, posteriormente, (em 2007), sobre a experiência da Zona Poética Liberada (ZPL), que potencializava encontros poéticos no espaço institucional do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, na Praia de Iracema. Esses encontros eram organizados pelo escritor

Carlos Emílio Correia Lima e faziam uso de uma lista de inscrição, elaborada anteriormente ao sarau.

Assim, a burocracia da lista de inscrição era característica dos saraus, até o surgimento do “Templo da poesia”, este um espaço cultural potencializado pelo encontro dos poetas Reginaldo Figueirêdo e Ítalo Rovere. O Templo localizava-se no centro da cidade de Fortaleza, com programação todos os sábados, em que era realizado um sarau com “palco aberto”, que, como o “microfone aberto” das atuais práticas autonomistas, ficava livre para quem desejasse participar. Acredito que o Templo da poesia é um dos movimentos mais antigos e importantes da cidade na realização de saraus independentes, um dos primeiros a existir após os grandes movimentos literários do passado, como a Padaria espiritual, esta que, segundo Reginaldo, eles “usaram” na divulgação para a mídia, de forma estratégica, anunciando que o “Templo” seria a nova “Padaria espiritual”.

Atualmente, o “Templo da poesia” mudou-se para um sítio em Maranguape, chamando-se, então, Vila de poetas. Na Vila, existem locais para hospedagem, cuidados, conversas maravilhosas e muito afeto, além da realização de um sarau, que continua como “Templo da poesia”, este acontecendo no segundo sábado de todo mês. O “Templo”, neste momento, está se organizando na busca por *potencializar* uma nova vivência, chamada “Palco Móvel da Poesia Itinerante”, em que todos os poetas irão visitar outros saraus, praças, ruas, ou seja, diversos locais, em um *trailer*. Nessa direção, Reginaldo⁶² *multiplica*:

Olha, o “Templo da poesia” ele deu, assim, quando a gente “nasceu”... Não tinha muitos movimentos de saraus na cidade e... Hoje, a gente vê muitos saraus acontecendo, em todos os lugares. Nós fomos um... O que iniciou de novo, né, porque já houve vários momentos... É tanto que a gente puxou a Padaria Espiritual dizendo que... Jogou isso e foi... Surtiu muito bom efeito. A gente viu sair vários saraus de dentro do “Templo da poesia” e, inclusive, poetas. Várias pessoas... É... Escreveram, tem livros, de pessoa... Que graças ao Templo da poesia passaram a se reconhecer como poeta e viver a poesia. É... Se nada mais acontecesse, já teria acontecido o que nós viemos fazer, mas como agora eu tenho... Assim, nós tamos passando por momentos muito bonitos e muito difíceis... É, difícil porque a gente registra isso e a maior parte das pessoas tá registrando, nós temos o... Assim, somos todos diferentes, aqui, a coisa mais segura é que ninguém vai dizer a mesma coisa, vai contar a história completamente diferente que a gente não

⁶² Reginaldo Figueirêdo “nasceu em serrinha estado da Bahia, em maio de 1961, filho do alfaiate João Figueirêdo Filho e de Raimunda Pereira de Figueirêdo, aos seis meses de vida. Sua família volta para Juazeiro do Norte, região do Cariri, do Caldeirão da Santa Cruz, terra do Padre Cícero, onde viveu durante toda sua infância e adolescência. Um dos Poetas criadores do “Templo da Poesia”, ativo no movimento nacional e internacional de economia solidária, hoje mora e constrói a Vila de Poetas, em Maranguape – CE.” (FIGUEIRÊDO, 2015, p. 69).

tem aqui uma história linear, nem uma história... É... Repetida. Cada um vai de sua visão. Mas, na minha, o Templo da poesia ainda tem uma grande coisa pra acontecer que é esse Palco Móvel da Poesia Itinerante, ela vai agora, inclusive, andar nos saraus que nasceu dele, é como uma visita aos saraus, que aconteceram, é um retorno dentro de nós mesmo. Quando eu vejo, outro dia eu tive ali no sarau Maracanaú, “Bota o teu”, eu cheguei lá e digo “Caramba, olha, que coisa maravilhosa!” e quando a gente começou não tinha... E é tanto que não tinha que encheu, era lotado porque tinha uma vontade, né, uma necessidade e não tinha. E eu tenho o maior prazer... E... Que eu nunca escrevi pra ninguém, eu só escrevo pra mim mesmo e ao escrever pra mim mesmo eu tenho... É... Melhorado a mim mesmo. E e o bacana é que eu escrevo pra mim e tem um bucado de gente que gosta e, por isso, a gente fica tão feliz em poder... É... Estar com as pessoas, o “Templo da poesia” “nasce” com esse objetivo... E quando eu não sei o que fazer da vida, eu faço um poema e o poema diz o que eu devo fazer [...] O templo da poesia tem um *slogan* muito forte que pega do livro do Ítalo do “Tato amarelo”, que é “o amor de todo mundo para mudar o mundo” e a gente também como poeta tem que lembrar, poeta, escritores, tudo que você tiver fazendo na sua vida, porque todos somos poetas, se você pensar sobre os seus pensamentos você termina saindo poesia. (FIGUEIRÊDO, 2020).

Outro registro de linha de fuga periférica e crítica que também remonta aos anos 90, consiste na efervescência político-cultural (SANTOS, 2017) que marca o contexto do bairro Serrinha. Principalmente, no que diz respeito à linguagem musical do *rock*, propagada no bairro durante muito tempo pelas edições do “Movimento político e cultural ensaio *rock*”⁶³, que realizava saraus e festivais de *rock* na Praça da Cruz Grande. Sobre o bairro Serrinha, Santos (2017) *multiplica*:

Nas últimas duas décadas, coletivos culturais e movimentos sociais de juventude da Serrinha em Fortaleza têm se apropriado territorialmente da Praça da Cruz Grande, como forma de engendrar sua “ocupação” e construir aí, um espaço de sociabilidade, expressividade artística e circulação de jovens. Desde meados da década de 1990, agrupamentos

⁶³ O “Movimento político e cultural ensaio *rock*”, atualmente, não têm realizado atividades. “É um movimento comunitário que organiza a juventude sintonizada com cultura *rock*. Não somente. Tendo em vista que o *rock* vem abrindo portas importantes para a juventude que se organiza no Movimento, enriquecendo consideravelmente o repertório sociocultural e político dos sujeitos que dele participam, pretendemos também ser um coletivo capaz de afirmar essa pluralidade de ações e aprendizados que estão sendo desenvolvidos pela galera que atua no Ensaio *Rock*. Essa cultura *rock* que inicialmente motivou fortemente o surgimento do Movimento Político e Cultural Ensaio *Rock* vem atualmente sendo enriquecida pela cultura *hip-hop*, pelos saraus, pela luta por mais direitos para a juventude da periferia, pela literatura e pela organização popular, iniciativas que confirmam o caráter político e cultural do Movimento. Atuando na Serrinha desde 2012 o Movimento Político e Cultural Ensaio *Rock* é fruto de dois momentos que estão intimamente relacionados. Num plano mais amplo, o surgimento do Movimento tem a ver com a movimentação em torno da cultura *rock* que teve início na década de oitenta de século passado no bairro da Serrinha. Num plano mais específico, o coletivo surge como expressão dos festivais denominados Ensaio *Rock* iniciados em 2007, cujo palco principal foi o prédio do Centro Comunitário do Bairro da Serrinha, conhecido também como Capelinha, localizado na av. Silas Munguba n° 3483”. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/movimentoensaioirock/about/?ref=page_internal. Acesso em: 25 abr. 2020.

organizados artesanalmente, formam bandas de rock, promovem festivais, saraus, “quadras do *funk*”, “radiola” do *reggae*, rodas de *break* e feiras musicais. Com uma histórica programação cultural, a Praça é ponto de encontro de diversas “tribos” de jovens do bairro e de outras localidades da periferia de Fortaleza. (SANTOS, 2017, p.3).

Dessa forma, ainda que não necessariamente situados no “formato” atual de autogestão, aqui mapeado, temos registros, ao longo do tempo, de diversas linhas, *agenciamentos* de diversos saraus e práticas artísticas críticas, que, se considerarmos os processos de subjetividade como diversas linhas que se *desterritorializam* e se *reterritorializam*, potencializaram a primavera periférica⁶⁴ que aflora por nossa Fortaleza.

2.3 “Ocupar é resistir (resistir)”: de uma fortaleza autonomista

“A cidade precisa de poesia. A periferia precisa de poesia. As pessoas precisam de poesia. A *Boulevard I* precisava de poesia. E assim surgiu o Sarau da B1. Uma intervenção artístico-musical-poética [...].
(Aglailson di Almeida).⁶⁵

Jovens, adultos, crianças e idosos gritam seus poemas, suas canções, as diversas formas de expressão que necessitam compartilhar, e são assistidas e são aplaudidas por outros jovens, adultos, crianças e idosos, nessa troca de afetos, nessa experimentação de arte que constitui vida, uma nova forma de vida na e pela linguagem da rua. Das “quebradas” propagam-se vozes artísticas/políticas que ampliam o espaço público periférico em um espaço público periférico cultural crítico. E assim, começa-se a jogar o jogo de linguagem sarau periférico, como uma *linha de fuga*, como uma *desterritorialização*: na contramão de uma política capitalista e colonialista, “aflora” uma Fortaleza autonomista, nas periferias, que precisam de poesia. Nesse sentido, Sérgio Vaz⁶⁶ *multiplica*:

⁶⁴ “Primavera periférica”, aqui, faz referência ao poema de Sérgio Vaz, exposto posteriormente, que tem esta frase como título.

⁶⁵ Trecho do Prefácio 4 (p. 15) da antologia poética “Sarau da B1” (2016). Obra independente que traz diversos poemas de moradores do bairro Jangurussu e demais frequentadores do Sarau da B1, sarau de autogestão que acontece desde 2015 no Conjunto São Cristóvão. Aglailson de Almeida é um dos idealizadores do grupo “Poetas de lugar nenhum” que fundou o Sarau da B1.

⁶⁶ “Sérgio Vaz é poeta da periferia e agitador cultural. Mora em Taboão da Serra (Grande São Paulo) e é presença ativa nas comunidades do Brasil. É criador da Cooperifa (Cooperativa Cultural da

Já tem algum tempo que venho batendo na tecla que estamos vivendo, culturalmente falando, a nossa Primavera Periférica. Já estava mais do que na hora dessa gente mais do que bronzeadada mostrar o seu valor. E quem tem valor não tem preço. Só quem não anda e não vive pelas quebradas de São Paulo, ou ainda torce o nariz, não sabe do que estou falando. Uma evolução aos gritos ocorre em silêncio e somente atentos ouvidos podem escutar. A periferia de São Paulo vive hoje a mesma efervescência cultural que a classe média viveu nos anos 60/70, considerada o auge da criatividade e engajamento artístico [...] Quem poderia imaginar que, um dia, um sarau de poesia – entre mais de 50 que acontecem em Sampa –, no extremo da periferia paulistana, região que já foi considerada Vietnã, devido à violência extrema, poderia completar dez anos de atividade? Quem poderia imaginar que a Literatura ia invadir bares e transformá-los em centros culturais, e que esses mesmo bares iam virar cineclubes, espaços para teatro, debates, música, dança, lançamento de livros, CDs e demais práticas culturais e artísticas? E o que seria mais importante, que viria do povo, para o povo, sem intervenção ou concessão de ninguém? Pois é, esse dia chegou. Os trabalhadores estão praticando um outro tipo de esporte: a Literatura falada. Aquela que não cabe nos livros, que não aceita enquadro da gramática, e que muitas vezes discorda da concordância. Mas e daí, concorda comigo? A Poesia está na pauta dos despautados, contrariando os despeitados [...] Quem nunca passou por nenhum tipo de inverno não pode entender a nossa Primavera, não pode compreender o valor que é a alegria de ver cada flor que nasce, regada com as lágrimas e o suor de um povo que “adora um deus chamado trabalho” nesse solo duro e nada gentil chamado Brasil. (VAZ, 2016, p.19-22).

É essa Primavera periférica de que nos fala Vaz, as flores que desabrocham pelas periferias paulistas⁶⁷, que também tem florescido por Fortaleza – CE e região metropolitana, como uma nova forma de (re) existência em suas diversas materializações (música/teatro/literatura/cinema/fotografia/artes plásticas/audiovisual, teatro, dança, performance), e embora possa se configurar de modo tão diverso, um constante “aqui” e “agora”, um sarau agencia um encontro, um diálogo, uma experimentação na e pela linguagem da arte. Uma festa da poesia na contramão de uma sociedade que quer impor (e criminalizar) o modo como a juventude da periferia pode se divertir, como comenta Baticum, a seguir.

Periferia) e um dos criadores do Sarau da Cooperifa, evento que transformou um bar na periferia de São Paulo em centro cultural e que, às quartas-feiras, reúne cerca de trezentas pessoas para ouvir e falar poesia. A movimentação ganhou respeito e reconhecimento da comunidade e também já há muito tempo reverberou para fora dela. Sérgio Vaz já recebeu os prêmios Trip Transformadores, Orilaxé, Heróis Invisíveis, Governador do Estado 2011 em três categorias e em 2009 foi eleito pela revista *Época* uma das cem pessoas mais influentes do Brasil. Em 2015, recebeu o prêmio Amigo do Livro, concedido pela Câmara Brasileira do Livro a personalidades que se destacam por sua atividade em prol do livro e da leitura. Já publicou seis livros, dentre eles *Colecionador de pedras* (2007) e *Literatura, pão e poesia* (2011), pela Global Editora”. (VAZ, 2016, p. 177).

⁶⁷ A prática de saraus críticos, periféricos, já se propaga por diversos estados do Brasil. Encontrei trabalhos sobre saraus em diversas áreas, principalmente, no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

O momento que a juventude tá reunida, na festa, isso não é visto com bons olhos. Por que nós tem lugar, a sociedade diz o quê? Que tem lugar certo pra juventude se reunir. Ou, então, assim, ou a juventude da periferia, das comunidades, dos bairros pobres, não pode se divertir. O divertimento deles sempre vai tá ligado a algum tipo de crime. (BATICUM, 2018).

As manifestações culturais na cidade de Fortaleza e região metropolitana, atualmente, são diversas, fogem em novas linhas, potencializam novos territórios, tornando muito difícil registrar todas, neste trabalho. Aqui, fazemos uma tentativa de recorte, um corte no caos. *Agenciando*, assim, na e pela linguagem desta dissertação, um posicionamento de *devir*-periférico, vindo dos saraus periféricos autonomistas. Mas, existem saraus outros, para além dos autonomistas, que trazemos, aqui, alguns exemplos⁶⁸ das vivências que tive.

O primeiro sarau que participei foi o sarau “Poesia de leve”, realizado na livraria “Breachó Literário Rimbaud”, no bairro Benfica, e idealizado pela poetisa Tetê⁶⁹. O “Poesia de leve” realizou edições de sarau de 2015 a 2016 e era mais voltado para um público de artistas e estudantes universitários, uma vez que se localizava em um bairro onde existem os *campi* dos cursos de humanas da Universidade Federal do Ceará e o centro de humanidades da Universidade Estadual do Ceará, onde eu estudava, na época. No entanto, “somavam” também ao sarau artistas das periferias da cidade. O jogo de linguagem sarau “Poesia de leve” reuniu diversos artistas, estudantes da cidade⁷⁰, e recebia um convidado em cada edição que falava um pouco sobre sua obra artística, depois o microfone ficava aberto para quem tivesse interesse em falar.

Outro exemplo de saraus são os realizados dentro das universidades, por alunos e/ou professores, em lançamentos de livros e/ou eventos acadêmicos. O sarau Viva a palavra, puxado por nós, integrantes do programa de extensão de minha orientadora, é um exemplo. Mas, o programa “Viva a palavra” realiza edições dentro e fora da universidade, uma vez que busca fortalecer as práticas de

⁶⁸ O coletivo “Nóis de teatro”, na tentativa de facilitar o acesso à informação, criou um mapa cultural de janeiro a agosto de 2019, mapeando os saraus, rolezinhos e festas das periferias de Fortaleza e região metropolitana.

⁶⁹ Tetê Macambira é uma escritora cearense.

⁷⁰ Atualmente, também voltado para este público, e localizados no bairro Benfica, existem o sarau da “Livraria Lamarca” e o sarau “Casa de poesia”. Aquele se realiza no bar, na lateral da livraria, também recebe convidados e adota a prática do microfone aberto. Já este é itinerante e quinzenal. Uma vez por mês, ocorre no Gentilândia Bar, no bairro Benfica. E nos outros dias é realizado em diversos bairros da cidade de Fortaleza. O sarau adota a prática do microfone aberto e prioriza a música autoral. É idealizado e organizado por duas mulheres: Carolina Capasso e Marta Pinheiro.

letramento crítico das juventudes que residem nas periferias de Fortaleza, potencializando diálogos entre “a rua” e “a universidade”. *Multiplicando*, dessa forma, os saberes. Neste jogo de linguagem, são realizadas performances de “Cenopoesia”, pelo grupo de artistas de rua e integrantes de movimentos sociais, estudantes e professores universitários, que aprendem a serem cenopoetas pelos afetos; depois, o microfone fica aberto, ou seja, livre.

Já no posicionamento político periférico, observei a existência de dois “formatos” de sarau⁷¹: os sarau “puxados” por movimentos sociais e/ou pessoas com posicionamento político de esquerda representativa, entre eles, os ditos sarau de luta, que são muito fortes no contexto do bairro Serrinha. E o movimento de sarau autonomistas, que tem como alguns exemplos, o sarau “Okupação”, no Antônio Bezerra, o sarau “da B1”⁷², no Conjunto São Cristóvão/ Jangurussu, o sarau “da Aurora”⁷³, na Barra do Ceará, o “Pretarau – sarau das pretas”⁷⁴, sarau itinerante, o sarau “das artes”⁷⁵, no Tabapuá, , o sarau “Colorido” e o sarau “Livre Curió”⁷⁶, no

⁷¹ É importante comentar, aqui, como os sarau autônomos e demais práticas autonomistas têm se reinventado durante a crise desencadeada pela pandemia Coronavírus, que chegou ao Ceará em Março de 2020. Atualmente, os sarau e demais práticas, têm realizado edições via *lives* em plataformas virtuais, como, por exemplo, o *Instagram*. Utilizando, dessa forma, as plataformas virtuais que antes eram em sua maioria de divulgação de ações, como meio de (re) existência. Além disso, as bibliotecas comunitárias de Fortaleza (CE), também têm lançando pedidos de ajuda, de doações, para enfrentar essa crise. Dessa forma, são potencializadas novas vivências, diante do atual contexto difícil que o Brasil e o mundo enfrentam. (#FiqueEmCasa).

⁷² “No coração comercial de um dos bairros mais pobres de Fortaleza (CE), o Grande Jangurussu, situado na SER VI, encontramos um rico cenário de produções culturais juvenis das periferias fortalezenses: o Sarau da B1, evento que acontece uma vez por mês desde 2015.” (SILVA, 2019a, p. 27). O sarau “da B1” surgiu inspirado num grupo de jovens que se reuniam para declamar poemas, “Os poetas de lugar nenhum”, na associação dos moradores do Conjunto São Cristóvão, no Jangurussu. Hoje, o sarau é realizado na pracinha da Avenida *Boulevard I*, também no São Cristóvão, a quase 5 anos. Rômulo Silva, mestre em sociologia pela Universidade Estadual do Ceará, trouxe o sarau “da B1” como um dos principais temas de sua dissertação de mestrado, intitulada “Rede de afetos: Práticas de re-existências poéticas na cidade de Fortaleza (CE)”.

⁷³ O sarau “da Aurora” iniciou suas atividades em 2019, com a realização do chá de fraldas da filha do organizador, conhecido como “Raposa”, no espaço cultural “Na Taipa”, na Barra do Ceará. Com o sucesso do sarau, o dono o espaço cultural “Na Taipa” pediu que fossem realizadas outras edições. A proposta do sarau “Aurora” surgiu da união do *Slam* Gentil, organizado pelo Raposa, com a “Biblioteca Comunitária Adianto”, também localizada na Barra do Ceará.

⁷⁴ O “Pretarau – sarau das pretas” é um sarau organizado por mulheres negras periféricas da cidade de Fortaleza – CE. É um sarau itinerante, um coletivo muito jovem, que surgiu na contramão da grande ausência de espaços onde mulheres negras e periféricas *agenciem*. Em *multiplicação*, como mulher, fiquei muito feliz quando soube da existência do “Pretarau”, atravessou-me de diversas formas. Como alguém que tem acompanhado os sarau periféricos de Fortaleza, sempre me incomodou muito que os movimentos fossem organizados, na maioria das vezes, por homens. Assim, é muito necessário que as mulheres ocupem, cada vez mais, os espaços, em especial, as mulheres negras e das periferias. O “Pretarau” é uma potência feminina! Para mim, foi uma alegria imensa!

⁷⁵ O sarau “das artes” iniciou suas atividades em Julho de 2018, no bairro Tabapuá – em Caucaia, região metropolitana da cidade de Fortaleza – CE. Atualmente, o sarau realiza suas edições todo último sábado do mês, na quadra do Tabapuá. Em 2020, no primeiro sarau do ano, foi inaugurada

Curió, o sarau “Corpos poéticos”⁷⁷, no Bom Jardim, o sarau “Bota o teu”⁷⁸, no Maracanaú, o sarau “da Filó”⁷⁹, no Santa Filomena/Jangurussu e o “Corpo sem órgãos sarau rizoma”⁸⁰, no Conjunto Ceará. É importante esclarecer que os saraus mapeados, aqui, foram os que consegui entrar em contato com seus integrantes que me disseram reconhecerem-se como saraus autonomistas.

Também é importante comentar, que diante da predominância masculina no *slam* que acontece no conjunto Violeta e demais ações, inclusive, as oficinas da “Biblioteca Comunitária Viva Barroso”, localizada no bairro Barroso, Éder, um de seus administradores, propôs uma conversa coletiva com as manas do “Pretarau – sarau das pretas” e com Nina Rizzi, poeta e organizadora do sarau “da B1”. Soube dessa conversa ao propor à galera da biblioteca que a gente articulasse um sarau no nosso bairro, dessa forma, Éder e Raphael, ambos responsáveis pela biblioteca, me informaram, então, que já existia essa proposta e, assim, decidi “somar”.

No dia primeiro de fevereiro, durante o sarau da B1, edição especial para e com a “Pretarau – sarau das pretas”, nós nos reunimos. As manas do “Pretarau” propuseram, assim, que o sarau até então apenas itinerante, fosse fixado em alguns locais, sugerindo o Maracanaú e o Violeta/Barroso. Dessa forma, a união da

a “Biblioteca (Comunitária) de Rua”, com uma geladeiroteca, na mesma praça onde é realizado o sarau. Antes do sarau “das Artes” não existia nenhum projeto mensal que levasse entretenimento para as pessoas do bairro Tabapuá e adjacentes, como me foi relatado por um de seus organizadores, tornando este sarau e biblioteca fundamentais para a vivência desse lugar.

⁷⁶ O sarau “colorido” e o sarau “Livre Curió” são saraus realizados no bairro Curió, em parceria com a biblioteca Livro Livre Curió. Os saraus surgiram dessa união entre biblioteca e sarau, potencializando diversas novas possibilidades.

⁷⁷ O sarau “corpos poéticos” foi criado dentro de uma atividade de um curso no Centro Cultural Bom Jardim, no bairro Bom Jardim. A sua primeira edição aconteceu com o apoio de algumas intuições. No entanto, a partir de sua segunda edição o sarau passou a acontecer de forma autônoma, segundo me foi dito por um dos seus idealizadores, pois, apesar de acontecer dentro do espaço do Centro Cultural Bom Jardim é puxado de forma autônoma, com equipamentos e organização toda por parte dos jovens da comunidade. A escolha de realizar o sarau dentro do Centro Cultural foi para agregar o público que “soma” nas ações de lá. Como estratégia, pois.

⁷⁸ O sarau “bota o teu” iniciou suas atividades em abril de 2017, na praça do restaurante popular de Maracanaú. Desde então, o sarau realiza-se quinzenalmente, nesta mesma praça. *Potencializando* a transformação social pela e na linguagem da literatura, da música, etc.

⁷⁹ O sarau “da Filó” surgiu diante da vontade que os moradores do conjunto Santa Filomena tinham de realizar um sarau. Iniciou suas atividades em 2017 e realizou, assim, de forma totalmente autônoma e humana, 5 edições. O sarau, no entanto, encontra-se parado, atualmente, mas com provável retorno de suas atividades. O Sarau é uma iniciativa de jovens escritores juntamente com a GaragemTeca que é a Biblioteca Comunitária do Santa Filomena.

⁸⁰ O “Corpo sem órgãos sarau rizoma” é “um projeto cultural que se apresenta em formato de sarau interativo, comportando, em suas noites de espetáculo, áreas como a literatura, o teatro, a dança e a música. Sempre priorizando aspectos da cultura autoral, objetivando, portanto, a expressão e a divulgação genuína da produção autoral, sobretudo da periferia [...] ocorre, geralmente, na última sexta-feira de cada mês [...]” (Texto encontrado na página “O Corpo Sem Órgãos: Sarau-Rizoma” no Facebook. Acesso em: 02 fev. 2020).

“Biblioteca Comunitária Viva Barroso!” com o sarau “das pretas” está *potencializando* a criação do sarau “Pretarau – sarau das pretas Violeta/Barroso”, articulado por e para mulheres. Sinto-me imensamente feliz por estar colaborando diretamente com a construção desse sarau, que vai ter sua primeira edição em abril de 2020, realizado de forma totalmente autônoma por nós, mulheres⁸¹.

Diante de todas essas linhas que se *desterritorializam* e se *reterritorializam*, veio-me a seguinte dúvida: mas quais chuvas fizeram essa primavera florescer?. Em uma conversa com Baticum, refletindo sobre essa questão, ele me disse julgar existirem duas “origens” para as práticas de autogestão atuais, em Fortaleza. A primeira seria o sentimento desencadeado pelas manifestações nacionais de junho de 2013 contra o aumento de R\$ 0,20 centavos na tarifa do transporte público. O momento que ficou conhecido no país como “o gigante acordou”, em que milhares de pessoas foram às ruas reclamar das condições de vida do país, um contexto de revolta geral em relação ao sistema político. Em nossa conversa, Baticum comentou ter sido esse sentimento de revolta e contestação de todos os símbolos “ponta pé” para novas possibilidades, que culminaram na ocupação dos secundaristas em 2016, sendo esta a segunda “origem” e a principal base dos movimentos atuais. Nesse sentido, comenta:

A base... A base mesmo ali foi se dá em 2016 com a ocupação das escolas secundaristas. Porque ali é que fomentou algo pra além da ação direta mais ligada a destruição dos símbolos do capital lá, a contestação pela contestação. Que por si só já é algo, né. É importante a gente retomar o significado de 2013, 2014, as revoltas populares que... Aquela raiva social de alguma forma ela tomou vários caminhos. O caminho pra extrema direita, pois chegou ao poder no governo, o caminho pelo reaparecimento do PT, do ressurgimento do PT e o caminho pra uma galera que foi pra questão de autogestão e autonomia que não tá muito nesse jogo da polarização política, né, partidária. Mas, foi isso, né, a importância da ocupação de 2016, da ocupação das escolas foi que deu pra gente colocar em prática muito dos princípios que a gente conversa tanto. E muita da galera, muita da galera assim que hoje tá com poesia dentro de ônibus, tá com sarau, tá com esse rolê mesmo de poesia, muito dessa galera ocupou escola, fez a luta ali cotidiana, foram quase quatro meses de ocupação das escolas, então foi uma experiência assim que fomentou a base pra o que nós estamos sendo hoje, né. Com relação de saraus pela cidade, o próprio encontro de saraus também, ele vem dessa necessidade de certa forma dá uma continuidade, né, das ocupações. E a própria Bienal Itinerante de

⁸¹ Diante da pandemia Coronavírus, que chegou ao Ceará em março de 2020, obedecendo às medidas preventivas de quarentena (#FiqueEmCasa) adotadas no Estado, o sarau foi suspenso. Articulamos, então, a criação da página (no *Instagram* e no *Facebook*) “baRRósas”, para incentivar o processo de escrita feminina virtualmente, construindo, assim, um Barroso que também é feito por mulheres. Temos em vista, neste contexto, realizar a primeira edição do sarau via *live*, no *Instagram*, em maio de 2020.

poesia também vai surgir disso, né, e... As bibliotecas comunitárias, que a materialização disso tudo, né, da revolta social que não foi só pra ficar na revolta, que é pra tentar construir outras possibilidades de existência. (BATICUM, 2018).

Em nossa conversa, Baticum também mencionou já existirem práticas de ação direta anteriores a ocupação dos secundaristas, como, por exemplo, o sarau “Vai dar certo – residência artística”, sarau realizado na comunidade do Planalto Pici, de 2012 a 2015, o movimento “Sabacu da arte no sistema”, que realizava ações no Grande Pirambu, a partir de 2013, a “Okupa”, no Antônio Bezerra, que se formou em 2013, e o sarau “da B1”, no Jangurussu, em 2015.

É importante comentar que, segundo Baticum, o sarau “Vai dar certo – resistência artística”⁸² e o movimento “Sabacu da arte no sistema”⁸³ foram umas entre as principais influências no que diz respeito ao sarau “Okupação”⁸⁴, uma vez que ambos realizavam ações de (re) existência na rua e em residências artísticas, casas de arte, localizadas em bairros periféricos.

Porém, foi só com a vivência das ocupações que se potencializou de fato “uma base” das ações diretas e autônomas. Com essa mesma perspectiva, Rômulo Silva (2019a) *multiplica, agencia*:

⁸² “Vai dar certo - residência artística é um movimento independente de artistas visuais, poetas, músicos e atores que procura através de saraus trocar arte e cultura com a comunidade do Planalto Pici. Esse movimento mesmo com muito teatro e música, tem como carro-chefe a poesia. Esse projeto iniciou-se com a Residência Artística Vai Dar Certo, idealizado pelo artista visual e Grafiteiro de (SP) EMOL”. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/vaidarcerto12/about/?ref=page_internal. Acesso em: 12 fev. 2020.

⁸³ “Sabacu” é um ato tipicamente cearense difícil de transcrever em palavras. Trata-se de juntar as duas mãos, assoprar entre elas, e “sapecar” na parte de trás da cabeça de alguém fazendo um som característico. A nossa ideia é que a arte pudesse dar um “sabacu” no sistema que exclui, que nos mantém sem condições básicas para uma vida saudável, que nos mantém enjaulados em nossas casa com medo da violência, que estigmatiza a periferia e seus moradores, que impossibilita cada cidadão de ter direito a cultura na sua comunidade. O sabacu é um festival alternativo que quer vir a ser um movimento, esta se realizando pelo segundo ano no bairro pirambu, com a finalidade de fortalecer esse território e a cidade, e tomar em nossas mãos as possibilidades de articular ações, sem mais depender do poder público para isso. O tema esse ano de 2015 será : arte para o povo, sustento para o artista!”. Disponível em: <http://sabacudaartenosistema.blogspot.com/p/seja-um-colaborador.html>. Acesso em: 12 fev. 2020.

⁸⁴ Também segundo Baticum, outros dois movimentos foram importantes no que diz respeito às linhas que possibilitaram o sarau “Okupação”. Um deles foi o “Coletivo provocações”, que potencializava encontros de pessoas para estudar, conversar, pensar junto, discutir textos, assistir filmes com teor filosófico-político, durante o ano de 2004 ao ano de 2006. Após uma pausa, o coletivo foi retomado por Baticum, iniciando, assim, realizações de *Cineclubes* temáticos e um grupo de batuque. Outro movimento que levou indiretamente às linhas da Okupa(ção) foi o protagonismo dos idealizadores da Okupa nos grêmios estudantis, principalmente, ao somar com manifestações sociais, com protestos, potencializar campanhas de conscientização, organizar festivais de *rock* fora da escola, além da participação da redação de um jornal escolar, todo mês.

A ocupação das escolas foi um dos principais espaços de debates, re-existências e insurreição das juventudes envolvidas. A primeira ocupação dos secundaristas CAIC Bom Jardim começou no dia 28 de abril de 2016. Depois dela, 175 escolas espalhadas pela Capital e diversas outras cidades do Estado aderiram à greve e à ocupação durante meses. Continuou a crescer e se fortalecer, mesmo após a greve dos professores ser suspensa pelo Sindicato dos Professores e Servidores da Educação e Cultura do Estado e Municípios do Ceará (Apeoc) a despeito do resultado da votação em plenária no dia 9 de agosto de 2016, em que a maioria dos professores votaram pela continuidade da greve. Meses antes das ocupações, surgiu no Jangurussu a mídia independente “Pode Crer” que viria a se tornar o principal veículo de comunicação do processo de ocupação das escolas – via Redes Sociais (fanpage Facebook) – informando em tempo real como estava acontecendo a ocupação, o cotidiano dos secundaristas nas escolas ocupadas e as negociações dos professores em greve e estudantes ocupantes junto à Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE). (SILVA, 2019a, p.40-41).

Nas palavras de Rômulo a greve dos secundaristas aglutinou, reivindicou e potencializou as práticas de resistência e existência na cidade de Fortaleza. Foi esse movimento de estudantes, em sua maioria, de 15 a 20 anos, que vivenciou, em prática, os preceitos de horizontalidade, autonomia, autogestão e ajuda mútua propagados, até então, ideologicamente e por “poucas” ações, no sentido de que existia um número pequeno dessas práticas, antes da ocupação dos secundaristas. Pequeno ao ser comparado com todas as práticas potencializadas no atual contexto.

Entre os secundaristas também existiam jovens poetas e escritores da periferia⁸⁵ (SILVA, 2019a). Foi por esse intermédio que se iniciou o encontro entre os secundaristas e os frequentadores, organizadores dos saraus, bailes de *reggae* e rolezinhos, que realizavam oficinas, saraus e rodas de conversa, dentro das ocupações. Baticum vivenciou esses encontros, como nos conta a baixo:

Estive em mais de 20 escolas durante os meses de maio e agosto de 2016. Contribuí com atividades artísticas e culturais, oficina de teatro, de percussão e cineclube. Levei a discussão sobre autonomia, autogestão, solidariedade, ajuda mútua, consenso e ação direta em todas as escolas que estive. Alguns que hoje estão nas movimentações de saraus eram estudantes que estavam ocupando as escolas. (BATICUM, 2018).

Também “somaram” às ocupações movimentos juvenis político-partidários, mas, não foi permitido, uma vez que ocupação era pautada em

⁸⁵ Os Poetas de “busão” são jovens secundaristas que declamam poemas dentro dos transportes públicos da cidade. Um “corre” que iniciou no período das ocupações, “a partir da necessidade de ajudar na arrecadação de contribuições financeiras para a alimentação e produtos de higiene para os ocupantes” (SILVA, 2019a, p.49).

princípios autonomistas, que suas bandeiras fossem levantadas (SILVA, 2019a)⁸⁶. O movimento dos secundaristas reivindicava⁸⁷, segundo Silva (2019a), a reforma geral das escolas estaduais, revogação da portaria de lotação (PL 1169/15)⁸⁸, estudo da questão de gênero na grade curricular, passe-livre para os estudantes, aumento da verba para merenda e para os projetos pedagógicos e culturais da escola.

No entanto, a criminalização por parte da mídia oficial⁸⁹, a falta de apoio da gestão escolar, além de intimidação e ameaça de morte que alguns ocupantes sofreram por parte de traficantes locais, levaram as escolas a serem desocupadas. Mas, o sentimento político de organização que as ocupações desencadearam continuou se propagando, inicialmente, no e pelos saraus que começaram a surgir em diversos bairros periféricos de Fortaleza.

Figura 6 – Caic Ocupado!⁹⁰



Fonte: Página “Mídia PodeCrer” no *Facebook*.

⁸⁶ “Não somente os frequentadores e organizadores de encontros-saraus, bailes de *reggae* e *rolezinhos* existentes nas periferias que se somaram às ocupações das escolas, secundaristas que estavam nas ocupações das escolas passaram a frequentar os eventos culturais autônomos nos espaços públicos. Foi, inclusive, por meio desta travessia e do encontro (GILROY, 2012), que diferentes coletivos juvenis não somente se fortaleceram, mas possibilitou o surgimento de novas coletividades nas periferias [...] Além de poetas e organizadores de saraus, existiam outros coletivos e movimentos sociais que participaram e integraram as ocupações. Embora, por exemplo, vários movimentos juvenis político-partidários (Movimento RUA, Levante Popular da Juventude, UBES, dentre outros) pudessem estar presentes nas ocupações, não foi permitido a nenhum desses movimentos fixarem suas bandeiras, assim como somente os estudantes secundaristas que organizaram a ocupação tinham poder de deliberação naquele espaço.” (SILVA, 2019a, p.44-45).

⁸⁷ Rômulo Silva (2019a) comenta em sua dissertação, de modo detalhado, como ocorreu todo o processo de ocupação e desocupação das escolas pelos secundaristas.

⁸⁸ Esta portaria tinha como objetivo diminuir a quantidade de professores lotados e carga horária nas escolas, segundo Silva (2019a).

⁸⁹ Todas as vivências ocorridas durante as ocupações dos secundaristas foram divulgadas na página do *Facebook* intitulada “Mídia PodeCrer”. Esta era, durante o movimento, a sua principal plataforma de comunicação.

⁹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/MldiaPODECRER/photos/a.1051805551537102/1111099665607690/?type=3&theater>. Acesso em: 22 jan. 2020.

Nesse sentido, compreendemos, nas palavras de Rômulo, que “o corpo-ocupação é um coletivo multilinear que se estendeu para além e a partir das ocupações das escolas. Um corpo-ocupação em trânsito [...]” (SILVA, 2019a, p.50). Assim, as *linhas de fuga* que *desterritorializaram* um modelo educacional falho e gerador de revolta e insatisfação, principalmente, por parte dos estudantes, *reterritorializaram-se* em ocupação, que, posteriormente, reterritorializou-se no e pelo movimento de saraus periféricos, entre eles e, principalmente, os autonomistas.

Os saraus se propagaram por diversas periferias, e deram, assim, extensão ao sentimento autonomista vivenciado nas ocupações. O movimento de saraus foi, dessa forma, organizando-se e tornando-se alvo dos policiais, que passaram a abordar as pessoas durante os saraus; e das tentativas de criminalização, digo, regulamentação, por parte do Estado. Assim, na contramão da tentativa de regulamentação das práticas de saraus autônomos e *rolezinhos*, na cidade, surgiu o I Encontro de saraus do Ceará, no Centro Cultural Patativa do Assaré, no Conjunto Ceará, em 2017.

Nesse contexto, o movimento de saraus publicou uma nota de total repúdio ao Governo do Estado do Ceará, publicada na página do *Facebook* intitulada “Total Repúdio a Regulamentação de Saraus e Rolezinhos”, *potencializando*, assim, *agenciamentos coletivos de enunciação* (*agenciando* pelo jogo de linguagem nota-repúdio) e *maquímicos de desejos* (*agenciando pela* forma de vida corpo-periférico), exposta a seguir:

NOTA DE TOTAL REPÚDIO ao Governo do Estado do Ceará.

Para que serve o Estado? A que(m) serve a arte?

O início, o fim e o meio. Do Curió ao Antônio Bezerra, do Conjunto Ceará ao Jangurussu, do Conjunto Palmeiras ao Pirambu. Ou seja, em qualquer sarau nas periferias-centro, o estado mostra a que veio: censura, repressão e medo. O que teme o Estado? O que temem os de cima? Temem a liberdade de expressão dos de baixo? Que deixemos nítido: temem a potência de onde cotidianamente é semeada e colhida a arte, a cultura e a educação que nos emancipa. Temem as livres palavras que surgem nas praças, ruas e calçadas das periferias; saraus, reggaes, batalhas de rap, slams, rodas de poesias, rolezinhos, rocks... Só para citar algumas expressões de nossas existências. E como sempre, tentam nos intimidar. Não aceitamos. Exigimos que a polícia pare de enquadrar, de fazer “baculejo”, de atrapalhar nossas manifestações de arte. Repudiamos qualquer tentativa de regulamentação dos saraus! Nosso desejo não é ‘regulamentável’. Nossas práticas são autônomas, autogeridas e realizadas com ajuda mútua. Ou seja, independentes.

Somos ARTISTAS!! Seres inventivos, criativos que saem de suas casas ou de seus trabalhos e ocupam ruas, vielas, favelas, becos, praças levando

para pessoas pobres (crianças, adolescentes, adultos e idosos) artes de todo gênero: teatro, música, poesia, dança, artes circenses, exposição fotográfica, oficinas...

Levamos literatura, acesso ao livro e a leitura. Compreendemos que todas essas linguagens são direitos historicamente negados a populações menos favorecidas. E, por isso mesmo, nutridos do desejo de exercermos nossa cidadania acionamos nossos saberes e artes e conhecimentos para serem compartilhados com sujeitos sociais estigmatizados e desrespeitados pelo Estado.

Conscientes disso, não admitimos regras naquilo que não pode ter. A arte feita pelo povo e para o povo não admite regras e nenhuma forma de regulamentação [...]

Somos poetas/poetisas, nem santo(a)s e nem bandido(a)s. Somos simplesmente e potencialmente POESIA EM FORMA DE GENTE!!!!!! Estamos armados com nossos dentes e, a sorrir, pretendemos levar a vida. E – XIS – TIR!

Encontro de Saraus do Ceará.

19 de abril de 2019. (TOTAL REPÚDIO A REGULAMENTAÇÃO DE SARAUS E ROLEZINHOS, 2019).

Nessa direção, Monique⁹¹, comenta, traçando as linhas de suas vivências nas ocupações dos secundaristas, que a levaram aos saraus e ao “I Encontro de Saraus do Ceará”, em que ela foi uma das idealizadoras:

Então, meu contato com sarau se deu a partir de um sarau realizado em uma escola ocupada no José Walter, chamada “Poli Valente”, onde se queria melhoria de estrutura, pois qualquer chuva que desse as salas inundavam e não tinha aula, dentre outros pontos que eu não sei a fundo, pois não estudava lá. A galera que estudava na época chamou artistas, amigos e juntos fizeram uma programação cultural e formativa e ocuparam se revezando e pedindo dinheiro nas praças dos bairros pra comida, água e gás... Daí surgiu o “Sarau da Ocupação”, com C, mas nessa época nem sabia o que era um sarau e nem conhecia o Baticum do “Sarau da Okupação” com K... Que foi assim que começamos depois a nos diferenciar nas divulgações [...] Enquanto isso, eu fazia o festival multilinguagem chamado “Ocupe o coliseu”, até que fiquei sabendo do sarau, e fui assistir, e quis muito ajudar a organizar, e descobri que minhas poesias podiam sair das gavetas e das minhas redes sociais [...] Com as redes sociais do coletivo criado e mais pessoas chegando pra se reunir e planejar a programação, começamos querer trazer pessoas que pudessem intercambiar conhecimentos sobre ações de ocupação dos espaços públicos das “perifas” com arte e foi assim que começamos a descobrir os outros saraus e a frequentar. Daí, fui buscando outros saraus e meio que divulgando também outros saraus para os saraus que já conhecia e vice versa E ajudando na programação e eles ajudando nas nossas. Daí, começamos a pensar formas de documentar isso, começamos a abrir espaços nos equipamentos culturais e falamos sobre fazer um encontro com todos os saraus, mas como a vida é e sempre foi corrida sempre só ficava no campo das ideias e não havia data, mas a gente sempre se via...

⁹¹ Monique foi uma das idealizadoras do I Encontro de sarau do Ceará. “Midialivrista, Poetisa, AsPirante a Palhaçaria e Cinéfila. Moradora do José Walter, Idealizadora do Coletivo Marc junto com Gustavo Santana, coletivo que iniciou nas escolas na época das ocupações, o Sarau da Ocupação que depois migrou para espaço públicos do bairro”. (MONIQUE, 2019, p.66).

E aí tava tranquilo, os processos são bem orgânicos, ninguém se sentava pra vê programação, a galera que pedia pra se apresentar ou era só mic aberto, e no dia a gente via, daí começamos a chamar atenção do estado, da mídia, de forma orgânica... O secretário de cultura nos chamou para uma reunião pra pensar em um edital, edital este que até então não saiu (risos), e pouco tempo depois surgiu uma regulamentação que ia ser aprovada numa assembleia no cine “São Luiz” com secretário da juventude do Ceará e ficamos sabendo de última, e uns e outros conseguiram chegar pra intervir, onde o mesmo ficou citando que uns e outros tinham apoiado esse documento e a galera desmentiu na cara dele, mas claro tiveram também uma minoria, que estava do lado dele... Mas, não teve força, e a gente se reuniu no Conjunto Ceará, fizemos uma nota de repúdio e decidimos que íamos agilizar a data do encontro de saraus. (MONIQUE, 2020).

Já aconteceram três encontros de saraus em Fortaleza. O primeiro no Conjunto Ceará, o segundo no Curió e o terceiro na Granja Portugal, todos bairros periféricos da cidade. Os encontros acontecem durante um dia inteiro (geralmente, um sábado) com uma programação distribuída em oficinas, rodas de conversa e um sarau de finalização. O encontro de saraus é uma ação totalmente autônoma. A alimentação oferecida durante o dia provém das doações recebidas em cada edição de cada sarau que “soma” com o encontro. Normalmente, também são realizados pré-encontros de saraus, que acontecem durante as edições dos saraus que “somam” com o movimento, e *potencializam* um momento de diálogo e organização coletiva da programação e demais demandas.

Eu e a Clau estivemos presentes nos três encontros. Algo que observamos, nesta vivência, é a importância das rodas de conversa de cada encontro no que diz respeito às ações do movimento. No primeiro encontro, essa discussão foi sobre a tentativa de regulamentação dos saraus por parte do estado e como o movimento iria se posicionar contra. Uma vez que *agencia* todas as suas práticas de forma autônoma. Já o segundo encontro, no Curió, onde existe uma Biblioteca Comunitária Livro Livre, discutiu a importância da leitura e das bibliotecas para o contexto de (re) existência nas periferias. Discussão que surgiu diante da potência que tem sido a existência das Bibliotecas Comunitárias. Por fim, o terceiro encontro teve como temática a educação social no contexto das periferias.

As linhas *potencializadas* pelos saraus levaram, assim, a diversas outras práticas. Atualmente, por exemplo, existem diversas bibliotecas comunitárias por Fortaleza e uma na região metropolitana. Temos a “Biblioteca Comunitária Okupação”, no Antônio Bezerra, a “Biblioteca Comunitária Papoco de ideias” no Pan Americano, a “Biblioteca Comunitária Viva Barroso!”, no Barroso, “Biblioteca

Comunitária Casa Camboa de Sabiaguaba”, na Sabiaguaba, a “Biblioteca Comunitária GaragemTeca”, no Santa Filomena, a “Biblioteca Comunitária Livro Livre Curió”, no Curió, “Biblioteca Comunitária Adianto”, na Barra do Ceará e “Biblioteca Livro Livre na Rua”, no Tabapuá, este um bairro periférico localizado na região metropolitana de Fortaleza. Déia⁹², uma das idealizadoras da “Biblioteca Comunitária Viva Barroso!”, *multiplica*:

Eu não tinha conhecimento de bibliotecas comunitária antes da “Viva barroso!”. Não conhecia nenhuma. Começou com uma ideia do Raphael, né, que é meu sobrinho, que sempre gostou muito de ler e sabia que lá em casa também tinha as minhas irmãs e eu também, que a gente gostava de ler. E um dia ele chegou com essa ideia. Disse assim, “Déia, eu tava pensando em...”. Ele já tinha visto em outros, em outros espaços, ele já tinha visto. Falou até que era no Rio Grande do Norte, que ele tinha visto. E ele disse que tinha gostado e “eu tô pensando em fazer isso” e eu, “Vamo, né! Vamo fazer!”. No começo ninguém acreditava muito (risos), acho que nem a gente mesmo, mas foi indo, sabe, e foi crescendo e deu certo mesmo. Aí quando a gente se mudou pra cá, aí a gente começou a conhecer vários... A gente viu que em Fortaleza realmente tem, sabe. Tinha várias bibliotecas. E tá crescendo!”. (DÉIA, 2020).

As bibliotecas comunitárias têm potencializado leitura, jogos, como o xadrez e o *RPG*, este um jogo de interpretação de papéis, oficinas diversas, muitas atividades, principalmente, para crianças e jovens. Algumas adotaram o modelo “Livro Livre”, idealizado pela psicóloga e contadora de histórias Anitta Moura⁹³, uma ação que propõe que os livros sejam compartilhados sem burocracias, tornando-o “livre”. A potência das bibliotecas comunitárias têm desencadeado diversas possibilidades, inclusive movimentações que unem bibliotecas com saraus e

⁹² Déia é uma das organizadoras da biblioteca comunitária “Viva Barroso!”. Leitora ávida, “abraçou” a ideia junto com seu sobrinho Raphael, que teve a iniciativa de criar a biblioteca. Ambos são moradores do bairro Barroso, onde se localiza a sede da “Viva Barroso!”.

⁹³ “Quando conheci Anitta Moura, em uma aula da Escola de Narradores, percebi pelo sorriso que ela estava aprontando alguma coisa, era sorriso de menina levada, serelepe, dessas que não param quieta no canto [...] Tempos depois, oferecendo um curso de produção de eventos literários criado pela Jornalista Isabel Costa e Eu, na Universidade Federal do Ceará, reencontro Anitta, mais potente do que nunca. Incendiada por uma ação criada pelo senhor Luiz Amorim, homem responsável por uma verdadeira revolução cultural em Brasília criando uma biblioteca livre, onde qualquer um dos clientes de seu açougue poderia pegar, levar e doar, sem nenhum controle prévio, toda uma gama de livros; a Psicóloga não deixou por menos e decidiu replicar em Fortaleza o espírito emancipador do seu Luiz Amorim. Nascia o Livros Livres.Ce, com um perfil no Instagram, e muitas ações na prática, Anitta começou a organizar os livros e preparar para libertá-los em lugares estratégicos, um desses locais de compartilhamento acabou sendo um petshop (Petshop Garra Rua Frei Mansueto, 1427), com apoio do Pet forma-se a Garrateca, desde então, clientes e principalmente funcionários redescobrem o hábito da leitura e a Garrateca torna-se um verdadeiro sucesso. Outras pessoas e espaços já estão se inspirando nas ações dos livroslivres.ce. No próprio perfil instagram do projeto, sempre são propostos diversos desafios para que o público também entre no cerne dessa ação autogestionável”. (AZIGON, 2018, p.1).

*slams*⁹⁴, como comenta Éder⁹⁵, um dos administradores da “Biblioteca Viva Barroso!”:

Meu início com a leitura partiu através da biblioteca. Antes eu não lia. Eu... Eu evitava ler. E me botaram logo na linha de frente, né. Como principal representante. Me botaram logo na diretoria da biblioteca. Eu não lia nada. Aí eu fui, né, eu pensei... “Nossa, eu vou ficar quatro horas aqui, é o jeito eu ler, né”. E a partir de hoje eu, depois que eu comecei eu não me vejo mais sem um livro. Não gosto mais de andar sem o livro, ficar sem ler [...] Eu tenho reconhecido que muitas bibliotecas elas criam saraus, ou alguns saraus que já existem se unem com as bibliotecas pra formar, digamos, uma força cultural maior dentro daquela região. Eles reconheceram a potencialidade que eles têm juntos, entende?! E... Tá nascendo agora o “Sarau Aurora” porque o “Slam Gentil” se uniu com a biblioteca, lá perto deles. Então tem essa união entre as bibliotecas, os saraus e os slams. Outro exemplo, é a “Livro Livre Curió”, ela já existia, né, e o Talles criou o “Sarau Colorido”, também é um exemplo, né, dessa união entre sarau e bibliotecas comunitárias e livres. (ÉDER, 2020).

Como multiplica Éder, as bibliotecas comunitárias, somam e *agenciam* com os saraus e os *slams*. Esses são batalhas de poesia, em que jovens “batalham” recitando poemas autorais para um júri. A prática de *Slam* também tem crescido em Fortaleza. Por exemplo, no contexto do bairro Serrinha as batalhas de *rap* são muito importantes, como cartografa Silva (2018):

Na noite do dia 12 de abril de 2017, estive no bairro da Serrinha cartografando a primeira batalha de MC desta pesquisa, que se constitui em uma forma de vida de reexistência juvenil nas práticas de letramento. A batalha aconteceu na Praça da Cruz Grande em que aos poucos os jovens foram chegando, cada um trazendo o que podia, tais como, caixas de som, pendrive, microfones e mesa. Na ocasião, alguns jovens aproveitaram o momento para expor sua produção artística, como pinturas, desenhos e distribuição de poemas. A cada instante, a arquibancada da praça, que é feita de cimento, ia ficando preenchida de pessoas, principalmente de jovens e crianças [...] A palavra batalha de imediato nos remete a sentidos

⁹⁴ O termo em inglês “*Slam*” significa “bater/ batida”. “Os *poetry slams*, ou simplesmente *slams*, são batalhas de poesia falada que surgiram na década de 1980 nos Estados Unidos e hoje se estabeleceram como uma das mais democráticas formas de poesia performática em todo o mundo. Sua popularização se deu como uma resposta à ideia elitista de que a poesia seria um gênero restrito aos círculos acadêmicos; que pertenceria exclusivamente a um ou outro determinado grupo social específico; ou mesmo que existiria somente enquanto manifestação escrita. Assim como nos saraus de poesia que se espalharam pelas periferias do Brasil no começo do anos 2000, recuperando e ressignificando o termo “poesia marginal”, a ideia do formato *poetry slam* é a de democratizar o acesso à poesia, devolvendo a novamente às pessoas, a partir de um jogo cênico no qual, como em todo jogo, a torcida, a emoção e o senso de participação façam parte do encontro. As regras que o formatam são: poemas próprios, de no máximo três minutos, apresentados sem acompanhamento musical, adereços e figurinos. Os jurados são escolhidos aleatoriamente em meio ao público, para atribuírem notas de zero a dez aos poetas que performam ele, que não só tem a permissão de participar, como também, na verdade, é vivamente incitado a fazê-lo”. (D’ALVA, 2019, p. 270).

⁹⁵ Éder é um dos organizadores da biblioteca comunitária “Viva Barroso!”. Atua na biblioteca desde o seu início.

tais como confronto, embate e enfrentamento. Esse dialogismo é atualizado no uso social e cultural dos enunciados pautados nos interesses ideológicos, sociais, históricos, políticos e culturais. Essas significações são atribuídas às batalhas de rap, pois, as ações dos MCs se concretizam como regras culturais de um confronto, não de força física, mas de palavras, vidas, ideologias, culturas e perspectivas. (SILVA, 2018, p.88-89).

Outras ações (diretas) que surgiram *potencializadas* por essa rede de afetos, pelas linhas autônomas, foram a “I Bienal Itinerante de Poesia (BIP)” e o “Periferia Vive!”.

Figura 7 – Arte e cultura na periferia (BIP)⁹⁶



Fonte: Página “I Bienal Itinerante de poesia” no *Facebook*.

A primeira foi a construção de uma bienal voltada para a cultura literária artística itinerante nas periferias de Fortaleza. *Potencializando* rodas de conversa, oficinas e recitais-saraus, na contramão de uma “Bienal Internacional do Livro do Ceará”⁹⁷ que acessa, em sua maioria, um espaço e um público elitista, configurando, assim, uma bienal que não “chega” às periferias da cidade. “BIP” “BIP”, como o som feito pelo papa-léguas do clássico desenho animado “Papá-leguas e o Coiote”⁹⁸, em

⁹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/ibienalitinantedepoesia/photos/p.266428667330278/266428667330278/?type=1&theater>. Acesso em: 25 jan. 2020.

⁹⁷ A “Bienal Internacional do Livro do Ceará” é um evento cultural que reúne grandes personalidades do mundo literário, promove debates, encontros culturais, palestras, etc. É realizada no Centro de Eventos do Ceará, em Fortaleza.

⁹⁸ Desenho animado criado pelo diretor *Chuck Jones* com histórias desenvolvidas pelo escritor *Michael Maltese*. Tem os personagens Papa-léguas e Coiote, que estão em uma eterna perseguição, em que o Coiote nunca consegue alcançar o papa-léguas. O desenho estreou nos Estados Unidos em 16 de setembro de 1949.

que o Papá-leguas (a presa) faz com que o coiote (predador) caia em diversas armadilhas e nunca consiga captura-lo, uma metáfora, pois, para uma bienal periférica que reinventou “papéis” sociais.

Também é importante comentar que o movimento de saraus, principalmente, o de autogestão, ocupou o espaço da “Bienal do Livro do Ceará”, de 2019, “ousando”, como escreve Isabel Costa. Protagonizando diversas rodas de conversa, palestras, inaugurando um livro de poemas coletivo, com poemas de integrantes de diversos movimentos autônomos, etc. Sobre a Bienal, a jornalista, *multiplica*:

Caros poetas,

Não sei escrever poemas. Mas sei escrever cartas. E essa é para vocês. Eu tive a oportunidade de ver suas apresentações nos palcos do Centro de Eventos durante todos os dias da última semana. Vocês entraram na Bienal Internacional do Livro do Ceará com os dois pés fincados no chão. Subiram, cantaram, declamaram, puxaram as plateias e deixaram centenas de alunos boquiabertos com suas performances. Vocês são generosos. E criativos. E audaciosos. E sabem como ocupar os lugares que são seus por direito, apesar de o mundo inteiro dizer o contrário. Sim, pois o espaço da Bienal pertence aos poetas que passam os meses inteiros trabalhando em saraus nos mais diferentes lugares. Barroso, Curió, Jangurussu. A presença de vocês nesse evento é apenas a continuação de um trabalho já feito de forma intensiva e plural. São vocês que levam poesia – esse gênero literário capaz de salvar vidas – para os moradores das mais variadas periferias. Vocês estão no centro. Vocês são o ponto central desse evento [...] Eu não nasci com um alvo nas costas. Eu não nasci com a palavra “suspeita” gravada na testa. Sou grata por vocês terem compartilhado um pouco da alegria e da engenhosidade. São ousados. “O poema é nosso e eu boto onde eu quiser”, diz o Talles Azigon, que é escritor e meu amigo. Vocês, todos poetas, saíram colocando poemas em cada parede desse Centro de Eventos. Articularam uma biblioteca livre enquanto tocaram pandeiro. São criativos e sabem fazer um grão de milho se transformar em arte. Plantaram sementes em centenas de alunos – de escolas públicas e particulares – mesmo que os professores não parecessem muito satisfeitos com as transgressões. Sorte de quem topou sair da feira de livros – cheia de preços caros – para subir as escadas e os elevadores. Os mezaninos 1 e 2 estavam cheios de poesia. Cantada, tomada e feita na hora. Vocês são a atração mais importante. Eu deixo essa Bienal mais atrevida. Obrigada por isso também. No próximo domingo, 25 de agosto, às 19 horas, dentro da programação da Bienal do Livro, vocês lançarão um livro reunindo textos de poetas dos vários saraus. Eu estarei lá, na primeira fila, para aplaudir – e novamente aprender – com cada um dos poetas do nosso tempo. “Se tem uma coisa que salva a gente, é a literatura”, alguém disse entre os poemas. Ela salvou a vocês. E vocês salvaram a mim.

Meu abraço mais afetuoso para cada um.

E que São Jorge abençoe vocês.

Isabel Costa. (COSTA, 2019, p. 1).

Já o “Periferia Vive!”, atua como um projeto de escola livre, que oferece atividades culturais, com uma programação de oficinas, rodas de conversa e

seminários, nas periferias da cidade de Fortaleza, visando um público de crianças, jovens, adultos e idosos. Atividades propostas por artistas do movimento de autogestão, saraus, bibliotecas, *slams*, etc de forma autônoma e itinerante.

3 “A RUA É NOSSA, A RUA É NÓS!”: UM USO, UM AGIR

3.1 “Territórios livres de todos os extermínios”: dos jogos de linguagem

“o poema é nosso
e eu boto onde eu quiser”
(Talles Azigon)⁹⁹

Antes de entrar no curso de letras, eu entendia (lingua)gem como me foi ensinado nos livros escolares: linguagem como “expressão de pensamento”, “significar as coisas do mundo”. O que denota, sob essa perspectiva, um representar, um “dizer o mundo”, a cadeira, a lousa, o lápis; uma essência, pois. O significado de cadeira, de lousa e de lápis, seria, assim, algo imanente, transcendente de cada “coisa do mundo”. Mas, será que cabe à linguagem apenas expressar pensamentos, significar e representar “as coisas do mundo”, suas essências? Nesse sentido, Gomes (2018) *multiplica*:

Até meados do século XX, pensava-se, no quadro teórico das discussões sobre a linguagem, que a filosofia deveria, antes de propor qualquer reflexão, elucidar problemas relacionados à nossa experiência, mediante uma análise lógica das sentenças, pois é somente através da linguagem que nosso conhecimento sobre o mundo se constitui e é expresso. A filosofia da linguagem, até então, baseava-se na assunção de que ela, a linguagem, tinha como função retratar ou representar o mundo. E a tarefa da filosofia era clarificar, depurar a linguagem para que ela viesse a realizar essa função satisfatoriamente [...] O significado de uma sentença, portanto, estaria na possibilidade de se verificar, empiricamente, no mundo aquilo que ela mesma predicava. Caso não acontecesse essa correspondência entre o que diz uma sentença e os seus referentes mundanos, teríamos uma sentença falsa, desprovida de significação. (GOMES, 2018, p. 21-22).

Um dia eu estava com meu companheiro na casa de sua mãe, em Ocara, interior do Ceará, comendo castanhas. Então, o priminho de dois anos de meu

⁹⁹ Poema do livro “Sara! 2” com os poemas do poeta, produtor cultural e contador de histórias Talles Azigon e os poemas visuais do fotógrafo Léo Silva. “Sara!” e “Sara! 2” são livros de poemas escritos para serem lidos nos saraus. “Em 2017, o poeta Talles Azigon resolveu fazer um livro de poemas livre de interferência de editoras, que não tivesse preço fixo e tivesse alcance amplo entre leitores e jovens das comunidades e periferias de Fortaleza. Assim nasceu o Sara! #1. Grande sucesso, o livro esgotou rapidamente, na mão e mão, na boca a boca. Depois de muitos pedidos, surge o Sara! #2, mantendo a mesma filosofia, mas com uma novidade, as páginas de poemas escritos se misturam com as páginas de poesia visual (fotografias) de Leo Silva Poesia + Fotografia, acessível pra quem tem sede de arte, em qualquer parte. É sal, é Sara! #2” (Texto postado no evento público “Lançamento do livro Sara! #2 de Talles Azigon e Leo Silva” no Facebook. Acesso em: 29 jan. 2020).

companheiro entrou na sala, viu a gente comendo castanhas, olhou para as castanhas e disse “eu gosto de castanha, sabia?”. Uma perspectiva representacionista e essencialista da linguagem levaria a nós, eu e meu companheiro, a entender apenas que ele estava dizendo e expressando com seu corpo, que gostava de castanha, de modo literal. Mas, nós entendemos que aquela pergunta não significava simplesmente que ele queria nos dizer que gostava de castanha, e sim nos pedir as castanhas.

O pedido do priminho de meu companheiro trouxe, assim, um olhar para a linguagem para além de expressar pensamentos, significar as coisas do mundo, como me foi ensinado nos tempos de escola, mas, (linga)gem como ação, capaz de gerar efeitos e reações: o dizer “indireto” do priminho de meu companheiro nos fez oferecer as castanhas para ele, que devorou todas, em segundos. Dizer seria, assim, “um fazer”. Nesse sentido, temos um olhar pragmático para a linguagem: não mais “dizer o mundo”, mas, “fazer mundos”, formas de vida (WITTGENSTEIN, 2014).

Compreender a linguagem como “forma de vida”, conforme é proposto pelo pensamento do filósofo austríaco Wittgenstein (2014), em sua segunda fase, consiste em não fazer separação entre linguagem e mundo, percebendo a palavra e a realidade como correlacionadas dinamicamente. Esta concepção de linguagem nos ajuda a entender a importância das práticas linguísticas, pois, nesse sentido, temos “que linguagem não se reduz a signos, nem a uma ferramenta com a função de transmitir algo. Linguagem é uma forma de ação social” (BONFIM, 2011, p.49).

Na década de 1940, esse modelo de análise da linguagem, entretanto, vai sofrer uma reviravolta, após a divulgação das Investigações Filosóficas de Ludwig Wittgenstein, que propõe a noção de jogos de linguagem para caracterizar a própria linguagem. Esta não poderia mais ser concebida de forma abstrata, metafísica, como linguagem uma, possuidora de uma única gramática e uma só estrutura; ao contrário, deve ser vista como vários jogos de linguagem, com suas próprias normas, com sua gramática [...] Com essa noção de jogos de linguagem, Wittgenstein (1975, § 43, p. 32) postula um novo modelo para a investigação da linguagem e de seu significado (“O significado de uma palavra é seu uso na linguagem”), baseado simplesmente no uso da linguagem cotidiana e em como ela se apresenta a cada uso, caracterizando, assim, a “virada pragmática” nas reflexões sobre a linguagem e iniciando o segundo momento da Filosofia Analítica. (GOMES, 2018, p. 22-23).

Dessa forma, a perspectiva da palavra como ação, desenvolvida pelo filósofo britânico John L. Austin (1990), nos possibilita ter a consciência crítica de que a linguagem “sempre foi e sempre será performativa, no sentido de ser ação,

movimento, forma de vida humana e não uma ferramenta produzida apenas para descrever a “realidade.” (BONFIM, 2011, p.58). Nessa direção, existe uma vertente de estudos linguísticos chamada Pragmática, que tem em Austin (1990) e na segunda fase de Wittgenstein (2014) seus principais fundamentos. A Pragmática tem como objetivo investigar o *uso* da linguagem e de seus usuários. Esta, segundo Rajagopalan (2014b), sempre foi:

Vilipendiada por muitos estudiosos como um campo de pesquisa onde se estudam apenas as “sobras”, os “rejeitos” das áreas supostamente bem mais “nobres” e “sérias” da Linguística – a saber, a sintaxe e a semântica. [...] A resposta, curta e grossa, a esses descrentes e desavisados só pode ser a de que o problema não está em quem não consegue achar o rigor da lógica no campo da pragmática, mas em quem parte do pressuposto de que tudo o que não possui o rigor da matemática deve ser descartado como não digno de investigação. (RAJAGOPALAN, 2014b, p.11-12).

Nesta busca por se desvencilhar da perspectiva política de “velhas amarras herdadas de outros tempos, que impediam os pesquisadores de encarar a linguagem com todas as complexidades que ela apresenta” (RAJAGOPALAN, 2014b, p. 13), da linguagem em toda a sua fluidez, como *movediça* (FABRÍCIO, 2006), surge uma Nova Pragmática (RAJAGOPALAN, 2010), em vias de ir-se para fora “da lata de lixo” em que os estudos da linguagem, sob linhas duras e essencialistas, sempre a colocaram, neste medo da vida, esta que desestrutura a linguagem, em uso. “o poema é nosso / e eu boto onde eu quiser”, *agencia Talles, multiplica*, em uso, afinal, linguagem é para ser “botada” onde a gente quiser.

Assim, a linguagem “ordinária”, as práticas cotidianas de sujeitos reais, torna-se fundamental para os estudos da linguagem sob a perspectiva da Nova Pragmática, que se reinventa, como uma área radicalmente crítica, compromissada ético e politicamente:

Em outras palavras, o pesquisador social e politicamente compromissado com seus pesquisados deve não só disponibilizar os frutos de sua pesquisa com eles, mas levar em consideração seus anseios e suas queixas, enfim confiar neles e na racionalidade de seus pensamentos, ainda que, no fim das investigações, muitas das suas idéias se revelem equivocadas ou corrigidas. Para que isso ocorra, é preciso ter um pouco mais de humildade e prontidão para escutar os informantes, os leigos, e não 67ospi-los como simples fornecedores de nossos dados. (RAJAGOPALAN, 2014a, p. 120-121).

Também nesta direção, de modo mais radical, configura-se uma Pragmática Cultural (ALENCAR, 2014a), ao se contrapor ao ainda marcante “fazer pesquisa” nos estudos da linguagem que se volta mais para a materialidade linguística como produto do que como processo e para os discursos mais como modos de “representação” do que como modos de ação. Assim, a Pragmática Cultural se consolida como uma “proposta de análise das práticas culturais como jogos de linguagem (Alencar, 2009)” que “leva em conta a interação linguística concreta de pessoas reais” (ALENCAR, 2014a, p. 87), sob um viés político e ético, que destaca “a linguagem como algo que, deslocando-se de normas essencialistas, ganha “força e vida” nas práticas sociais diárias verbais e não verbais” (BRITO, 2019, p.10).

A Pragmática Cultural, para pensar a língua em uso, aposta numa visada antropológica sobre a linguagem. Compreendendo-se conforme uma Nova Pragmática (RAJAGOPALAN, 2010; SILVA; ALENCAR; FERREIRA, 2014), de leitura não searlina da chamada teoria dos atos de fala de Austin (1990), vai-se de encontro à perspectiva de se compreender a significação a partir de dentro da linguagem, da língua enquanto instância que encerra a significação. Então, não é fazendo uma taxonomia da língua, dos verbos performativos, por exemplo, que se dará conta da significação, sendo esta mais possível de acontecer no *uso*. Deste modo, deter-se-á, em torno da linguagem, na esfera de seu processo, e, não, do seu produto: a linguagem como ação, em vez de representação. (SILVA, 2015, p. 42).

Voltar-se para uma Pragmática Cultural (ALENCAR, 2014a), que pensa linguagem em uso sob uma visada antropológica e decolonial, *potencializa* também uma percepção da vida não mais como de um único olhar, mas com infinitas possibilidades de perceber as (formas de) vivências. Um *perspectivismo ameríndio* (CASTRO, 2002), pois, uma afinidade, afetos, que possibilitem perspectivas cosmológicas¹⁰⁰ (COELHO, 2019) para a(s) (formas de) vida:

¹⁰⁰ “O campo que nos interessa para pensar o campo gravitacional da Terra de forma afetiva é o campo gravitacional que está em relação com os diferentes campos gravitacionais das diferentes cosmovisões ameríndias. Um campo afetivo-afim. Afetivo, pois percebe as relações gravitacionais que os ligam enquanto frequência, uma rede de “emaranhamentos de campos gravitacionais”, criando uma rede-ambiente de relação afetiva-afim, capaz de criar a confluência necessária para a ligação que transpassa o tempo-espaço. É assim que aqui estou pensando afetividade-afinidade, a Afinidade Perceptual é esse campo emaranhado de redes gravitacionais. Cada singularidade que “ocupa lugar” no espaço/tempo gera um campo gravitacional, com uma frequência proposta pela relação de singularidade do instante, ou seja, tem potência campo de forças gravitacionais, assim, existe uma constante relação de transpassagem das forças gravitacionais distintas, já que as cosmovisões indígenas e as outras cosmovisões são diferentes entre si. Os campos cosmológicos ameríndios funcionam como singularidades gravitacionais. Que “pesam” de forma diferente no planeta com sua forma única de relação com a Terra. Essa diferença gravitacional entre as singularidades se dá pela relação com a Terra, a relação com a Terra gera campos

Neste sentido, todas as perspectivas cosmológicas são horizontes de eventos, não existe um único modo de vida ou um modo de progresso universal e melhor que o outro [...] Afinidade perceptual é a capacidade de sentir outros campos-mundos e ser afetado de maneira afetiva e ancestral¹⁰¹, é transpassar os campos gravitacionais e unir as forças como teias que se transpassam e ficam mais fortes, como ondas que se atravessam e tornando-se múltiplas [...] A Afinidade perceptual é uma percepção ativa de outras dimensões através dos afetos, da vida, das afinidades, da coletividade, do brotamento de vida e existência. (COELHO, 2019, p. 35-36).

É nesse sentido que construímos esta pesquisa, seguindo o caminho traçado por Silva (2015), como uma *multiplicação*, uma *experimentação*. Partindo, para tal, das relações possíveis entre o conceito de *plano de imanência* (DELEUZE; GUATTARI, 2011b) com o de jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 2014), articuladas por Prado Júnior (2000). Cartografando o jogo de linguagem sarau “Okupação” e os jogos de linguagem que o transpassam¹⁰², compreendemos como se constituem seus *agenciamentos coletivos de enunciação e maquínicos de desejo*, em um recorte no caos, em um *plano de imanência*:

Mais do que isso, o jogo de linguagem não é apenas contingente “como uma vida”, ele é a expressão ou o desdobramento dessa vida ou dessa forma de vida. Poderíamos dizer que na sua dimensão, ao mesmo tempo simbólica e prática, o jogo de linguagem é a própria vida que se dobra sobre si mesma. (PRADO JÚNIOR, 2000, p. 319).

Partir, assim, do(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação”, entendendo jogo de linguagem como propõe Wittgenstein (2014): que “a expressão “jogo de linguagem” deve salientar aqui que falar uma língua é parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (WITTGENSTEIN, 2014, p. 27). Uma atividade em que as palavras têm diversas funcionalidades, usos, e trazem também perspectivas diversas sobre a vida.

gravitacionais diferentes de atuação no planeta. Portanto, formas diferentes de relação com a Terra, vibram formas diferentes de impacto gravitacional no planeta.” (COELHO, 2019, p. 34-35).

¹⁰¹ Uma vez que Coelho (2019) fala sobre, para e com as formas de cosmologias ameríndias, ancestral, aqui, conecta-se à ancestralidade desses povos, dessas formas de vida.

¹⁰² “Não há, pois, nada de essencial entre vários jogos, nada que possa nos remeter a uma definição exata do que seja um jogo. Um jogo pode ser conhecido por uma relação de familiaridade, por sua prática. Podemos aproximar os jogos apenas pelos “ares de família”. Assim, quando olhamos para a interação comunicativa concreta em que ocorrem os diversos jogos de linguagem, não encontramos um fundamento em comum entre tais jogos, pois são ligados entre si por semelhanças de família (cf. Wittgenstein, 1989, p. 66), na medida em que não encontramos casos comuns a todos. (ALENCAR, 2014, p. 93).

11. Pense nas ferramentas dentro de uma caixa de ferramentas: encontram-se aí um martelo, um alicate, uma serra, uma chave de fenda, um metro, uma lata de cola, cola, pregos e parafusos. – Assim como são diferentes as funções desses objetos, são diferentes as funções das palavras. (E há semelhanças aqui e ali). (WITTGENSTEIN, 2014, p. 20).

Nessa direção, nesse mapeamento das práticas culturais entendidas como jogos/linhas que em uso *agenciam* na e pela linguagem, percebemos que no jogo de linguagem sarau “Okupação” se inter cruzam diversos jogos de linguagem outros. Nesse sentido, no texto que Talles¹⁰³ escreveu e publicou em seu perfil pessoal do *Facebook*, em comemoração do aniversário de três anos do sarau “Okupação”, podemos observar alguns desses diversos jogos.

“Tá chei de close errado, quer nos representar”!
 “Falar de Democracia é Fácil, quero vê tu cozinhar, cuidar das tuas crias,
 lavar, enxaguar, passar”!
 Canta, Grita, Poetiza o poeta Baticum no meio da Rua do Amor, numa
 ponta de esquina entre um bar e uma igreja, uma metáfora interessante
 para um sarau que acontece há três anos no meio da periferia, afinal, para o
 consolo da realidade dos nossos males cotidianos, as únicas soluções que
 nos dão, além da morte, é dopante alcoolismo intencional e a fé cega que
 nos foi imposta.
 O Sarau da Okupação se inventou e reinventou nesses três anos, e seu
 nome não é atoa. “Se tá na rua, é pra ocupar, se tá na escola é pra ocupar,
 se não tem moradia, então vamo ocupar!” também canta o poeta, e um dos
 organizadores do Sarau, o espaço, onde acontece mensalmente o encontro
 de falantes e ouvintes, também abriga uma geladoiteca, um canteiro de
 doação de mudas, e uma Biblioteca Comunitária, é uma verdadeira
 Okupação da inteligência das nossas periferias.
 Em três anos, se vocês acham que um sarau é pouco, resistindo a ataques
 da polícia, a ataques da população bolsonarista da redondeza, da
 Okupação nasceu outras ousadias, rodas de conversas, grupos de estudos,
 e ações que une gente de outras quebradas com impacto na cidade toda,
 como a Periferia Vive!
 Em muitas edições, o Sarau da Okupação homenageia artistas e
 pensadoras, das comunidades, eu já tive a oportunidade de ser um desses
 homenageados, mas hoje, quem merece todas as homenagens é essa
 galera que faz o Sarau da Okupação que faz do Antônio Bezerra, o centro
 desta cidade, e o centro do nosso mundo. (AZIGON, 2019).¹⁰⁴

A “Okupação”, assim, é ocupada por diversos jogos, referentes às ações do coletivo no próprio bairro e, sob uma perspectiva *macro*, à rede de práticas (entre elas o sarau) autonomistas que se propaga de modo constante e crescente nas periferias, nos últimos anos (2016-2020). Essas práticas não são as primeiras a existirem, mas no contexto mencionado, têm se construído de uma forma

¹⁰³ Talles é poeta, produtor cultural e contador de histórias. “Criador da Livro Livre Curió Biblioteca Comunitária, é principalmente, além de todas as coisas, poeta.” (AZIGON, 2019, p. 90).

¹⁰⁴ Poema de Talles Azigon, autorizado para esta pesquisa.

inteiramente nova, uma vez que se articula de forma coletiva, pela união de vários movimentos, cada um de bairro periférico diferente, partindo de um objetivo comum: (re) existir nas periferias.

De uma perspectiva *micro*, o jogo de linguagem sarau “Okupação” também se faz transpassado por diversos jogos. Entre eles o jogo de linguagem oficina (principalmente, de mudas e de percussão), que acontece no início do sarau, e o microfone aberto, que acontece durante o sarau, em que o microfone fica livre para quem quiser falar, assim, também “somando-se” o jogo poesia, música, teatro, entre outros.

Figura 8 – Mic(rofone) Aberto!¹⁰⁵



Fonte: Elaborado pela autora.

Além desses jogos, o jogo de linguagem sarau “Okupação” também é *potencializado* pelos jogos projeto “Adote uma planta”, *slam* “da Okupa” e “Biblioteca Comunitária Okupação”, uma vez que as plantas e a biblioteca ficam disponíveis, durante o sarau, para quem quiser adotar plantas e livros – as mudas ficam na calçada e fica aberta a geladeiroteca.

Já o *slam*, “adentra” o jogo de linguagem sarau “Okupação” no e pelo *agenciamento de enunciação coletivo* “Poesia de luta?” que é gritado por cada *corpo-maquínico* antes de falar no microfone aberto, e (nós) os outros *corpos-maquínicos* respondem com um grito coletivo: “*Slam da Okupa*”. Esse *agenciamentos* misturam-se na e pela vivência do sarau.

¹⁰⁵ Baticum tirou esta foto, em meu celular.

Assim, em relação aos jogos de linguagem nesta cartografia, poderiam ser divididos em duas acepções, como Wittgenstein (1999) deixou compreendê-los, dentro de três multiplicações, pelo menos, que o conceito de jogo de linguagem pode apontar: a que por ora esta pesquisa se valeu e a do jogo de linguagem como uma funcionalidade linguística, ou seja, de entender o jogo de linguagem *como* uma forma de vida e como *parte* de uma forma de vida. (SILVA, 2015, p. 56).

Isso também implica dizer que o jogo de linguagem sarau “Okupação” como um encontro orgânico, faz-se em experimentação, tornando cada edição única: um jogo de linguagem repleto de possibilidades (outras), de *linhas de fuga*. O jogo de linguagem sarau “Okupação” faz-se, então, da união desses diversos jogos (outras), que se inter cruzam e potencializam, por *agenciamentos* coletivos e maquínicos, outras formas de existir, na rua.

Figura 9 – Geladeiroteca /Geladeira de livros¹⁰⁶



Fonte: Perfil público do sarau Okupação no *Facebook*.

¹⁰⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=296563731100225&set=a.109676609788939&type=3&heater>. Acesso em: 28 jan. 2020.

Por essa perspectiva, entendemos este jogo como uma forma de vida e como *parte* de uma forma de vida, como multiplica Silva (2015), uma vez que *agencia na e se constitui pela* linguagem.

3.2 “Territórios livres de todos os massacres”: das linhas de fuga

“A gente combinamos de não morrer!”
(Conceição Evaristo)¹⁰⁷

É imprescindível comentar, aqui, a perspectiva da autogestão que atravessa o jogo de linguagem sarau “Okupação” e a *Rede de Afetos* (Rômulo, 2019a) que o transpassa, uma vez que ambos partem dos princípios de autonomismo, ajuda mútua, ação direta (de base) e horizontalidade, no que diz respeito à construção de todas as suas ações e no que tende a própria atitude militante que os *multiplicam* como *agir*¹⁰⁸. Para nós, sujeitos que praticam autogestão em Fortaleza – CE e região metropolitana, no cenário atual, a ação direta é a via mais eficaz, uma alternativa válida, na luta contra o capitalismo e, considerando o contexto político atual brasileiro, contra o fascismo. A ação direta seria, assim, uma possibilidade de resistir e “derrubar” um sistema opressor, violento e assassino que massacra, diariamente, principalmente, nas periferias. Pois, “a gente combinamos de não morrer!”.

Assim, a prática de um sarau autônomo – e de uma rede de saraus e demais práticas autônomas – dentro de um sistema capitalista, de um *aparelho de Estado* que se *territorializa* por *linhas duras* hegemônicas, implica pensar em uma *desterritorialização*, em uma *linha de fuga*, que se constitui nesse agenciamento coletivo de (re) existência. Ou seja, implica pensar no jogo de linguagem sarau agenciando uma *máquina de guerra*, uma *gramática de revide*¹⁰⁹, uma *desterritorialização*. Sarau autônomo compreendido como uma forma de vida, como

¹⁰⁷ Frase do livro “Olhos d’água” da escritora mineira Maria da Conceição Evaristo de Brito, escritora negra e participante dos movimentos de valorização da cultura negra.

¹⁰⁸ É importante esclarecer, aqui, a complexidade das práticas de autogestão – as que são realizadas de modo independente, sem patrocínios, nem vínculos institucionais, na rua. Pois, embora os saraus autonomistas, de um modo geral, organizem-se por esse “formato” político autônomo, também existem pessoas que somam com o movimento, apesar de não se reconhecerem como anarquistas, especificamente, no sentido de não votar.

¹⁰⁹ Conceito pensado por Silva (2017).

jogo(s) de linguagem(ns) em que se entremeiam diversas *multiplicidades* (mulher e homem e pretx e brancx e faveladx e gay e hetero “e... e... e...”).

Nesse sentido, considerando toda a lógica hegemônica e colonialista que transpassa a realidade do sistema capitalista brasileiro, como pensar, então, em uma *festa da poesia*, em uma prática artística que visa, principalmente, valorizar a arte de jovens dentro da periferia, como pensar num movimento de resistência ao “arrastar pra arte” de outra forma se não como política, como um *agenciamento*, como um *devir*?

Em minha conversa coletiva com os integrantes da “Okupação”, foi mencionado que as práticas de autogestão são, para eles, mais uma postura do que necessariamente uma orientação política (anarquista), no sentido de que as práticas de autogestão são práticas de luta realizadas do modo mais espontâneo possível, como uma construção coletiva independente, mas, principalmente, como uma construção que tem funcionado. Partindo, dessa forma, de uma atitude militante autonomista (anarquista), militando na e pela própria (formas de) vida.

Acredito que para o atual movimento de autogestão da cidade de Fortaleza a importância da autogestão consiste, acima de tudo, em uma atitude, um *agenciamento* militante que busca (re) existir à violência, a opressão e as diversas desigualdades sociais na e pela linguagem dos afetos. Nesse sentido, *multiplicando*, o anarquista David Graeber (2013)¹¹⁰ comenta:

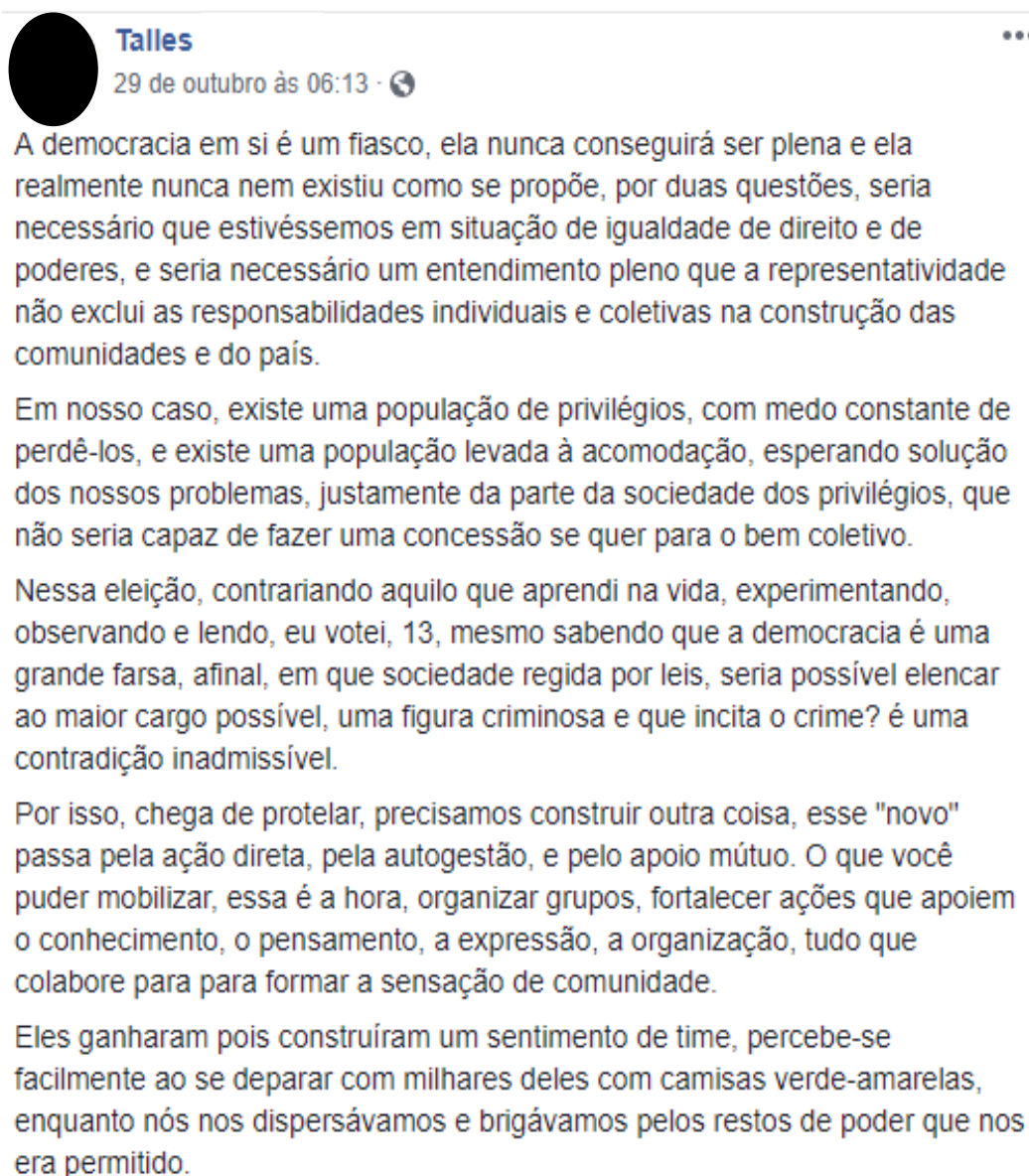
Toda vez que trata outro ser humano com consideração e respeito, você está sendo anarquista. Toda vez que resolve suas diferenças com outros fazendo uma concessão razoável, ouvindo o que todos têm a dizer em lugar de deixar uma pessoa decidir pelo resto, você está sendo anarquista. Toda vez que tem a oportunidade de forçar alguém a fazer algo, mas em lugar disso decide apelar para seu senso de razão ou justiça, você está sendo anarquista. O mesmo vale para toda vez que compartilha algo com um amigo, ou decide quem vai lavar a louça, ou faz qualquer coisa atento à equidade. (GRAEBER, 2013, p. 32).

Esse seria, talvez, o ponto mais forte desse movimento complexo, dessa *linha de fuga*, dessa potência nômade (DELEUZE; PARNET, 1998) que tem articulado as práticas de autogestão da cidade de Fortaleza: a espontaneidade e o afeto que propagam em suas ações.

¹¹⁰ Esse texto foi lido de modo coletivo, na rua do amor, durante um grupo de estudos anarquistas. No entanto, o grupo findou, após algumas edições, pela fala de tempo de seus integrantes.

Diante do atual cenário político do Brasil, no que diz respeito, especificamente, às eleições para presidente de 2018, também é importante mencionar que são diversas as ações realizadas, inclusive, pelo movimento de autogestão, no que diz respeito ao combate a toda e qualquer legitimação de ideias fascistas. O processo eleitoral deste ano foi tão impactante que diversos anarquistas, que não votavam há anos, tiveram que se posicionar votar, no segundo turno eleitoral, gerando, inclusive, muitos conflitos e discussões, por vezes, até mesmo dentro do próprio movimento. Nesse sentido, Talles, *multiplica*:

Figura 10 - “A democracia em si é um fiasco...”¹¹¹



Talles
29 de outubro às 06:13 · 🌐

A democracia em si é um fiasco, ela nunca conseguirá ser plena e ela realmente nunca nem existiu como se propõe, por duas questões, seria necessário que estivéssemos em situação de igualdade de direito e de poderes, e seria necessário um entendimento pleno que a representatividade não exclui as responsabilidades individuais e coletivas na construção das comunidades e do país.

Em nosso caso, existe uma população de privilégios, com medo constante de perdê-los, e existe uma população levada à acomodação, esperando solução dos nossos problemas, justamente da parte da sociedade dos privilégios, que não seria capaz de fazer uma concessão se quer para o bem coletivo.

Nessa eleição, contrariando aquilo que aprendi na vida, experimentando, observando e lendo, eu votei, 13, mesmo sabendo que a democracia é uma grande farsa, afinal, em que sociedade regida por leis, seria possível elencar ao maior cargo possível, uma figura criminoso e que incita o crime? é uma contradição inadmissível.

Por isso, chega de protelar, precisamos construir outra coisa, esse "novo" passa pela ação direta, pela autogestão, e pelo apoio mútuo. O que você puder mobilizar, essa é a hora, organizar grupos, fortalecer ações que apoiem o conhecimento, o pensamento, a expressão, a organização, tudo que colabore para para formar a sensação de comunidade.

Eles ganharam pois construíram um sentimento de time, percebe-se facilmente ao se deparar com milhares deles com camisas verde-amarelas, enquanto nós nos dispersávamos e brigávamos pelos restos de poder que nos era permitido.

¹¹¹ Publicação pessoal de Talles, autorizada para esta pesquisa.

"Temos que ser antiestado todo dia/ destruindo as relações que esse sistema cria", diz o poema do meu amigo Manoel Inacio Nascimento, nesse poema há uma sabedoria profunda, de que não adianta nos organizamos politicamente se não destruirmos e reconstruirmos nossos comportamentos, sentimentos e símbolos.

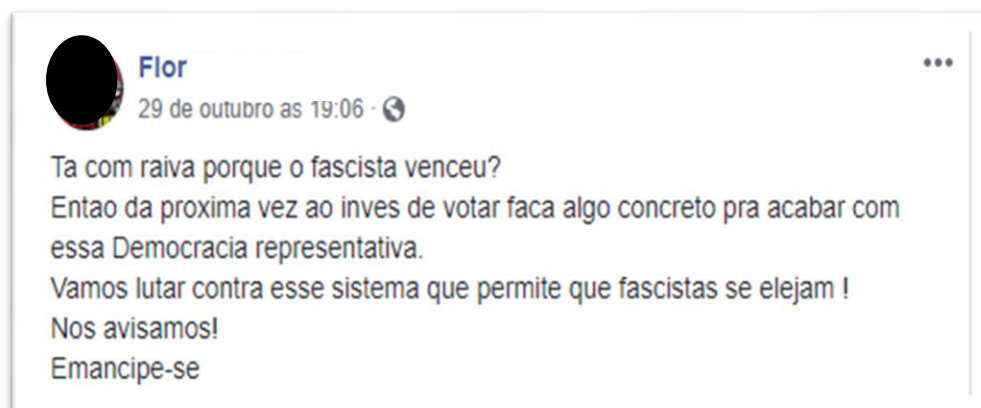
Enquanto não nos dedicarmos a esta ação individual e coletiva, estaremos nos braços do fascismo, que vai e volta, mas que nunca deixou de existir.

PS: a culpa não é de quem não votou, ou de quem votou, não se contradiga se dizendo democrático e agindo como autoritário, a culpa é de todas e todos que abandonaram as comunidades e o país, achando que as pessoas formariam uma consciência e senso de realidade, com essa escola, essa mídia e essa sociedade do consumo em que vivemos.

Fonte: Perfil pessoal de Talles, no *Facebook*.

Mas, como pensar em alternativas? Em *linhas de fuga*? Em um país em que a desesperança e o constante sentimento de "falta de saída" têm prevalecido, principalmente, se você é pobre, é negro, é gay, é mulher, é maioria, dentro de uma lógica mercadológica, capitalista.

Figura 11 - "Emancipe-se"¹¹²¹¹³



Fonte: Perfil pessoal de Flor, no *Facebook*.

¹¹² Flor é descendente cigana, militante do movimento *punk* da década de 80, educadora social, ativista dos direitos de crianças e adolescentes, autonomista e apoiadora dos movimentos culturais autônomos periféricos.

¹¹³ Publicação pessoal de Flor, autorizada para esta pesquisa.

Nas palavras de Baticum, o movimento autonomista é a “mosca” na “sopa” do sistema capitalista, que incomoda e que não pode ser exterminada, “mosca” que nas palavras de Raul “cê mata uma e vem outra em meu lugar”. *Reterritorializa-se*, assim, a linha de fuga de outrora, da “mosca na sopa” de Raul Seixas¹¹⁴, temos, então, um agenciamento de um corpo-periférico que tenta ser exterminado por “eles”, mas que insisti em viver, em existir. Ocupando, dessa forma, cada espaço, que “na real” é nosso. *Potencializando*, dessa forma, alternativas.

Eles combinam
Eles combinam
Eles combinam
De nos matar.

Nós resistimos
Insistimos
Persistimos
Em viver.

Somos a mosca na
sopa do sist¹¹⁵

[...]

Pensam que é tudo deles
Na real é tudo nosso
Governo é uma merda
A mentira é o teu sócio

Ser cidadão de bem
Plantando ódio
Vai ter um troço!

“Um Clássico Do *Funk*”. (BATICUM).¹¹⁶

Mas, os principais conflitos que o movimento de autogestão tem enfrentado, atualmente, são relacionados a posicionamentos políticos divergentes, principalmente, por parte da esquerda representativa. O movimento de autogestão recebeu (e fez) inúmeras críticas, principalmente, ao longo do processo eleitoral de 2018, em relação ao posicionamento de “Fora Todxs!” e “Não vote, lute!”.

Apesar dos conflitos existentes, é importante mencionar, aqui, que durante uma conversa coletiva na rua do amor no dia 26 de janeiro de 2020,

¹¹⁴ Raul Santos Seixas é um cantor e compositor brasileiro, um dos pioneiros do *Rock and Roll* no Brasil. Suas músicas fazem muito sucesso desde a década de 70, com temáticas filosóficas e contestatórias. Uma de suas músicas mais famosas é “Mosca na sopa”, com a qual o poema/canção de Baticum faz referência.

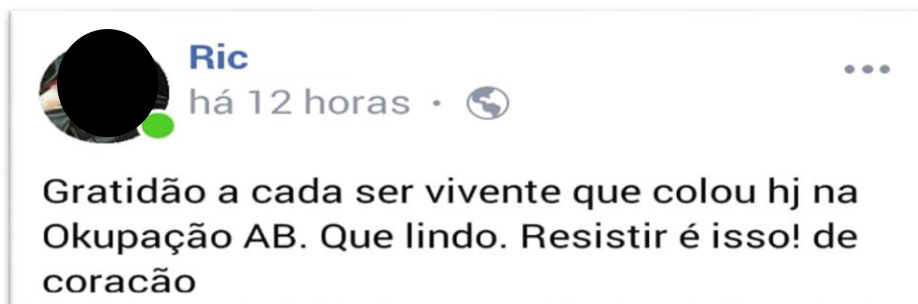
¹¹⁵ “Sist” faz referência a sistema capitalista.

¹¹⁶ Poema/canção de Baticum, autorizado para esta pesquisa.

concretizando o primeiro pré-encontro de organização do 4ª Encontro de Saraus; estabelecemos que o 4ª Encontro será, agora, um Encontro de Saraus Periféricos (de autogestão ou não), possibilitando, dessa forma, uma abertura de diálogo com os demais saraus periféricos da cidade. Fiquei muito feliz com esse posicionamento, pois acredito que é necessário, cada vez mais, concretizar esse diálogo entre os diversos movimentos periféricos. Compreender que o inimigo é outro e que precisamos nos fortalecer.

É nessa direção, que, nesta pesquisa, entendo o(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação”, no que diz respeito ao seu caráter espontâneo, como uma *Festa da Poesia*, uma festa crítica, um *devoir*, que embora se *reterritorialize* em prática, em cada edição do sarau, constantemente está se *desterritorializando*, pulsando como *linha de fuga*, *potencializando* alternativas. Como *multiplica* Madame Satã: “resistir é isso!” (Figura 12).

Figura 12 - “Resistir é isso!”¹¹⁷¹¹⁸



Fonte: Perfil pessoal de Ric, no *Facebook*.

3.3 “Territórios livres de todas as chacinas”: dos agenciamentos periféricos

“O homem coletivo sente a necessidade de lutar”
(Chico Science)¹¹⁹

¹¹⁷ Ric ou Madame Satã é um dos integrantes do sarau “Okupação” e demais práticas da Okupa(ção). Artista de rua, poeta, “utiliza-se da arte como ferramenta para (re)existir e TRANSMITIR vivências presentes no seu cotidiano, seja na poesia, RaP ou ocupações. Desde 96. Mil graus de revolta.” (SATÃ, 2019, p. 54).

¹¹⁸ Publicação pessoal de Madame Satã, autorizada para esta pesquisa.

¹¹⁹ Trecho da canção “Monólogo ao pé do ouvido” do cantor e compositor brasileiro Francisco de Assis França – conhecido como Chico Science.

Um agenciamento é uma simpatia, segundo Deleuze, Parnet (1998), “agenciamento é o co-funcionamento, é a “simpatia”, a simbiose. [...] É isso agenciar: estar no meio, sobre a linha de encontro de um mundo interior e de um mundo exterior” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 43-44), é quando diversas multiplicidades conversam, dialogam, um agir coletivo. Os agenciamentos podem, dessa forma, se dividir em duas faces, sendo a primeira relativa a essas diversas multiplicidades que trocam e constroem *devenir*, e a segunda aos processos de enunciação que acontecem nesta troca: respectivamente, *agenciamentos maquínicos de desejo* (corpos sem órgãos) e *agenciamentos coletivos de enunciação* (palavras de ordem):

Em síntese, os agenciamentos constituem negociações de sentido. Isso implica dizer que os sentidos não existem nas palavras em si, mas nas relações entre as pessoas, entre as pessoas e o mundo; assim, eles vão significando e ressignificando, como jogos de linguagem. (BRITO, 2019, p. 20).

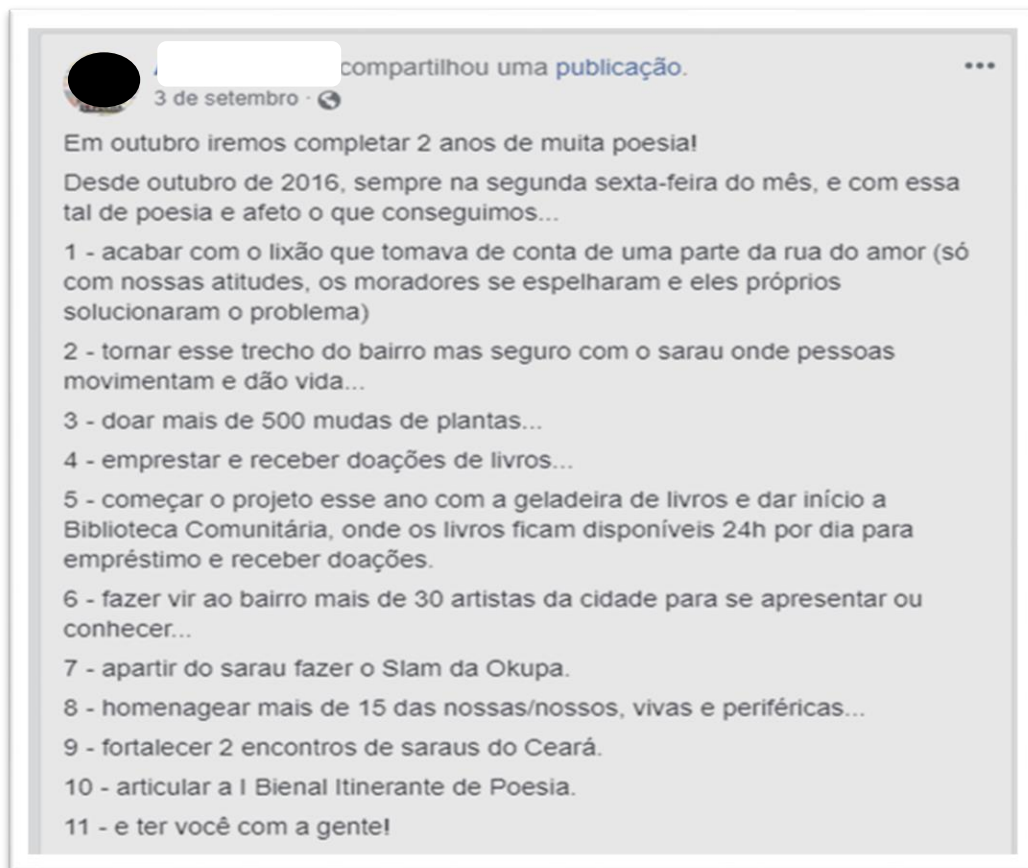
Para Deleuze; Guattari (2011b) linguagem é uma questão de política, antes de ser linguística. Nesse sentido, ao se pensar segundo o que é proposto por Silva (2017), em uma abordagem da linguagem e do social como uma relação imanente, como uma forma de vida, ou seja, um posicionamento político para a Pragmática; volto-me, nesta reflexão inicial, para a concepção de linguagem como um conjunto de *palavras de ordem* (DELEUZE; GUATTARI, 2011b):

Essa definição não significa que a palavra de ordem aponta para o que é a linguagem ou para uma origem da linguagem – algo não linguístico que determine algo linguístico. Nada disso, a linguagem não tem uma origem. Não podemos sair da linguagem, porque uma palavra de ordem devém outra palavra de ordem, como um dialogismo: um dizer que vem de outro dizer [...] Dessa maneira, há uma relação de imanência entre uma palavra ou qualquer enunciado, com atos de fala, com pressupostos implícitos na palavra de ordem. Esses atos de fala têm a característica de serem *incorpóreos*, potencializando sentidos quando são expressos [...] Um agenciamento, então, constitui-se dessa inseparabilidade entre linguagem e corpo; e por outro lado, ele é coletivo de enunciação e, por outro, maquínico de desejo. Não há um agenciamento coletivo de enunciação se ele não for, também, um agenciamento maquínico. (SILVA, 2017, p.54-55).

É nessa direção que traçamos *agenciamentos* periféricos de (re) existência no(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação”, uma vez que partimos de uma multiplicidade periférica autonomista, um corpo-periférico-autônomo, que potencializa novas possibilidades de vida, em vivência.

Por um lado, temos um corpo-periférico-autônomo maquínico *agenciando* desejos: desejo de acabar com um lixão, tornar o bairro mais seguro, de doar mudas de plantas, de emprestar e receber doações de livros, de potencializar uma Biblioteca Comunitária, de trazer diversos artistas da cidade para o seu bairro, de potencializar um *slam*, de homenagear os nossos e as nossas em vida, de fortalecer Encontros de Saraus, Bienais Itinerantes, de (re) EXISTIR nas periferias (**Figura 13**).

Figura 13 – Comemoração dos dois anos do sarau “Okupação”¹²⁰



Fonte: Perfil pessoal de Baticum, no *Facebook*.

Por outro lado, temos *agenciamentos de enunciações coletivas* – *palavras de ordem* – poemas, músicas, performances teatrais, etc – no e por jogos de linguagem – sarau, microfone aberto, oficina, *slam*, etc. Ambos, *potencializando*, assim, uma nova forma de vida (um *devir-periférico*, *devir-rua*), uma forma de resistência e existência coletiva por agenciamentos (*de enunciação e maquínicos de*

¹²⁰ Publicação pessoal de Baticum, autorizada para esta pesquisa.

desejo) aos processos hierárquicos e hegemônicos do *aparelho de Estado* opressor, ou seja, um *agenciar* no corpo e na linguagem.

Aos aspectos cadenciados pela estrutura linguística, Deleuze e Guattari (2011a) denominam agenciamentos coletivos de enunciação, porque não são produtos de uma realização individual, subjetiva, mas uma soma de possíveis elementos na interação entre indivíduos, de modo que compreendem, portanto, o plano do conteúdo. Tais agenciamentos, constituídos por (atos e) enunciados, palavras ditas, aglutinam-se a outros tipos de agenciamentos, os agenciamentos maquínicos de corpo. Estes, por sua vez, são constitutivos do plano da expressão, corpos reagindo uns aos outros, afetando-se por ações, paixões e desejos. (BRITO, 2019, p. 35).

Mapeamos, pois, as linhas deste corpo-periférico-autônomo que se conecta, *multiplicidades*, que se faz mulher e homem e negro e negra e branca e branco e gay e... e... e... existência. Um “estar humano” coletivo, que sente a necessidade de lutar, ressignificando a rua e as periferias, que passam, dessa forma, a também ser “centros”. Potencializamos, pois, por *agenciamentos*, a perspectiva de uma forma de vida periférica, de uma produção de subjetividade periférica autonomista, que ocupa as ruas e se reinventa como existência: criando territórios livres de todos os extermínios, de todos os massacres e de todas as chacinas, “como nos grita” o poema de Baticum.

4 “A FESTA DA POESIA!”: ENVEREDANDO POR UMA “OKUPAÇÃO”

4.1 “To-da-pe-ri-fe-ri-a é um cen-tro, oooo!!!”

“Aqui no nosso lugar
A desgraça deles não domina”

(Baticum).

Partimos, nesta pesquisa, de perspectivas que possibilitem o traçar de um *devir-rua*. Pensar um *devir-rua*, assim, como criação de pensamento na contramão de uma propriedade (privada) *agenciada* pelas linhas hegemônicas do Estado-nação. Dessa forma, consideramos que

O Estado-nação implanta uma soberania territorial que funciona a partir do modo de produção capitalista moldando também a forma do seu sujeito, cidadão brasileiro, pensar e viver [...] Ensina o que é a propriedade e a se relacionar com ela como “coisa”, sem vida, um objeto, que tem o lucro como fundamento principal [...] O Estado está sempre no ataque, ele quer controle soberano sobre o território, física e ideologicamente, assim, quando ele é atacado ou desobedecido por outra forma de vida que coloca sua pretensa soberania em questão ele parte para o ataque “resolvendo” o problema, por assimilação e por eliminação. (COELHO, 2019, p. 18).

Multiplicando o pensamento de Coelho (2019), o Estado-nação, pautado em produção e lucro, privatiza os territórios, físico e ideologicamente, trazendo a rua, por não ser um patrimônio privado e valorizado, para as margens. Dessa forma, a prática de um sarau autônomo, na rua, potencializa uma forma de resistência, mas, principalmente, de existência: outra forma de estar em situação de rua.

Nessa direção, uma vez que o(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação” acontece(m) na rua (do amor), temos como um dos principais *agenciamentos* deste corpo-periférico-autônomo¹²¹ um *devir-rua* traçado em cada encontro, em cada vivência. Baticum, nesse sentido, *multiplica*:

E nesse toque
vou cantando
eu vou dizendo
só mesmo a rua
sendo
esse é nosso lugar

¹²¹ Corpo que se conecta a cada um de nós, que moramos na periferia e (re) existimos na e pelas práticas autonomistas.

bota a cadeira
traz a espreguiçadeira
na calçada
não tem besteira
todos podem se sentar

e a conversa
vai rolando
a rua enchendo
gente subindo
e descendo
nessa rua sem parar

bota um sorriso
traz uma gargalhada
a rua dá de goleada
em shopping center
e tome pá!

A rua é nossa
a rua é “noiz”
a rua é de todos
na rua, todos têm voz

“A Rua É Noiz!”. (BATICUM).¹²²

Temos, assim, o *agenciamento coletivo de enunciação* “A Rua É Noiz!”, uma palavra de ordem, que ressignifica e democratiza os sentidos da rua, como parte deste corpo-político, dessa forma de vida. Nessa direção, um *devir-rua* reinventa o lugar da rua, que “dá de goleada em shopping center”, potencializando-a como território coletivo e livre, pois, “na calçada não tem besteira / todos podem se sentar”.

Um agir coletivo, pois, de *multiplicidades*, agenciando daqui do nosso lugar (a rua do amor, no bairro Antônio Bezerra (CE)) onde “a desgraça deles não domina”, como *agencia* Baticum, “deles” sujeitos que não são marginalizados nem exterminados nas periferias da cidade, os poderosos. Dessa forma, produzimos subjetividade periférica, um corpo-periférico maquínico, potencializado por diversas práticas autonomistas, entre elas a vivência do sarau, na rua, que “é de todos” e onde “todos têm voz”.

Democratizar a rua, dessa forma, também significa ressignificar o lugar das periferias, que é onde “essa rua” encontra-se, o lugar de onde “fala” o corpo-periférico-autônomo, a produção de subjetividade periférica autonomista que traçamos no(s) e pelo(s) jogo(s) de linguagem sarau.

¹²² Poema/canção de Baticum, autorizado para esta pesquisa.

Periferia que, sob linhas duras e hegemônicas, está geográfico e politicamente marginalizada, à margem dos ditos lugares centrais da cidade (as ditas áreas nobres), criando, dessa forma, segregações sociais, marginalizações. Nesse sentido, Baticum *multiplica*:

Nós somos e estamos por uma necessidade. É ela que nos impulsiona. Nossa cultura é um pouco diferente daquela que existe do outro lado da cidade. A gente acaba não seguindo os mesmos padrões. Por exemplo, a Okupação como sarau funciona com uma liberdade, com um microfone aberto no meio da praça e a coragem das pessoas. Nossa arte e cultura se dá na participação ativa das pessoas. Não há uma separação entre aquele que faz arte e o que assiste. Existe um atravessamento e um diálogo muito constante entre todos nós. A arte feita na periferia, reflete a nossa própria vivência dentro dela. A nossa cultura é baseada na busca por sobreviver. Com a nossa arte a gente afirma, todos os dias, o nosso direito de existir, sendo não apenas “periferia”. Nós também somos o Centro. Cada periferia é um centro. Somos centros sociais, com gente se relacionando em suas maneiras de existência. Somos centros econômicos, de onde as pessoas vivem e ganham sua renda. Somos centros políticos, diretamente refletindo e sendo reflexo da política. (BATICUM, 2019, p.1, *apud* BESSA; MELO, 2019, p. 1).

Assim, ao se *agenciar* que “Toda Periferia é um centro”, cria-se um território livre, potencializa-se as engrenagens da *máquina de guerra* que compõe o jogo de linguagem sarau “Okupação”, como *linha de fuga* e como *reterritorialização*, ressignificando o estar de um corpo-periférico-autônomo que potencializa novas formas de existência, uma periferia que também se faz centro social, econômico e político.

Com arte e cultura, vai
Ninguém nos segura, é

Territórios livres
De todos os extermínios
Territórios livres
De todos os massacres
Territórios livres
De todas as chacinas

Aqui no nosso lugar
A desgraça deles não domina.

Com arte e cultura, vai
Ninguém nos segura, é

Do AB¹²³ ao Pirambu
Nós fazemos o momento

¹²³ AB significa Antônio Bezerra, bairro periférico de Fortaleza.

Vem chegando o Sabacu¹²⁴

To-da pe-ri-fe-ri-a é um cen-tro, oooo!!!

To-da pe-ri-fe-ri-a é um cen-tro, oooo!!!

Com arte e cultura, vai
Ninguém nos segura, é

Ocupar é Resistir! Resistir! Resistir!

Só com a luta podemos mudar
Sem esse amor não dá pra existir!

Com arte e cultura, vai
Ninguém nos segura, é.

“Territórios Livres”. (BATICUM).¹²⁵

“Toda Periferia é um centro” faz parte do poema/canção “Territórios livres”, exposto acima, do artista Baticum, que trago como parte inicial do título e dos subtítulos desta dissertação, *agenciando*, dessa forma, sobre, para e com estas *palavras de ordem*, este *agenciamento coletivo de enunciação* que, como *linha de fuga*, de forma política, *desterritorializa* a perspectiva segmentária e hierárquica comum ao contexto da cidade de Fortaleza, que entende apenas algumas áreas da cidade como centrais, marginalizando outras. Por fim, *reterritorializa-se* em práticas de vida e em sarau (de rua) autonomista.

Potencializamos, assim, por meio desses *agenciamentos coletivos de enunciação*, dos jogos de linguagem poema/canção, desse corte no caos do plano de imanência; uma produção de subjetividade periférica autonomista que se conecta e se multiplica: uma forma de vida que se faz resistindo e existindo, ao possibilitar alternativas autônomas, no sentido que *multiplica* Graeber (2013), que rompem as linhas soberanas e violentas do Estado-nação. Nesse sentido, Rômulo *multiplica*:

A primeira demanda para a decolonialidade, portanto, é permanecer vivo. Criar outras formas de existências em face de uma política de morte. Re-existir: criar outras formas de vida enquanto potência criativa e insurgente. Um jogo entre falar da existência, tentar sobreviver, ser visto e ouvido. Não obstante, os e as poetas são sujeitos mediadores e mediados pela possibilidade de exercício das pedagogias da re-existência: uma poética da decolonialidade. (SILVA, 2019a, p. 34-35).

¹²⁴ Sabacu faz referência à movimentação cultural “Sabacu da arte no sistema”, que existia no bairro Pirambu, considerado um bairro periférico da cidade, e da qual Baticum participou. O poema/canção “Territórios livres” foi criado para este movimento.

¹²⁵ Poema/canção de Baticum, autorizado para esta pesquisa.

Agencia-se, assim, uma visão de mundo, um corte no caos do *plano de imanência*, entre as infinitas possibilidades de existir. *Potencializa-se* a forma de vida, visão de mundo, de um corpo-autônomo maquínico e desejante múltiplo, que se faz e *agencia por enunciações coletivas*, por jogos de linguagem, em (re) existência.

4.2 “Só com a luta podemos mudar”

“Eles quer me matar
Hoje tão sem sorte
Entrei na jogada
E o que não me fode
Me deixa mais forte”
(Madame Satã).

Ao entendermos linguagem como ação social, “um fazer”, temos o(s) jogo(s) sarau “Okupação” “fazendo” práticas culturais em vivência, em uso, temos diversas mudanças na e pela linguagem – em seu sentido mais amplo – que a prática do sarau “Okupação” potencializou e potencializa para os sujeitos que vivenciam o sarau, na rua do amor, onde se realiza; em cada encontro, em cada experimentação. “Para Freire (1987) a linguagem deve ser um meio de compreender e transformar a realidade em que vivemos” (ALENCAR, 2014b, p. 8), nessa direção, temos um olhar crítico e político para a linguagem do sarau.

Assim, ao incentivar as práticas artísticas dos sujeitos que moram nas periferias, o sarau “Okupação” funciona como um espaço de fortalecimento na e pela linguagem da poesia, da música, do microfone aberto, dos afetos, tornando mais fortes as lutas contra um sistema (político) desigual e violento, que extermina.

Além disso, a violência enquanto prática disseminada tem sido uma marca constante na sociedade brasileira, desde as relações colonialistas e escravocratas pelas quais se justificou (e ainda se justifica) em nosso país o extermínio e a dizimação de populações indígenas, negras, periféricas, entre outros exemplos. Assim, fruto de relações históricas, é possível observar a violência sendo disseminada, autorizada e, em alguns momentos, utilizada enquanto estratégia governamental de controle da população brasileira, como, por exemplo, durante o período de ditadura militar, no qual se justificava o extermínio daqueles que maculavam a ordem social imposta na época (Almeida, 2004). Consideramos, então, que são muitas as “vidas nuas” que circulam na sociedade brasileira, materializadas nos corpos negros, pobres, transexuais, travestis, indígenas, prostitutas, moradores de rua, mulheres, jovens de classes populares, entre outras possibilidades existenciais. Nesta perspectiva, analisamos o extermínio de jovens das periferias brasileiras como uma das expressões das relações de

extrema violência que incidem sobre populações delimitadas como fora do ordenamento discursivo circunscrito como “correto”, “adequado”, “normal” e “natural”. Ao localizá-los na norma como desviantes, torna-se justificável a circulação de um rol de ações violentas sobre estes corpos. (PIVETA; CARVALHAES, 2017, p.288).

Multiplicando as palavras de Piveta, Carvalhaes (2017), temos, assim, um sarau na contramão da violência enquanto prática disseminada, realizado por um corpo-periférico que em cada edição homenageia um dos jovens que “somam” em suas ações, um dos jovens vivos. Assim, Naul *multiplica*:

Tenho sede de conhecimento e sabedoria
Nasci nas quebradas
Me criei na periferia
E lá o gatilho sempre está a meio-fio para disparar!

POW! POW! POW!

Mais uma família de luto
para eles era só mais um preto vagabundo
Já vai tarde, ouvi dizer

Era envolvido? Ouvi perguntarem!
Até arma para forjar flagrante eu já vi implantarem!
E essa é a realidade que assombra a periferia
O preto morre e leva tiro todo dia.

A carne mais barata do mercado é a carne negra...
A carne mais barata do mercado é a carne negra...

Já dizia a saudosa Elza Soares [...]. (MATIAS, 2019, p. 44)¹²⁶.

Jovens que são escutados, aplaudidos, reconhecidos, construtores de uma expressão artística considerada válida e importante. A festa da poesia *agencia*, assim, uma revolução de vida que ocupa e ressignifica espaços, sobrevivendo e resistindo ao Estado-nação, que quando “desobedecido por outra forma de vida que coloca sua pretensa soberania em questão ele parte para o ataque “resolvendo” o problema, por assimilação e por eliminação”, como aponta Coelho (2019). Dessa forma, *agencia-se* um “*close de luta*”, uma ocupação, como *multiplica* Baticum:

Privilegiado no congresso discursiva:
- lugar de pobre e favelado é no tráfico e ter a vida curta!

¹²⁶ Naul é integrante das ações da Okupa(ação) e um dos idealizadores do sarau “Okupação”. “Nascido nas quebradas do “não se pode dizer de onde viemos” esquina com as vielas do “bairro X” do lado do “bairro Z”. Poeta insurgente, artista nas mais diferentes linguagens e educador social. Sempre de frente nos corres dos Saraus e resistências periféricas.” (MATIAS, 2019, p. 42).

Mas nós somos resistentes, nosso close¹²⁷ é de luta!
 Então, luta!
 Luta!
 Luta!
 Tá cheio de close errado
 Quer nos representar?

Ahhh!!!
 Não tem choro
 Nem mimimi
 Se não quer ajudar
 Não atrapalha
 Não vou repetir

[...]

Falar de democracia é fácil
 Quero ver sem poder e com o povo
 Burocratiza a participação
 Faz promessa
 E rouba de novo.

E quem?

Quem tá na rua?
 É pra Okupar!
 Quem tá na escola?
 É pra Okupar!
 Quem tá na praça?
 É pra Okupar!
 Se não tem moradia...
 Booommm!!!!
 Vamo Okupar!

“É Pra Okupar!”. (BATICUM).¹²⁸

Okupar, então, com a prática dos saraus, das bibliotecas, dos livros livres, das sementes e das mudas de plantas adotadas, da reciclagem de lixo, da ecologia e sustentabilidade, das batalhas de poesia (*slam*) e de muita arte e cultura. Sob esta perspectiva, como pensar nas práticas que a “Okupação”, como sarau e como movimentação de ação direta potencializa, de outra forma que não seja resistência?. Nesse sentido, Rômulo *multiplica*:

¹²⁷ “Close” ou “Dar close” é uma gíria da cultura LGBT– Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros - que significa a forma como você chama atenção para si, como você se apresenta para as pessoas.

¹²⁸ Poema/canção de Baticum, autorizado para esta pesquisa.

“Microfone Aberto!”- Gritou alguém entre um poema e outro em uma das favelas de Fortaleza. Logo em seguida uma poeta negra se levantou erguendo com ela a poesia em alta voz assinalando-nos o desvio. O *microfone aberto* aciona a espontaneidade dos saraus das periferias a sua imprevisibilidade inerente. A abolição da “lista de inscrição”, de uma “ordem” quase litúrgica preservada na história dos saraus brancos da elite rompe e ao mesmo tempo recria outro modo de ser e fazer saraus. O “microfone aberto” como palavra aberta subverte e ao mesmo tempo ressignifica a própria noção de “sarau”, criando relações entre as pessoas e o espaço de forma não hierarquizada e descentralizada; possibilidade não somente de fala, mas, sobretudo, de *escuta*; possui certa espontaneidade no encontro [...]. (SILVA, 2019b, p. 97).

A “Okupação” resiste (ocupa), assim, e possibilita mudanças e melhoras na qualidade de vida dos sujeitos “periféricos” do bairro Antônio Bezerra que são afetados direta ou indiretamente por suas ações. Contrapondo-se ao padrão hegemônico “de ser”, desigual e excludente, que põe as periferias e seus moradores à margem, disseminando um sentimento de perigo constante em relação a esse contexto, o que acaba por também silenciar, violar direitos humanos, categorizando, principalmente, a juventude, como “matável”, como multiplica Piveta, Carvalhaes (2017). Estereótipos esses propagados, principalmente, pela mídia oficial.

Os efeitos da categorização da juventude pobre e periférica como vida matável implicam em uma série de violências e violações de direitos, silenciadas e justificadas pelos discursos de guerra ao crime, garantia da segurança nacional e pessoal, entre outros, reforçados pelos enunciados midiáticos que, como vimos por meio dos trechos sinalizados neste artigo, localizam nesses jovens a violência, o risco, o perigo. (PIVETA; CARVALHAES, 2017, p. 287).

Padrão ideal e hegemônico “de ser” – o branco, o hétero, o rico, o consumidor etc – naturalizado e propagado, por vezes, até mesmo pelos sujeitos que residem em bairros periféricos, e que corrobora para a potencialização das linhas hegemônicas estereotipantes e desiguais na e pela linguagem/corpo, que afetam os moradores e, principalmente, os jovens, das periferias.

Naturaliza-se, assim, o famoso ditado de que “bandido bom é bandido morto”, em que todo sujeito periférico “cabe” no “papel” de bandido, “merecendo” ser exterminado nesta “guerra” irracional contra o crime organizado, que, infelizmente é parte da realidade das periferias, como um complexo problema social, mais um “resultado” de uma sociedade pautada em políticas coloniais. Principalmente, se “o

corpo-periférico” é um corpo-negrx¹²⁹, que como canta Elza Soares¹³⁰ e *agencia* Naul, é colocado no lugar estigmatizado histórico-social de “carne mais barata do mercado”.

A canção de Elza Soares escancara com a metáfora de “carne mais barata do mercado” o lugar em que é posto o corpo-negrx, em uma sociedade racista. Mas, que lugar é este? Como branca, creio que nunca vou saber, para além da criticidade que me ajuda a desconstruir diariamente o lugar de branquitude em que estou inserida... Nesse sentido, trago, o psiquiatra, filósofo e ensaísta negro Frantz Fanon (2008) que *multiplica*, sobre o corpo-negrx, que também é o seu:

Onde me situar? Ou melhor, onde me meter? Martinicano, originário de “nossas” velhas colônias. Onde me esconder? Olhe o preto!... Mamãe, um preto!... Cale a boca, menino, ele vai se aborrecer! Não ligue, *monsieur*, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós... Meu corpo era devolvido desancado, desconjuntado, demolido, todo enlutado, naquele dia branco de inverno. O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto! Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer! Nas proximidades do branco, no alto os céus se desmantelam, debaixo dos meus pés a terra se arrebenta, sob um cântico branco, branco. Toda essa brancura que me calcina [...]. (FANON, 2008, p. 106-107).

Neste sentido, *Lampião Encantado*¹³¹ *multiplica*, como memória de resistência de um povo periférico, que, em sua maioria, se reconhece como negrx, carregando “marcas” na casca/no corpo¹³², e, diante disso, potencializando *linhas de fuga*, “pois a alma do povo ninguém poderá oprimir”.

Se lembre do preto cafuso que o tempo esqueceu
É o dono do braço que a sua cidade ergueu

¹²⁹ O uso de “x”, ao longo deste trabalho, deu-se por respeito ao gênero que cada sujeito periférico reconhece como seu.

¹³⁰ Elza Soares é uma cantora brasileira negra. Uma das principais mulheres a representar a “voz”, metafórico e literalmente, da mulher-negra, no país.

¹³¹ “Feijão Preto” é uma canção do grupo musical “Lampião Encantado”, formado por moradores do bairro Antônio Bezerra. O grupo tem músicas autorais críticas que mesclam vários estilos musicais como o samba e a música regional nordestina. Souzinha, vocalista e compositor do *Lampião Encantado*, é também um dos idealizadores do sarau “Okupação”.

¹³² Faz-se importante a reflexão, aqui, de que “mesmo em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico da brancura, o que não é pouca coisa.” (BENTO, 2002, p. 27). Dessa forma é importante destacar como a questão do lugar racial histórico-social segrega e estigmatiza, até mesmo, os corpos-periféricos, uma vez que o corpo-periférico-negrx não recebe o mesmo tratamento que o corpo-periférico-brancx, este tem privilégios, mesmo quando ambos compartilham a mesma situação financeira.

Não se esqueça que a mancha de sangue que o sol já secou
É a liga da pedra da rua que o branco passou

A força do peito da preta pro filho nutrir
Não é feita pro preto é o branco que vai consumir
A lenha no fogo estala
Feijão preto o cheiro exala

E os batuques evocam os deuses pra nos redimir
E se o ferro quente nos marca
A marca só fica na casca
Pois a alma do povo ninguém poderá oprimir

“Feijão Preto”. (LAMPIÃO ENCANTADO).¹³³

Nesse sentido, o extermínio de uma população periférica que “não deita”, torna-se, cada vez mais, banalizado, principalmente, pelos programas policiais, que, como *multiplica* o Mc Dieguinho¹³⁴ da Serrinha, são um “atraso social”, pois nunca mostram as práticas de (re) existência que também existem nas periferias, “quero ver filmar um sarau e transmitir em rede nacional”, mostram apenas o sensacionalismo em torno da violência. Toda essa construção estereotipada e marginalizada de um corpo-periférico, considerando suas *multiplicidades* e particularidades, também possibilita as tentativas de regulamentação e criminalização das práticas autônomas e de (re) existência.

Baleado no teu conceito
Mesmo assim eu não deito¹³⁵
Passo por cima do teu preconceito
Não me rendo
Não me dou esse luxo
Você fala que é absurdo
Um preto viado
Passar por cima de tudo
Desse teu ódio imundo
Que pra tua decepção
Nunca irá me calar
[...]
Bebo a tua ignorância o dia inteiro
Meu palácio é o gueto
É dele que eu venho
Das masmorras da tua intolerância

¹³³ Letra de música do grupo “Lampião Encantado”, autorizada para esta pesquisa. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/lampiao-encantado/feijao-preto.html>. Acesso em: 12 fev. 2020.

¹³⁴ Mc Dieguinho é um jovem *rapper* morador do bairro Serrinha, que “soma” com diversas ações em parceria com o Programa de extensão “Viva a palavra”. Seu grupo “Enquadro *Rap*” e as batalhas de *rap* comuns no bairro Serrinha foram temáticas importantes da pesquisa cartográfica intitulada “A reexistência da periferia em letramentos de jovens *mcs*: uma análise de signos ideológicos nos jogos de linguagem do *rap*” (2018), realizada na Universidade Estadual do Ceará, por uma colega nossa do “Viva a palavra”, também orientada pela Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar.

¹³⁵ “Não deito” é uma gíria da cultura LGBT que significa “não me submeto, não desisto”.

Não estou aqui pra vingança
 Nem quero bonança
 Trago essa poesia de herança
 Talvez lhe trague esperança
 Talvez
 Talvez essa seja a última que eu recito pra vocês...
 Na minha favela
 Não tem sossego
 Durmo e acordo com tiroteio
 Sou atingido o ano inteiro
 Mesmo assim eu não deito. (MATHIAS, 2019, p. 11-12)¹³⁶.

O(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação” já sofreu diversas abordagens por parte da polícia, que já derrubou a geladeira de livros da Biblioteca Comunitária Okupação, além de realizar diversas paradas em viaturas, durante as edições do sarau, duas as quais eu presenciei, perguntando “do que se trata o sarau” ou alegando que os moradores deram queixa do barulho, quando, na verdade, não deram. Potencializam, dessa forma, uma lógica de que o artista é mais perigoso do que o bandido, pois possibilita uma “porta de saída” da política de morte do Estado-nação. Como agencia Madame Satã em uma “Favela gay”: “eles quer me matar”, mas, “hoje tão sem sorte / entrei na jogada / e o que não me fode / me deixa mais forte”. Nesse sentido, *agencia*:

Tô traficando meus versos
 E eles vêm com cocaína
 Edificando o meu expresso
 E eles nem sabem ainda
 Liga marcando mais um evento
 E eu vou lá de carteirinha
 Pulei a catraca, nem vendo
 Veio bancar o herói da crista
 Puxa, mas quero ver se tu aguenta
 Um mano à mana lá na pista
 Jogando meus verso no vento
 Violento pique de rinha
 Mostrando que tenho talento
 Tá tipo Gabriel Medina
 Medindo o tempo que eu tenho
 Tenho tanto do tempo ainda
 Contando o pés ao relento
 Lento, os guerreiros dessa vida
 Vinga, tô cheio de argumento
 Mas eles derrubaram a porta da vila

Pixa, as bixa tão se movendo
 Vendo o quanto é difícil ainda

¹³⁶ Adri Matias, uma “bicha preta poeta e periférica, integrante do *Slam* da Okupa/ Okupação AB, adoradora de arte e cultura. Ator desde dos 12 anos, autor de vários textos teatrais, atualmente passeando no mundo da poesia romântica e de luta, inspiradas nos acontecimentos bons e ruins de sua vida.” (MATHIAS, 2019, p. 10).

Garantir espaço nesse tempo
Mas as bixa daqui também pixa

Fervo, e ele me quis desse jeito
Mas sai pra lá língua de licho
Vai ser do jeito que eu receito
Eu sentado e você por cima
Lindo, todo formoso e eu sedento
Se senta de novo tu pira

[...]

Hey, governo que quer respeito
Respeita os que tá vivo ainda
Não adianta, é sem jeito
Eles não nos enxergam ainda
Vamo dar dor de cabeça ao governo
Tocar fogo nessa latrina
Uma dor que cause desespero
Tipo mindinho que bate na quina

Quina, não aposto em loteria
Mas eu não crítico os que quer ficar rico
Da noite pro dia

Vem, dia 5 é correria
Quero pagar tudo o que eu devo
A mãe tá nos corre da vida
Levando as conta no peito
Água, escola e energia
Sabem que se num paga é sem jeito

Fiz essa com uma meiotá
Imagina com o litro inteiro
Desemboca nessa história
Vento que sopra ligeiro

Tá chegando o Carnaval
Eu vou me esconder no banheiro
Todos querem paz em fevereiro
Mas eu quero paz o ano inteiro

Cansados de ter que aturar
Autoridades hipócritas
Nós, revolução, ninguém nota
Ceará só vira nota
Quando chacina nos gueto

Já editei essa letra mais do que eu deveria
Daqui pra mais tarde eu termino
Ou enquanto durar essa minha boêmia

Sinta toda a dor no meu peito
Deito preconceito sarrando na

Rima, verso que vale dinheiro
Rima, e eu queimando uma sativa
Viva, leve a vida do seu jeito
Gueto, favela é quem mais te ensina
Sina, grave que bateu no peito, deito

E o leito que falta no hospital
 Reflete a falta de respeito
 E pinta com sangue a dor da família

“Admirável bixa loka”. (SATÃ).¹³⁷

Madame Satã nos traça as linhas de um “diário de favela”, esta que é “quem mais te ensina”, *agenciando* em “Admirável bixa loka” uma vivência cotidiana na e pela periferia, de um corpo-periférico que também se faz como um corpo-bixa. Vivências de (re) existência e ocupação, ao pular catracas e ir para eventos, de carteirinha. Um “diário de favela” que joga seus versos no vento e reconhece seu talento, o talento “das manas e manos” periféricxs¹³⁸.

Assim, Madame e todas as “bixas” e demais formas de existência periféricas, vão ocupando espaços, resistindo, mesmo sabendo “o quanto é difícil ainda / garantir espaço nesse tempo”. Mas, as bichas tão se movendo, as bichas daqui também “pixa”, declama Madame, “dando dor de cabeça” pro governo, “tacando” fogo nessa ladrilha, uma dor tipo dedo mindinho que bate em uma quina.

Temos, dessa forma, a política de vida de um corpo-periférico que se conecta com diversos corpos/*multiplicidades*, corpo-negrx, corpo-mulher¹³⁹, corpo-bixa, corpo-branco, corpo-homem, corpo-hétero, e... e... e...., corpos-periféricos-autônomos que se “corporificam” no “lugar periférico” da rua do amor, em uma periferia de Fortaleza (CE).

Potencializamos, dessa forma, uma *gramática de revide* (SLVA, 2017)¹⁴⁰, de um corpo-periférico insistente, em busca de paz “o ano inteiro”, desestruturando, nas e pelas práticas autônomas, no e pelo jogo(s) de linguagem(ns) sarau, as linhas hegemônicas de um Estado-nação assassino, violento, ao resistir no e pelo afeto.

¹³⁷ Poema de Madame Satã, autorizado para esta pesquisa.

¹³⁸ O uso de “x”, ao longo deste trabalho, deu-se por respeito ao gênero que cada sujeito periférico reconhece como seu, uma vez que muitos sujeitos têm orientação LGBT.

¹³⁹ Parto, aqui, do corpo-mulher como meu principal lugar, o que “me cabe”, como participante das ações autonomistas. Dessa forma, acho importante destacar como no espaço dos saraus periféricos, entre eles, os autonomistas, ainda é predominante a participação em maior número de corpos-homens. Por esse motivo também, é que juntas estamos *agenciando* saraus feitos por e para mulheres, como é o caso, por exemplo, do “Pretarau – sarau das prestas” e o sarau que estamos pensando juntas para ser realizado aqui no bairro Barroso/ baRRósas, futuramente.

¹⁴⁰ “Quando falamos em organismo, remetemo-nos a um regime de corpos, configurado por um agenciamento que pressupõe uma máquina abstrata. A respeito de máquina abstrata, podemos traduzi-la como uma gramática de uma *forma de vida*. Assim, uma máquina abstrata nada mais é do que uma gramática [...] Em termos de gramática, entendemos que a máquina de guerra é uma *gramática de revide* contra o Estado e seus aparelhos. Tem como uma de suas características principais o fora, a exterioridade como multiplicidade imanente que lhe impulsiona contra a interioridade que satisfaz uma máquina abstrata e os aparelhos de Estado.” (SILVA, 2017, p. 60).

4.3 “Sem esse amor não dá pra existir!”

“existe um lugar
onde o amor e a poesia pairam no ar
trazendo a cada um de nós
a esperança de um novo dia”
(Mika).

Coelho (2019), ao mostrar a perspectiva de cosmovisão ameríndia, vai em direção às afinidades e aos afetos presentes em cada vivência, em cada forma de vida. Nesse sentido, ao pensar na prática de existência e resistência que o(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação” possibilita, não podemos deixar de pensar também que essas práticas acontecem nos e pelos afetos de cada sujeito que *agencia*, “um lugar onde a poesia paira no ar/ trazendo a cada um de nós a esperança de um novo dia”, como *multiplica* Mika.

Dessa forma, as afinidades e os afetos que perpassam a forma de vida periférica sarau “Okupação” fortalecem um amor coletivo e um amor próprio desta produção de subjetividade periférica, potencializado por ações (diretas), totalmente espontâneas. Acredito que um dos princípios mais admiráveis das práticas autonomistas, entre elas o sarau, consiste em estar em experimentação, espontaneidade. As pessoas não “somam” com as ações diretas por obrigação, os limites são respeitados. Possibilitando uma ação, então, movida por afetos, uma rede de afetos (SILVA, 2019a), em que não existe o medo do “peso” que o afeto pode carregar, como *multiplica* Tlaloc sobre Historiador:

O poeta escravo dos escritos rasos das prosas poéticas sem significado, que fala de afetos sem ter medo do peso que esses carregam. Preto, poeta e periférico, estudante de história na academia, e professor de sua própria história na poesia [...]. (RICARDO, 2019, p. 30)¹⁴¹.

Nessa direção, a espontaneidade e os afetos que perpassam o(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação” *potencializam um agir* no e pelo amor, amor próprio e amor coletivo, presente nos *agenciamento coletivos de enunciação*, que trago, aqui, desse corpo-periférico-autônomo, que se conecta com diversas *multiplicidades* por afinidades e por afetos, entendendo esses como *multiplica* Pereira (2014):

¹⁴¹ Trecho da biografia de Historiador, presente na antologia poética “Ruma: poemas de saraus”, um dos integrantes do sarau “Okupação” e demais práticas da Okupa(ção).

“afetamo-nos uns aos outros, e as relações constituem-se do poder de ser afetado”. O envolver-se de um corpo afetado por desejos, esses, por sua vez, afetando *enunciados coletivos*.

Os afetos são, pois, as constantes flutuações de nossas potências. Afetos revelam singularidades, porém afetamo-nos uns aos outros, e as relações constituem-se do poder de ser afetado. “Afecções são imagens ou marcas corporais; e suas idéias englobam ao mesmo tempo a natureza do corpo afetado e a do corpo exterior afetante” (DELEUZE, 2002, p. 55, grifo do autor). (PEREIRA, 2014, p. 115).

Nesse sentido, temos de um lado, um amor próprio, fortalecido pela prática de um sarau que homenageia, aplaude e reconhece a expressão artística de um “estar” periférico, sob *linhas de fuga* de um padrão hegemônico de “ser”, um padrão colonial, patriarcal e racista. Naul *multiplica*:

Você já detestou ser você?
 Acordar de dia e não desejar ser quem é.
 Olhar o corpo e pensar que não vai caber.
 Você já detestou ser você?
 Olhar seu nariz largo e querer que fosse fino
 Tentar alisar até ele esmorecer.
 Você já detestou ser você?
 Ter cabelos crespos e alisar para pertencer.
 Você já detestou ser você?
 Acordar em sonhos molhados
 Com desejos repudiados
 Que não te fazer parte daquilo que te
 Doutrinaram a querer ser.
 Você já detestou ser você?
 Somos seres, e em cada um de nós cabe um universo.
 Tenha seus desejos, pule muros
 seja você.
 Aceite quem é você.
 Você já amou o seu ser?. (MATIAS, 2019, p. 43).

E você, “já detestou ser você?”. Um “ser” que não se enquadra nos padrões estabelecidos, que não “pertence”, um “ser” marginalizado. Como amar “seu ser” quando se estar marginalizado por um padrão hegemônico – branco, hétero, rico, consumidor [...] -. Ao ressignificar a perspectiva, o olhar para o “ser” periférico, *agenciando*, dessa forma, sob uma política de forma de vida, possibilita-se a potência de um imenso amor próprio: (re) existir na contramão dessas hegemonias torna-se, assim, um motivo para ter orgulho. E você, já amou o seu ser?

Amor próprio que também se constitui de forma coletiva, como uma rede, um afetar uns aos outros. A prática do sarau, de um “lugar de poesia”, assim, une os

corpos periféricos, traz esperanças, alternativas, “um novo dia”. Nesse sentido, Mika, *multiplica*, com o poema que escreveu sobre e para o sarau “Okupação”, lido no dia em que foi homenageada (com amor!), na rua do amor.

existe um lugar
 onde o amor e a poesia pairam no ar
 trazendo a cada um de nós a esperança de um novo dia
 enchendo os corações de felicidade e alegria
 é aqui nesse mesmo lugar
 onde a craniada se reúne
 buscando sempre a melhorar
 pra que ao findar o dia e irmos pra outro espaço voar
 permanecermos unidos
 por um elo que está sempre sendo fortalecido
 o amor, a união e a sinceridade no olhar de cada irmão, aqui ninguém é
 perfeito, isso eu digo sem ter medo de errar
 mas a gente buscando sempre se melhorar
 o amor que nos dá força pra lutar
 permanecendo com este amor no coração
 acreditando na evolução de cada irmão
 com toda certeza unidos sempre iremos estar
 eu só tenho a agradecer de coração por cada um que aqui está
 fortalecendo esses laços de amor
 em busca de um futuro promissor
 e vamo “okupar “
 vamo okupar seu coração
 vamo okupar a sua rua
 vamo okupar com amor
 e pra todo aquele que desacreditou
 eu só desejo o amor. (MIKA¹⁴²).¹⁴³

É nesta direção que se faz(em) o(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação”, ao *agenciar* como corpo-periférico-autônomo maquínico e coletivo, como uma forma de vida, como enunciados coletivos, que “okupa” e ressignifica na e pela linguagem dos afetos, do amor, sem os quais “não dá pra existir”.

Queria escrever uma poema
 Uma poema
 Assim
 Assim com gosto de abraço

Mas
 Só sei escrever
 Poemas de luta
 Talvez de amor

É
 Poemas com cheiro de luta

¹⁴² Mika é integrante do sarau “Okupação” e demais práticas da Okupa(ção).

¹⁴³ Poema de Mika, autorizado para esta pesquisa.

E amor
É o que eu faço.

“Uma poema afirmativa”. (BATICUM).¹⁴⁴

Assim, nós “permanecemos unidos / por um elo que está sempre sendo fortalecido”, (re) existindo na e pelas linhas do sarau “Okupação”, potencializando territórios livres, cada vez mais, nas periferias da cidade.

Nesse sentido, trazemos, a seguir, algumas considerações, algumas (in)conclusões, uma vez que esta pesquisa, ao pensarmos sob perspectivas cartográficas, *potencializa* um meio, que nunca se conclui, mas vai se recriando em novas e diversas linhas.

¹⁴⁴ Poema de Baticum, autorizado para esta pesquisa.

5 (IN)CONCLUSÕES

“Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso:

Faz de conta que eu estou sonhando”

(Carolina Maria de Jesus).¹⁴⁵

Trouxemos, aqui, as linhas dessa *rede de afetos* (SILVA, 2019a) que se propaga pela cidade e que afetou a mim e a tantas pessoas. Este foi o mapeamento que fizemos neste pequeno-longo tempo de vivência (inclusive, anteriores) das práticas relacionadas diretamente ao sarau “Okupação” e demais ações autonomistas, no contexto de Fortaleza - CE e região metropolitana. É importante comentar, novamente, que as práticas de saraus na cidade são orgânicas, como comentou Monique, explodindo sempre em novas linhas, novos territórios, dando continuidade a este rede que nunca finda, mas, se recria e se expande. Dessa forma, pensar em linhas também nos leva a considerar todas as mutações que os processos de subjetividade podem potencializar.

Nesse sentido, não temos apenas linhas de fuga que possibilitam novos territórios, mas também novos territórios passíveis de estratificarem, em processo, voltando a agenciar uma linha “dura”, hegemônica. Faço esta reflexão, aqui, no sentido de que o movimento de saraus, compreendido em cartografia, em linhas; não está isento de também potencializar hegemonias, principalmente, ao considerarmos que todos nós, sujeitos da cidade de Fortaleza – CE, brasileiros, estamos inseridos em um sistema histórico e culturalmente estrutural e desigual.

Dessa forma, acredito que também cabe a nós, participantes do movimento de saraus autônomos, reconhecer quando nossas linhas potencializam desigualdades e violências na e pela linguagem. Trago essa reflexão porque o movimento de saraus autonomistas também tem suas contradições, também já protagonizou, em algumas de suas práticas¹⁴⁶, situações de racismo, machismo e

¹⁴⁵ Trecho (p. 26) do livro “Quarto de despejo: Diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus, publicado em 1958. Carolina é uma escritora negra que morou grande parte de sua vida na favela do Canindé, na zona norte de São Paulo, sustentando a si mesma e seus três filhos como catadora de papéis. Seu livro/diário retrata por meio de uma prosa poética sensível o cotidiano difícil que configurava as primeiras favelas brasileiras, em que a miséria e a violência já eram realidades constantes. Carolina escrevia, assim, seus diários, como uma *linha de fuga*, um sonho vivo, uma alternativa de saída dessa realidade.

¹⁴⁶ É importante comentar, aqui, que um dos casos de machismo existentes no movimento de saraus aconteceu de uma pessoa contra uma das manas integrantes do “Pretarau – sarau das prestas”. Nesse sentido, houve uma reunião, uma conversa coletiva, visando um posicionamento contra

homofobia, ainda que seja um movimento voltado à luta contra essas violências. Acredito que todos nós estamos passíveis a “cair na prisão” das linhas duras, segmentárias, em nossos encontros, na vida. Como *multiplica* Mika “aqui ninguém é perfeito”, mas buscando sempre “melhorar”.

No entanto, no que diz respeito ao “corpo” deste trabalho, uma vez que parti do objetivo político de agenciar sobre, para e com, detive-me, aqui, às linhas que potencializam as práticas autonomistas de (re) existência. Escolha esta que julgo importante, pois, visa fortalecer essas práticas, também de dentro dos espaços institucionais, como o de uma universidade, implodindo, assim, de dentro para fora. Além de não legitimar as diversas tentativas de deslegitimação e criminalização que o movimento “sofre”, ora por parte dos dois “braços” do Estado, a polícia e o crime organizado; e ora por parte de outros movimentos sociais, por vezes, com posicionamentos políticos divergentes. Tentativas essas que quando consideradas acabam por reduzir toda a potência que os espaços autônomos tornam possíveis, configurando mais uma forma de “extermínio”, no plano simbólico¹⁴⁷, desta forma de vida.

Nessa direção, também pontuo, aqui, nessas (in)conclusões, o fato do movimento de saraus estar se posicionando, conversando coletivamente e buscando um posicionamento também coletivo contra essas práticas. Uma tentativa de reconhecimento e de melhora. Nesse sentido, o 4ª Encontro de Saraus, que está com previsão para se realizar em julho de 2020, terá como uma das pautas da conversa coletiva a existência dessas práticas de violência, e como o movimento pode *agenciar* para que não volte a acontecer. Essa pauta ficou acordada em uma conversa coletiva do dia 26 de janeiro de 2020, na rua do amor.

Por fim, é importante olharmos para as linhas do(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação”, traçadas ao longo desta dissertação, como uma política de vida, de uma vivência outra, a de um corpo-periférico-autônomo que ressignifica seu lugar: um “faz de conta que estamos sonhando”, quando a realidade se faz por

esse e futuros casos de machismo dentro do movimento. Além disso, foi realizada a edição do sarau da B1, do mês de fevereiro, como uma companha em parceria com as manas do “Pretarau”, contra o machismo, pois “resistência não combina com machismo!”.

¹⁴⁷ O movimento de saraus tem potencializado e ressignificado, assim, seu próprio espaço, nas periferias da cidade. E, nesse sentido, também tem sofrido preconceito por parte de outros movimentos de saraus, não periféricos, ao comentarem que estão “abrindo” espaço para a periferia. Dessa forma, é importante destacar, aqui, que o sarau das periferias têm seu próprio espaço, os demais espaços são ocupações, dessa forma, não é necessário que se “abram portas”.

linhas duras. Conhecer o(s) jogo(s) de linguagem sarau “Okupação”, em cartografia, é conhecer as *multiplicidades* que o(s) transpassam, a *rede de afetos* da qual ele(s) faz(em) parte, as alternativas que ele(s) *agencia(m)*. Assim, o sarau que nunca é o mesmo, que é outro, um novo, torna-se uma potência, um agenciamento periférico de (re) existência, ao agir (agenciar) feito “Okupação”.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. **Por uma pragmática cultural**: cartografias descoloniais e gramáticas culturais em jogos de linguagem do cotidiano (PRAGMA CULT). Fortaleza: Mimeo, 2013.

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Pragmática Cultural: uma visada antropológica sobre os jogos de linguagem. *In*: SILVA, Daniel do Nascimento e; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. **Nova Pragmática**: modos de fazer. São Paulo: Cortez, 2014a. p.78-100.

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. **Programa Viva a Palavra**: circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra na periferia de Fortaleza. Fortaleza: Mimeo, 2014b.

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. **Searle interpretando Austin**: a retórica “do medo da morte” nos estudos da linguagem. 2005. 285 f. Tese (Doutorado em Estudos da linguagem) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269108/1/Nogueira_Claudiana_D.pdf. Acesso em: 07 nov. 2019.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AZIGON, Talles. Conheça Anitta Moura, inspire-se e liberte livros pela cidade. *In*: AZIGON, Talles *et al.* **Tallesazigon.wordpress**. Fortaleza, 28 mar. 2018. Disponível em: <https://tallesazigon.wordpress.com/2018/03/28/conheca-anitta-moura-inspire-se-e-liberte-livros-pela-cidade/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

AZIGON, Talles (org.). **Ruma**: poemas de sarasus. Fortaleza: SECULT, 2019.

AZIGON, Talles. Talles Azigon. *In*: AZIGON, Talles (org.). **Ruma**: poemas de sarasus. Fortaleza: SECULT, 2019, p. 90-92.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. cap. 3, p. 52-75.

BATICUM. Conversa coletiva na rua do amor. [Entrevista cedida a] Bruna Santos Silva. **Mestrado em Linguística Aplicada** – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 17 ago. 2018.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In*: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 25-58.

BESSA, Flávia; MELO, Igor de. Ao som das margens cearenses, o batuque provocativo de Baticum. **Revista Vós**, Fortaleza, 2019, out. Disponível em: <http://www.somosvos.com.br/ao-som-das-margens-cearenses-o-batuque-provocativo-de-baticum/>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BONFIM, Marco Antonio Lima do. **Queres saber como fazer identidades com palavras? uma análise em pragmática cultural da construção performativa do sem terra assentado no MST-CE**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/pesquisa/dissertacoes/>. Acesso em: 07 set. 2019.

BRITO, Gílian Gardia Magalhães. **Corpo político e jogo de linguagem de mulheres ciclistas**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/pesquisa/dissertacoes/>. Acesso em: 01 jan. 2020.

CARDOSO, Gleudson Passos. Padaria espiritual e a “república do povo”. In: CARDOSO, Gleudson Passos; SEBASTIÃO, Rogério Ponte (orgs.). **Padaria espiritual: vários olhares**. Fortaleza: Armazém da cultura, 2012. p. 99-114.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Manizales, 2010, n. 1, jan./jun. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/alianza-cinde-umz/20131216065611/art.LourencoCardoso.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2020.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Perspectivismo e multiculturalismo na América indígena. In: CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

COELHO, Felipe. **Tekora Arandu Arakuaa: o lugar do modo de ser e o saber dos ciclos dos céus**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019. 1 CD-ROM.

COSTA, Isabel. Carta aos poetas do nosso tempo. **O Povo**, Fortaleza, 24 ago. 2019. Disponível em: <http://blogs.opovo.com.br/leiturasdabel/2019/08/24/carta-aos-poetas-do-nosso-tempo/>. Acesso em: 30 jan. 2020.

D'ALVA, Roberta Estrela. *Slam*: voz de levante. **Rebento**, São Paulo, 2019, n. 10, p. 268-286, jun. Disponível em: <http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/360>. Acesso em: 25 jan. 2020.

DÉIA. Biblioteca Viva!. [Entrevista cedida a] Bruna Santos Silva. **Mestrado em Linguística Aplicada** – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 23 jan. 2020.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011a. v. 1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011b. v. 2.

ÉDER. Biblioteca Viva!. [Entrevista cedida a] Bruna Santos Silva. **Mestrado em Linguística Aplicada** – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 23 jan. 2020.

ERNESTO, João. “Toda periferia é um centro”: uma história do movimento de saraus nas periferias de Fortaleza. **Revista Berro**, Fortaleza, 2019, set. Disponível em: <https://revistaberro.com/reportagem/toda-periferia-e-um-centro-uma-historia-do-movimento-de-saraus-nas-periferias-de-fortaleza/>. Acesso em: 30 jan. 2020.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescritões em curso. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. cap. 1, p. 45-65.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. *E-book* (194 p.). ISBN 978-85-232-0483-9. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf. Acesso em: 22 abr. 2020.

FIGUEIRÊDO, Reginaldo. **Eu vi o invisível**. Fortaleza: Substância, 2015.

FIGUEIRÊDO, Reginaldo. Templo da poesia. [Entrevista cedida a] Bruna Santos Silva. **Mestrado em Linguística Aplicada** – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 08 fev. 2020.

FREIRE, Janaina Lisboa Lopes. **Uma análise círculobakhtiniana do estilo e da responsividade em propaganda antiviolença sexual infanto-juvenil: o caso da campanha publicitária *Childhood* Brasil**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/pesquisa/dissertacoes/>. Acesso em: 15 jan. 2020.

GOMES, Emanuel Pedro Martins. **Problemas do consórcio análise do discurso crítica/realismo crítico: descrevendo os circuitos e os cursos de ação para uma análise sócio-crítica do discurso**. 2018. 238 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/download/teses/>. Acesso em: 22 jan. 2020.

GRAEBER, David. **O anarquismo no século XXI e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Rizoma editorial, 2013.

LIMA, Andressa Lídicys Moraes. **“Okupar, resistir, insistir”**: uma etnografia das práticas de ocupação urbana – Fortaleza/ Ceará. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-

Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em:
http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/12287/1/OkuparResistirInsis tir_Lima_2012.pdf. Acesso em: 21 abr. 2020.

LOPES, Luiz Paulo da Moita (org). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MATHIAS, Adri. Não deito. *In*: AZIGON, Talles (org.). **Ruma**: poemas de saraus. Fortaleza: SECULT, 2019. p. 10-12.

MATIAS, Luan. O ser. *In*: AZIGON, Talles (org.). **Ruma**: poemas de saraus. Fortaleza: SECULT, 2019. p. 42-44.

MATIAS, Luan. Resistir. *In*: AZIGON, Talles (org.). **Ruma**: poemas de saraus. Fortaleza: SECULT, 2019. p. 42-44.

MONIQUE. Encontro de saraus. [Entrevista cedida a] Bruna Santos Silva. **Mestrado em Linguística Aplicada** – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 26 jan. 2020.

MONIQUE. Monique. *In*: AZIGON, Talles (org.). **Ruma**: poemas de saraus. Fortaleza: SECULT, 2019. p. 66.

OKUPAÇÃO. **Nossas sementes estão brotando**. Fortaleza, 13 set. 2019. *Facebook*: Okupação Okupação Okupação. Disponível em:
<https://www.facebook.com/okupacao.ab/posts/526794221410507>. Acesso em: 10 jan. 2020.

OLIVEIRA, Klycia Fontenele. **Práxis comunicativa no Antônio Bezerra**: das memórias do vivido às imagens do bairro e de si que os moradores constroem. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em:
http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14625/1/2015_dis_kfoliveira.pdf. Acesso em: 20 abr. 2020.

ORLANDI, Luiz Benedicto Lacerda. Linhas de ação da diferença. *In*: ALLIEZ, Éric (org.). **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 49-63.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. *In*: LOPES, Luiz Paulo da Moita (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. cap. 2, p. 67-84.

PEREIRA, Juliana Cristina. Cartografias afetivas: proposições do professor-artista-cartógrafo-etc. **R. Ra'e Ga**, Curitiba, 2014, p. 106-130, abr. Disponível em:
<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/36087/22265>. Acesso em: 06 fev. 2020.

PIVETA, Ruth Tainá Aparecida; CARVALHAES, Flavia Fernandes de. A juventude das periferias como alvo da violência: uma análise sobre enunciados difundidos pela sociedade brasileira. **Psicologia política**, Porto alegre, 2017, n. 39, p. 277-292,

mai./ago. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v17n39/v17n39a07.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2020.

PRADO JÚNIOR, Bento. A idéia de “plano de imanência”. *In*: ALLIEZ, Éric (org.). **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 307-322.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Consejo latino americano de Ciências Sociales (CIACSO), 2005. p. 227-278.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Nova Pragmática**: fases e feições de um fazer. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A pesquisa política e socialmente compromissada em pragmática. *In*: SILVA, Daniel do Nascimento e; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de (orgs.). **Nova Pragmática**: modos de fazer. São Paulo: Cortez, 2014a. p.101-128.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Prefácio: da arrogância cartesiana à “nova pragmática”. *In*: SILVA, Daniel do Nascimento e; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de (orgs.). **Nova Pragmática**: modos de fazer. São Paulo: Cortez, 2014b. p.11-14.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Repensar o papel da linguística aplicada. *In*: LOPES, Luiz Paulo da Moita (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola editorial, 2006. p. 149-168.

RICARDO, Felipe. Felipe Ricardo. *In*: AZIGON, Talles (org.). **Ruma**: poema de saras. Fortaleza: SECULT, 2019. p. 30-32.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula; NUNES, João Arriscado. "Introdução. Para Ampliar o Cânone da Ciência: a diversidade epistemológica do mundo". *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa (org). **Semear Outras Soluções**: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 21-121.

SANTOS, Maria aparecida dos. Salas, quartos e quintais: consumo cultural e produção autoral de bandas roqueiras na periferia de Fortaleza. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 18., 2017, Brasília. **Anais eletrônicos [...]**. Brasília: SBS, 2017. Disponível em: <http://www.adaltech.com.br/anais/sociologia2017/resumos/PDF-eposter-trab-aceito-1908-1.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

SATÃ, Madame. Madame Satã. *In*: AZIGON, Talles (org.). **Ruma**: poemas de saras. Fortaleza: SECULT, 2019. p. 54-56.

SILVA, Jony Kellson de Castro. Por uma Pragmática menor: tensões entre linguagem, corpo e política. *In*: FERREIRA, Dina Maria Martins (org.). **Estudos críticos da linguagem**. Curitiba: Appris, 2017. p. 53-68.

SILVA, Jony Kellson de Castro. **Produção de subjetividade Geek**: uma cartografia dos jogos de linguagem na *rede geek*. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/pesquisa/dissertacoes/>. Acesso em: 05 jan. 2020.

SILVA, Tatiane Rodrigues da. **A reexistência da periferia em letramentos de jovens MCS**: uma análise de signos ideológicos nos jogos de linguagem do RAP. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/pesquisa/dissertacoes/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SILVA, Francisco Rômulo do Nascimento. **Rede de afetos**: práticas de re-existências poéticas na cidade de Fortaleza (CE). 2019. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019a. Disponível em: http://www.uece.br/ppgsociologia/index.php/arquivos/doc_view/847-?tmpl=component&format=raw. Acesso em: 17 jan. 2020.

SILVA, Francisco Rômulo do Nascimento. A palavra aberta. *In*: AZIGON, Talles (org.). **Ruma**: poemas de saraus. Fortaleza: SECULT, 2019b. p. 97-99.

SOUSA, Jocimara Rodrigues de. **Margens na mídia**: a mídia entre a literatura marginal e a indústria cultural. 2012. Dissertação (Mestrado em Mídia, Informação e Cultura) – Programa de Pós Graduação em Mídia, Informação e Cultura, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/427-1215-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

TENNINA, Lucía. Saraus das periferias de são paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. **Est. lit. bras. contemp.**, Brasília, 2013, n. 42, p. 11-28, jul./dez. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n42/01.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2020.

TOTAL REPÚDIO A REGULAMENTAÇÃO DOS SARAUS E ROLEZINHOS. **Nota de total repúdio ao governo do estado do Ceará**. Fortaleza, 19 abr. 2019. *Facebook*: Total repúdio a regulamentação dos saraus e rolezinhos. Disponível em: https://www.facebook.com/totalrepudioaregulamentacaodossarauserolezinhos/posts/362323851051963?__tn__=K-R. Acesso em: 23 jan. 2020.

VAZ, Sérgio. **Flores de alvenaria**. São Paulo: Global, 2016.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2014.